PQ
9261
.V55F6

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .V55F6

1953
4147

FOLHAS SOLTAS

POR

E. A. VIDAL

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL
Travessa da Parreirinha, 26
1865

FOLHAS SOLTAS

POR

E. A. VIDAL

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL
Travessa da Parreirinha, 26
1865

PQ9261
.V55F6

387270
'29

AMK 22 my 32

Começo hoje a publicação regular das minhas obras. Causas diversas me impediram de realisar mais cedo este projecto, que em mim foi sempre firme e assente, pela razão exclusiva de me não parecer banal. Vencidas ellas, cumpria-me satisfazer o que eu tinha como obrigação moral e indeclinavel, embora outros lhe chamassem vaidade pueril.

No seculo que vamos atravessando, a missão regeneradora pertence em grande parte á litteratura. Quem tem no espirito uma idéa, deve arremeçal-a ao mundo, e deixal-a germinar e fructificar. O progresso caminha mais sobre as azas das muzas do que sentado nas locomotivas.

Isto não é regeitar o progresso material, nem tão pouco attribuir aos meus pobres versos o poder do aperfeiçoamento humano, — quero tanto á sciencia que se diffunde, como á arte que se popularisa, —

isto é simplesmente dizer porque vim tambem a publico, é dar razão do meu aparecimento.

Se os versos prestam ou não prestam, dil-o-ha a critica desassombrada e franca; o que, porém, não é licito n'este momento em que todos os olhos se volvem para o idéal, e em que todos os espiritos procuram o bello; o que ninguem póde fazer n'este seculo IX, sem demittir primeiro a consciencia, é cruzar os braços, inerte e indifferente, e por causa de um receio vão, de uma possibilidade de derrota, das tempestades que podem condensar-se no horisonte, deixar de soltar a voz e de alistar-se no immenso apostolado que vae prégando a bôa nova.

Estamos, além d'isso, n'uma quadra de verdadeira excitação litteraria. Actualmente os arraiaes assentam-se, e desfraldam-se as bandeiras. As opiniões definem-se, os bandos extremam-se, e mais de um contendor florêa a lança, prompto a descer á lucta. Capuletos e Montaigus encaram-se de má avença. As escaramuças presagiam o combate. Agora, como d'antes na Grecia antiga, a neutralidade é um peccado feio e enorme. Cada qual tem de apresentar bem clara a sua divisa, e de professar bem alto a sua fé. Ou se immola á verdade ou ao symbolismo, ou se faz do idéal um anjo ou uma esphynge, ou o pensamento divaga por entre as flores da terra, ou se perde em meio das brumas caliginosas. Cumpre sair a campo, e dar sem medo o testemunho das proprias crenças. A mudez é um crime. Desculpam-se os arrebatamentos porque são filhos da agitação do espirito. Tanto de um como de outro lado ha luctadores robustos. Estes procuram a verdade, aquelles

embrenham-se no entenebrecimento: estes proclamam a soberania da graça despertenciosa, da candura angelica, do puro cormentalismo; aquelles mantem a realeza das nebulosidades indecifraveis, — a divindade do enigma.

A qual dos bandos pertence o livro que hoje sáe a publico, creio que é facil percebel-o. Soldado raso e humilde n'esta brilhante legião de campeadores, sigo-a, comtudo, e devoto-me aos mesmos perigos.

«Perfice gressus meos semitis tuis.»

As folhas soltas ahi estão para ser julgadas; não sei se alguma cousa valem, dou-as, todavia, com o animo satisfeito do que contribue com o seu obolo.

Ha agora um ponto em que devo fazer certo reparo, não por vaidade, que não tenho, mas para apresentar simplesmente uma idéa, uma desconfiança, uma supposição litteraria.

Antes de eu ter escripto *Fernando, Beppa, O lyrio do val, Magdalena,* e todos os demais romances de egual indole, já publicados ou ineditos, ter-se-hia dado alguem entre nós a cultivar este genero de poesia, que é, restrictamente, o que Alfredo de Musset creou em França, e de que só elle é mestre e modelo?

Expliquemo-nos claramente.

O romantico de Garrett e de Bulhão Pato, isto é, a *Dona Branca* e a *Paquita,* frisam com outra escola mais remontada, mais cavalleirosa, mais opulenta, mais cheia de galas poeticas, e que tem sua raiz no poema de Ariosto.

«Le Donne, i Cavalier, l'arme, gli amori,
«Le cortesie, l'audaci imprese io canto.»

O romantico de Alfredo de Musset contenta-se com as regiões menos elevadas, vive, por assim dizer, na familia e no lar, é mais narrativo do que dramatico, tem mais do conto que do poema, sustenta-se de divagações e de apropositos, em resumo, estou que, guardadas as proporções devidas, não derrubará o sobr'ôlho se o aparentarem collateralmente com as novellas de Boccaccio.

Penso que a asserção não involve paradoxo. Embora estas duas escolas, tão irmãs e tão queridas, se filiem no mesmo tronco remoto, uma d'ellas bracejou para mais alto, em quanto a outra se deixou viver ao rez da terra. D'estes dois ramos abençoados tem saído immensos rebentos. Vivendo da mesma seiva, creados ao mesmo sol, emballados pelas mesmas auras, cada um d'elles tem tomado rumo differente. O caracteristico de Musset distingue-se do de Espronceda, como o d'este do de Byron ou de Henri Heine. A musa do poeta francez, como elle proprio o disse, divaga travessa, e conta os seus romances singelos entre um sorriso e um beijo. A do hespanhol é mais grave; a meditação prende-a por vezes, e quando as angustias a dilaceram, o sarcasmo esvoaça-lhe nos labios. Byron é o aventureiro sublime, o poeta de coração aberto a todas as affeições, e de espirito acceso em todos os enthusiasmos, natureza multiplice, creança enorme, que hoje verbera a humanidade, e que ámanhã lhe irá reivindicar os direitos, votando-se a uma hacatombe de heroes. O *Pepe* de Bulhão Pato é o verdadeiro *D. Juan* da litteratura peninsular.

Henri Heine é o motejo fino, o septicismo galhofeiro,—Voltaire sem a gargalhada estridente, mas com a ironia na palavra,

Eis o que me inclina ao reparo que fiz acima, reparo que, sem alterar nem de leve a filiação do genero, tende, porém, a indicar a feição propria, a individualidade dos seus diversos ramos. No que elles todos se assimilham, no que elles todos fraternisam, é no fim benefico, nas consequencias salutares e prestadias a que devem dar origem. Fundir o real com o idéal, juntar o finito com o infinito, sobrepôr o util ao bello, dar ao homem as azas do anjo e ao anjo as lagrimas do homem, cazar o céu com a terra, eis no que, para todos elles, consiste a arte moderna.

O coração do povo é o edificio immenso onde os obreiros do futuro devem lidar e trabalhar á finca. N'este edificio ha pouca luz. Derrame-se-lhe em jorros. Cada verso que aballa é uma centelha que deslumbra.

Agora nada mais tenho a accrescentar. O publico dirá se as FOLHAS SOLTAS significam uma esperança ou um desalento; se presagiam a murchidão ou os fructos.

Novembro, 1865.

I

FERNANDO

(A. A. HERCULANO)

> Je sais bien que le lecteur n'a pas grand besoin de savoir tout cela; mais j'ai besoin, moi, de le lui dire.
>
> ROUSSEAU.

Este romance é puro; a phantasia
Não lhe inventou sequer um episodio.
Digo o que sei, tratei de muito perto
Quantos aqui figuram,—muitas vezes
Entrei tambem no drama desditoso
Que passo a apresentar sem mais rodeios.

Este seculo é máu para os perfumes
Do extase ideal, sorri-se sempre
Dos transportes sem fim de qualquer louco
Que inda escreve dois versos derretidos
Á lua, ao rouxinol, á dôce aragem,
Ao ribeiro da encosta, aos olhos negros
De algum *ignoto deo* por quem suspira.
E tem razão! Quem ouve o som dos hymnos
Quando chia o wagon, e a terra geme
No constante lidar de mil obreiros?...
D'esta verdade nua e pavorosa
Surgiu inteira a acção d'este romance.

Fernando era um rapaz poeta e pobre
Que eu d'antes conheci; (hoje conheço
Pobres-poetas e *poetas-pobres,*
Por mal dos meus peccados)! quem o visse
Pallido sempre e triste e pensativo,
Julgaria talvez que era do rancho
Dos vates sepulchraes,—pois illudia-se.
A morte é sempre pallida, e Fernando
A murmurar em paz deixava o mundo.

Seus cantos eram frescos e suaves
Como os cantos d'amor de uma donzella;
Costumava soltal-os sobre o monte
Onde se ia assentar quasi ao sol-posto.
Nunca o mundo os ouviu,—improvisava-os
Como o vento que passa, como as aves,
Como as ondas do mar, como as florestas;
Dava-lh'os Deos,—soltava-os livremente.

Eu podia fazer d'aquella vida
Um romance, phantastico e tremendo
Como Lara, talvez, como Manfredo,
Como Antony, Renè, Werther, Eurico,
(Salvo o talento meu que é cousa áparte)!
Mas para que? mentia, e sobre o tumulo
De um martyr que expirou entre os meus braços,
Ia sagrar ao mundo um canto infame,
Em vez de derramar sinceras lagrimas!

Uma tarde d'outono, quando as folhas
Caíam, quasi murchas, do arvoredo,
Vi-o cair tambem; ao longe, o mundo
Nem o pensou sequer;—mas o sol-posto,
Mas os ramos do val, mas os murmurios
Da viração subtil, gemeram tristes
Pelo som d'essa voz que a Deos subia,
Ou que saudava a terra em flebeis hymnos.

A sua historia é esta, o seu legado
Que ao morrer me deixou, cyfra-se apenas
N'este pequeno livro que eu transcrevo.

São dez dias d'amor, dez longos dias
De um martyrio fatal, são dez suspiros
Que o coração desprende, embalsamados
De ventura, e de dôr, dez harmonias
De uma harpa que estallou, e jaz agora
No recesso do val, perdida e triste!

I

Maio — 4 — ao alvorecer.

Eu tinha ido sentar-me solitario
Na montanha d'além, sob uma olaia.
O céo era de purpura, na veia
Do ribeiro gentil que ao pé corria
Espelhava inda timido os seus raios.
As calhandras cantavam, pelo espaço
Corria a viração toda perfumes.
Gostava d'ali estar; lá muito ao longe
Inda via a janella onde por vezes
Vinha Helena sentar-se; n'aquella hora
Só lá estava o vasinho d'açucenas
Que ha dois dias lhe dei,—bem me recordo!

Que amor! como nasceu dentro em nós ambos!
Que mysterio do céo! Oh, quem podéra
Volver ao tempo alegre e descuidado
Dos sorrisos, da infancia e dos folguedos.
Que me serve adoral-a, se esta vida
Vae fugindo de mim, se heide perdel-a,
Deixal-a cá na terra entre o ruido
D'estes homens sem fé, sem luz, sem nada;
Deixal-a, como a flôr da brenha rude,
Perdida na aridez; deixal-a triste

Entre lascivas mãos, que hãode perder-lhe
Aquella acesa côr, aquelle aroma
Que me tem sido o encanto da existencia!...

Céos! que fareis da misera
Quando eu deixar o mundo,
Sem este amor profundo
Que inda hoje lhe sorri?...
Senhor, que ás aves timidas
Dás pão, dás lar no inverno,
Estende o olhar paterno
Á que eu te deixo aqui.

Lá quando a vires pallida
Chorar no desconforto,
Invia-lhe ao seu hôrto
Um serafim dos teus.
Quando anhelante e pavido
Choravas no martyrio,
Anjos do santo empyreo
Cá te mandava Deos!

Oh, como a terra esplendida
Se adorna de mil flôres,
Que variegadas côres,
Que amor que o céo nos diz!
E eu vou fugindo,—alongo-me
De tanto brilho e tanto:
Quebrado está o encanto
Do meu viver feliz!

Irei,—quando o crepusculo
Baixar sobre o horisonte,
Quando seccar no monte
A relva luzidia,
Quando expirar o cantico
Das aves saudosas,

E não brotarem rosas
Ao despontar do dia.

Bem sinto; o outono apressa-se
Em desdobrar seu manto,
E eu deixarei o encanto
Que ainda hoje me sorri;
Mas tu, que solitaria
Cá ficarás na vida,
Ai, não te esqueças, qu'rida,
Do que morreu por ti!

Esta idéa da morte fez-me triste.
Levantei-me d'ali, era inda cêdo
Para viver com ella algumas horas.
Começava o bulicio, as cantilenas
Resoavam no val, por toda a aldêa,
Aos gorgeios das aves respondiam
Os cantos festivaes das creancinhas.
Puz-me a scismar n'essa alegria immensa,
N'essa vida a pullar, n'essa frescura
Que respirava tudo, emquanto ao largo
Já se ouvia um chilrar confuso e ledo,
Que as brisas da manhã vinham trazendo.

—«Lindas pastorinhas
Que fazeis, formosas?
Vinde colher rosas,
Que ha de varias côres.
Quando a aurora acende
Sua luz bemdita,
Tudo em nós palpita,
Tudo diz amores.»

—«Eu sou pequenino,
Bem o sei, bem sinto,
Mas mentir, não minto,
Lindo amor que eu vi.

Se de tarde brinco,
Se risonho jogo,
Fico triste logo,
Quando penso em ti.»

«Tu sorris e passas
Pastorinha louca,
Mas a tua bôcca
Balbucia... o que?
Quando eu fôr crescido
Viverei comtigo
No casal amigo
Que d'aqui se vê!»

«Dar-te-hei tudo, tudo
Que ha no mundo inteiro,
E um fiel rafeiro
Velará por ti.
Eu sou pequenino,
Bem o sei, bem sinto,
Mas mentir, não minto
Lindo amor que eu vi!»

—«Lindas pastorinhas
Que fazeis, formosas?
Vinde colher rosas
Que ha de varias côres.
Quando a aurora acende
Sua luz bemdita,
Tudo em nós palpita,
Tudo diz—amores!

O canto foi morrendo pouco á pouco
Té se sumir de todo; eu caminhava
A pensar nas endeixas d'esse infante
Que promettia tanto á sua bella.

Oh, ter dez annos, divagar contente
No vasto prado, errar pelas florestas
Á luz do sol, crescer ardente e livre,
Sentir o coração bater no peito
Como qu'rendo sair, e vir cá fóra
Buscar alguem por quem suspira ha muito,
Eis a vida, o prazer, poesia, encantos,
Paraiso na terra, amor em tudo!

E eu caminhava só, fitando a sombra
A crescer sepulchral sob os meus passos

Quando sahi do val, hia correndo
Um cardume infantil pela campina;
E a voz, que ha pouco ouvira, inda soava
Chilrando estas endeixas amorosas.

—«Eu sou pequenino,
Bem o sei, bem sinto,
Mas mentir, não minto,
Lindo amor que eu vi.
Se de tarde brinco,
Se risonho jogo,
Fico triste logo
Quando penso em ti.

«Lindas pastorinhas
Que fazeis, vaidosas?
Vinde colher rosas
Que a manhã rompeu.
Tudo agora encanta,
Tudo diz amores,
Nos botões das flôres
Se reflecte o céo!»

II

Maio — 10 — ás 7 horas da tarde.

Tinha passado o dia pensativo;
Pensativo porque? não sei, mysterios
Tenho na vida, que entender não posso,
Que me fazem scismar por largas horas.
Quando o sol descaíu, desafogou-se
Minha tristeza vã, senti-me alegre,
Fui divagar em paz, — era sol-posto.
Que fiz então? porque sorria ás vezes
Quando o vento agitava as densas ramas?
Porque olhava em redor quando a avesinha
Desprendia, ao passar, um flebil pio?
Coração de creança que palpita
Ao minimo rumor, — o meu pullava,
Como o de uma donzella apaixonada,
Quando a primeira vez abraça o amante!
. . . . . .
. . . . . .

Ella por fim chegou; vinha de branco,
Affrontava-lhe o rosto uma madeixa
De annellados cabellos, sobre o collo
Candido véo lhe ia ondulando solto.
Sentou-se ao pé de mim, — tinha vinte annos
O meu amor, Helena, a minha vida.
Sentou-se ao pé de mim, — sobre o meu hombro,
Como cansada, reclinou a fronte.

Oh, como eu sou feliz, quando me alongo
Do rumoroso mundo, e socegado
Espraio o coração sobre delicias!
A ambição do poder, o falso brilho,
O nada das grandezas, porque almejam
Tantos fatuos d'além, que vale tudo

Ao pé do monte agreste, onde eu me assento
A respirar amor em cada brisa!

—«Amor é tudo quanto ha bom na terrra,
Tudo que é santo se resume aqui;
Rebentam lyrios na escarpada serra,
Florescem prados quando amor sorri.

Que diz a aurora quando rompe amena
Banhando a terra de esplendente albor?
Que diz ao longe a viração serena?...
Amor,—e os éccos vão dizendo,—amor!

Remoça a vida quando em nós palpita
Intimo affecto que a sorrir nasceu;
Verdeja a planta que um rumor agita,
Se orvalho amigo lhe baixou do céo.

Reluz a estrella mais brilhante e linda
Se uma outra ao longe mil ternuras diz;
E percorrendo a solidão infinda
N'outros espaços vae viver feliz.

Nós tambem livres do lavor do mundo
Juntos vivemos sem pezar, sem dôr.
Quem nos inleva n'um prazer profundo?...
Amor,—o os éccos vão dizendo,—amor!

Amor é tudo quanto ha bom na terra;
Tudo que é santo se resume aqui;
Rebentam lyrios na escarpada serra,
Florescem prados quando amor sorri!»

Quando o canto expirou, a minha Helena
Apertou-me em seus braços convulsivos.
Entrámos pelo céo, foi um relampago
De jubilo ideal que n'aquella hora
Refulgiu sobre nós; sentimos tudo

Que sente o coração, quando se despe
Das grosseiras paixões, e livre e puro
Sobre rosas descansa ao pé dos anjos!

Depois, ao despedirmo-nos, um beijo
Veio findar o encanto d'essas horas:
Ella, então, ao dizer-me o adeos extremo,
Gostosa murmurou sobre os meus labios:

—«Amor, é tudo quanto ha bom na terra,
Tudo que é santo se resume aqui;
Rebentam lyrios na escarpada serra,
Florescem prados quando amor sorri.

Remoça a vida quando em nós palpita
Intimo affecto que a sorrir nasceu.
Toda a minha alma de prazer se agita
Que esta ventura me baixou do céo.

Oh, vem comigo, na campina agreste,
Por entre as balsas desabrocha a flôr;
Dá-me os teus beijos, viração celeste,
Enche a minha alma d'encantado amor.»

III

Julho—4—ás 9 horas da noite.

Helena fôra estar não sei que dias
Com sua velha mãe; morava longe
Aquella santa mãe! hoje, de noite,
Recebi—juntamente co'um raminho
De saudades e lyrios, uma carta.
Uma carta, oh meu Deos! como anhelante
A tenho unido ao coração e aos labios!
Aqui seus meigos olhos divagaram,
Aqui sua mão gentil pousou por vezes,

Aqui toda a sua alma, concentrada
Nas saudades de mim, desceu inquieta.

Oh, meu Deos, oh, meu Deos, como anhelante
A tenho unido ao coração e aos labios!
E julgo então que a sinto, que lhe escuto
O som da terna voz, que me segreda
Mil protestos d'amor, mil doidos beijos!

A FERNANDO

Valle — Julho — ás 3 horas da tarde.

«Não te esqueço! aqui, tão longe,
Penso em ti, como pensava
Quando ha pouco te abraçava,
E me dizias: «sou teu»
Não te esqueço! o amor materno
Dá-me luz que é santa e pura;
Mas comtigo ha mais ventura,
E mais dôce a luz do céo.

Olha, escuta, — quando á tarde
Vou divagar na campina,
Onde outr'ora pequenina
Fui tantos annos brincar,
Não sei, amor, porque choro,
Que tristeza sem motivo
Me faz o olhar pensativo,
E o rosto na mão firmar.

Minha mãe beija-me inquieta:
—«Porque scismas? porque choras?
«Não passes tão triste as horas,...
«Anda, folga, eu vou tambem.
«Não vês tu que me entristeces,
«Filha; filha, minha vida?...»
E eu beijo-a então commovida,...
Bem sabes que é minha mãe!

Depois — á noite, sentada
Junto da minha janella,
Quando a lua amena e bella
Começa a romper no céo,
Penso em ti, penso nas tardes
Em que ao teu peito me unias,
Quando alegre me dizias:
«Sê minha como eu sou teu!»

Fico assim por largas horas
Vendo sempre a tua imagem;
Tua voz sôa na aragem,
Tudo que é teu me sorri.
Ai, não te esqueças, Fernando,
Da que suspira na ausencia
Pelos dias d'innocencia,
Passados junto de ti.

Em breve parto, não tarda
Que outra vez seja comtigo;
É só lá que eu tenho abrigo,
É só lá que encontro lar.
Como andorinha inconstante
Fujo rapida á campina,
Onde outr'ora pequenina
Fui tantos annos brincar!

Mãe, passado, amor, socego,
Irmãos da infancia querida,
A cruz singela da ermida
A cuja sombra cresci,
Os lyrios da minha encosta,
Minha lareira d'inverno,
Digo a tudo o adeos eterno,
Tudo me esquece por ti!

Pobre amor, quantas saudades
Te andarão tristes rallando!...
Não chores, não, meu Fernando,
Não chores, te peço eu.
Inda teremos na vida
Todo o fulgor d'esses dias
Em que alegre me dizias:
«Sê minha como eu sou teu!»

IV

Julho — 8 — ao pôr do sol.

Hontem chegou Helena; eu fôra esp'ral-a
Na ribeira d'além; o que sentimos
Ao vêrmo-nos então, não se descreve,
Mas sabe-o o coração, que é quanto basta.
Vinha pallida e triste, — nos meus beijos
Encontrou viço e côr; vinha abatida,
Mas sorriu venturosa entre os meus braços.

Eu sentia-me mal, mal como nunca.
De que? porque razão? seria acaso
A tristeza do amor que me affligia?
Oh, de certo que não! mas vendo apenas
Um sorriso feliz rodar-me os labios,
Ella pensava só que eu remoçára,
P'ra viver ao seu lado eternamente!

Dei-lhe o braço e partimos; quando entrámos
Na nossa pobre aldêa, o doido bando
D'aquellas creancinhas que folgavam
N'uma manhã de maio, atravessava
Modulando os seus carmes perdilectos:

—«Eu sou pequenino,
Bem o sei, bem sinto,
Mas mentir, não minto,
Lindo amor que eu vi:
Quando fôr crescido
Viverei comtigo,
No casal amigo
Que se vê d'aqui.»

«Lindas pastorinhas
Que fazeis, vaidosas?
Vinde colher rosas,
Não scismeis em vão.
Quantas partorinhas
Morrerão d'amores,
Sem colherem flôres
Que adorando estão!»

Olhei-a, ella córou, e alguns momentos
Ficou muda a pensar; depois sorrindo,
Como quem deixa um sonho deleitoso,
Disse-me só: «Talvez, talvez o canto
«Fosse aviso do céo! mas essas flôres
«Que incauta mão ceifou, para n'uma hora
«Lhes tomarem o cheiro inda innocente,
«Que hãode fazer depois, quando ficarem
«Desbotadas e murchas na devesa?»

«Tu sorris e passas
Pastorinha louca,
Mas a tua bôcca
Balbucia,... o que?
Quando eu fôr crescido
Viverei comtigo,
No casal amigo
Que d'aqui se vê!»

«Lindas pastorinhas,
Não scismeis d'amores;
Vinde colher flôres,
Vosso peito ornae:
Quando a rosa murcha
No calôr do seio,
Não tenhaes receio
Se esfolhada cáe.»

«Perfumada brisa
Lhe virá da serra;
Subirá da terra
P'ra voar ao céo:
Lindas pastorinhas
Que fazeis, formosas?
Vinde colher rosas
Que a manhã rompeu!»

E colhemos as rosas, e aspirámos
O perfume subtil d'aquellas flôres;
Mas agora, meu Deos, — responde, agora
Que hãode murchas fazer? ornar-me a campa?...

V

Julho — 15 — ás 11 horas da manhã.

Ha seis dias que soffro; estar enfermo
É bem triste, não é? viver recluso,
Sem vêr o sol, sem vêr os pequeninos
Que saltam pelo val, que vão seguindo
As borboletas mil folgando livres,
Sem respirar nas brisas que sussurram,...
E entrever um futuro que se tolda
Cada vez mais; — gemer no desconforto
É bem triste, meu Deos; oh, mas quem sabe
Se heide tornar a vêr tantas delicias!

O medico não deixa um só momento
De velar junto a mim, que santo homem!
Quando me vê scismar, toca de leve
Na minha fronte, e diz-me co'um sorriso:
—«Em que pensa? Bem sei que esta poesia
«Hade gostar-lhe embalde as horas todas.
«Ora esqueça os seus versos, não se engolphe
«Em vãs cogitações, despreze as rimas,
«Mais as muzas gentis que invoca sempre.
«O tempo dos Orpheus passou ha muito;
«Hoje, quem canta só, morre de fome.
«É preciso escrever na prosa altiva,
«No pedregoso estylo dos politicos;
«Trovejar nos comicios, ser tribuno,
«Arranjar tres commendas farfalhudas,
«E ao vento da ambição soltar a vela!»

Isto dizia o velho; eu respondia-lhe
Mil tontices talvez, e o pensamento
Tornava a divagar de sonho em sonho.

Mal que deram tres horas levantei-me
Para escrever um pouco á minha Helena

A HELENA

C... — Julho 15 — ás 3 horas da tarde.

Ai, Helena — bem tristes momentos
Me tem vindo inlutar a existencia;
Como punge a saudade na ausencia,
N'esta ausencia tão longe de ti!
Só de noite, sonhando, me alegro
Porque julgo sentir-te ao meu lado,
Só nos sonhos evoco o passado,
Onde esta alma se espraia e sorri.

Não te esqueço, não creias! suspiro
Por deixar este leito de dôres;
Quero alegre vagar entre as flôres
Quando a aurora desponta no céo;
Quero á tarde sentar-me comtigo,
Esconder no teu seio o meu rosto,
E banhado na luz do sol-posto
Repetir-te mil vezes: «Sou teu!»

Pois de que, de que serve esta vida
Que em minha alma conserva o destino,
Se não vejo o semblante divino
Que aos meus beijos se inflamma em rubor?
Que me importa que o sangue agitado
Inda corra em meu peito anhelante,
Se o teu seio palpita distante,
Se distante suspiras de amor?

Não, não tarda que eu volva contente
Aos meus dias de paz e de encanto,
E que enxugue em teus olhos o pranto,
Bemdizendo os mandados do ceu.
Não, não tarda que alegre e ditoso
Vá sentar-me no amigo recosto,
E que esconda em teu seio o meu rosto,
Repetindo mil vezes: «sou teu!»

VI

Agosto, 4, ao alvorecer.

Eis-me de novo bom; talvez de tarde
Saia a gozar do campo. Oh, como o dia
Será longo p'ra mim, que longas horas
Hei de passar aqui antes de vêl-a.
Mas hei de vêl-a, amal-a, unil-a ao peito,
E o coração sorri-me d'esperança!

VII

Agosto, 4, ao sol posto.

Ditosa, contente,
Risonha, sem pena,
Sentára-se Helena
No monte d'além,
Fui pôr-me ao seu lado,
Protestos fizemos,
E os beijos que demos
Andaram por cem.

O sol que descia
No vasto horisonte,
Dourava inda o monte
Com doce clarão;
Cantavam as aves,
O prado sorria,
Pullava a alegria
No meu coração.

O vento da tarde
Batendo o pinheiro,
Soprava ligeiro
Vertendo frescor;
E os eccos sumidos
Que ao longe se ouviam,
Diziam, diziam
Segredos d'amor!

N'um fragil arbusto
Que ao perto avultava,
Não sei que chilrava
Mansinho e tam bem;...
Que vida, que enleio,
Que instantes gostosos
Passámos ditosos,
No monte d'além!

—«Sou tua, só tua,
«Meu bem, minha vida;
—«Meu anjo, querida,
Não córes, sou teu!...»
E as brisas cantavam
Beijando teu rosto;
E a luz do sol posto
Brilhava no céu!

—«Bem haja o destino
«Que inflamma o meu seio
«Não tenho receio
«Dos tempos por vir:
«Nem sombra d'angustia
«Me passa na idéa;
«Minha alma que anceia
«Parece sorrir!»

Corriam as horas,
Nascia a ventura,
Na densa espessura
Crescera o rumor:
E os eccos sumidos
Que ao longe se ouviam,
Diziam, diziam
Segredos d'amor!

A lua, que vinha
Dos montes rompendo,
Ouviu-nos dizendo
Co'os olhos no ceu:
—«Sou tua, só tua,
«Meu bem, minha vida;
—«Meu anjo, querida,
Não córes, sou teu!»

Deixei-a, partimos,
No funebre instante
De um beijo anhelante
Pendendo fiquei;
E o choro corria
Na face mimosa
Da candida rosa
Que ardente aspirei.

Deixei-a, partimos,
Descemos do empyrio;
Que immenso delirio,
Que immenso, meu bem!...
Que vida, que enleio,
Que instantes gostosos
Passamos ditosos
No monte d'além!

VIII

Agosto, 20, ás 8 horas da tarde, no mar.

O barco era ligeiro e o mar de rosas.
Uma esteira de luz brilhava tremula
Escumando na popa; o vento fresco,
Suspirando de leve, enchia a vela.
O barqueiro Lourenço hia na prôa
Sentado a meditar; de vez em quando
Soltava a meia voz uma cantiga.
Helena hia comigo, um pouco pallida
Descançava em meu peito a casta fronte.
Dava-lhe a lua em cheio,—aquella alvura
Augmentava a belleza encantadora
Do meu anjo d'amor; era ditoso
Ao vêr-me só com ella, só, perdido
Na vastidão do mar que suspirava.

A barca era ligeira, o mar de rosas,
E o barqueiro Lourenço, dormitando
Soltava a meia voz esta cantiga:

«Rio abaixo, rio abaixo
Vae Ramiro a velejar;
Na prôa da sua barca
Em rollos se quebra o mar.

Sósinho vai, pensativo,
No que irá elle a pensar?
Rio abaixo, rio abaixo
Vae Ramiro a velejar!

Diz alguem que são tristezas
Com que amor o quer ralar;
Mas Ramiro nada conta
Quando passa a suspirar.

Quando á noute na ribeira
Vem sua barca varar,
Diz alguem que são tristezas
Com que amor o quer ralar!

Lá se fez de todo ao largo,
Lá deixou de bordejar;
Onde irá pelo mar fóra
Sentado sempre a scismar?

Vão-se as ondas engrossando,
Quem o podera avisar!...
Lá se fez de todo ao largo,
Lá deixou de bordejar!

Ninguem mais soube na terra
Onde o triste foi parar;
Sua mãe, velhinha enferma,
Cegou de todo a chorar.

Ao cabo de quatro mezes
Deixou-se a pobre finar;
Mas ninguem soube na terra
Onde o triste foi parar!»

Lourenço immudeceu—tocára em terra.
«Querem saltar? nos perguntava o velho,
Em quanto hia dizendo em voz baixinha
O derradeiro verso da cantiga;
Sem responder, desembarcámos logo.

Fômos tristes andando, o bom do velho
Fez-se ao largo depressa; mas o vento
Que vinha lá do mar, inda nos trouxe
Por largo espaço o canto melancolico!

IX

Setembro, 14, ao meio dia.

Aproxima-se o outono; as minhas penas
Cada vez me recrescem mais saudosas.
Respira-se um perfume de tristeza
N'este silencio mudo das campinas.
As musquetas bravias que enfeitavam
O muro do jardim, vão definhando
Como os lyrios do val, como a ramagem
Dos pinheiros que avultavam pela encosta.
Porque me sinto triste? que amargura
Me enluta sem motivo os seios d'alma?

Hoje quiz ler, peguei n'um livro acaso,
Sem saber onde—abri-o pensativo.
Porque tremi depois? que me importavam
Esses funebres versos de um poeta
Que morre ao pôr do sol, como as folhinhas
Com que o sopro do outono alastra o campo?
Morrerei eu tambem, quando estas ramas

Forem perdendo o viço e o fresco aroma?
Oh, morrer é bem triste, quando alvejam
Na fronte as raras cans de annos maduros;
Mas morrer moço, amante, arrebatado
De ardente inspiração; deixar o mundo
Quando um verbo de fogo abraza a mente,
Oh, bem sabes, meu Deus, quanto é mais triste!

X

Setembro, 28, ao anoitecer.

Esteve hontem aqui, foi pouco o tempo,
Pouco me pareceu, que a minha Helena
Ao pé de mim se demorou sentada.
Chorou, muito chorou, presentimentos
Eram talvez, de que?—quem o ignora!
O medico sorri quando eu lhe fallo
D'expirar n'este mez; quer socegar-me,
Quer illudir-me, e a desgraçada alegra-se
De ouvir ao santo velho estas palavras:
«Isto não vale nada; em pouco tempo
«Hade erguer-se d'aqui, trepar os montes,
«E fazer quatro versos namorados
«Ás florinhas gentis que inda vecejam!»
Quando elle emfim partiu;—ficámos tristes.

O sol baixava então; um frouxo raio
Batia em minha fronte, era um convite
De partida, talvez—talvez? bem certo
Me entrou pela alma o negro pensamento!
Não chilravam as aves, não se ouvia
Um murmurio sequer; triste, abatida,
A natureza inteira descansava.

De repente escutámos, era um canto,
Longinquo, sim, mas conhecido e alegre,
Festival, inspirado, ardente e puro,
Como os labios em flor donde partia:

«Lindas pastorinhas
Que fazeis, formozas?
Vinde colher rosas,
Vosso peito ornae;
Quando a rosa murcha
No calor do seio,
Não tenhaes receio
Se esfolhada cáe!

«Perfumada brisa
Lhe virá da serra,
Subirá da terra
P'ra voar ao ceu.
Lindas pastorinhas
Que fazeis, formosas?
Vinde colher rosas
Que a manhã rompeu».

Erguemo-nos, febris, allucinados
De uma infernal paixão; loucos, perdidos
De magiço furor, n'um longo abraço
Tragamos quanta vida se agitava
Nos nossos corações, sorrindo unidos!
Relampago fatal! foi negra a noute
Qne apoz lhe succedeu;—desfallecido
Sentia evaporar-se-me a existencia,
Como um fumo subtil que o vento leva!

Fenece o livro aqui,—eu, como disse,
Quando as folhas caiam do arvoredo
Vi-o cair tambem; quando expirava
Balbuciou «Helena!... Helena!...» e a voz suave
Nem um gemido mais soltou no mundo!

Ella chorou, chorou por largos dias;
Depois, a humilde relva hia crescendo
Sobre a terra d'além—fez-se tão alta
Que de todo cobriu quantas lembranças
Podiam vêr, talvez, seus olhos tristes!

O poeta expirou! Cá, n'este mundo
De vates immortaes que fazem lôas,
E a quem todos cortejam reverentes,
Ninguem por isso deu;—mas o sol posto,
Mas os ramos do val, mas os murmurios
Da viração subtil, gemeram tristes,
Pelo som d'essa voz que a Deos sobia,
Ou que saudava a terra em flebeis hymnos!

Setembro de 1862,

II

VISÕES

I

O temps évanouis! ó splendeurs eclipsées!
V. HUGO.

Foi n'um baile; os preludios da orchestra
Já frementes vagavam nas salas;
O murmurio dos risos, das fallas,
Começava a crescer mais e mais;
As grinaldas de vividas flores
Desparziam seus dôces prefumes,
Reflectia-se o brilho dos lumes
Nos espelhos, nos raros crystaes.
Oh, que noute de enlevo e poesia,
Que transportes, que immenso esplendor!...
Cada olhar ressumbrava alegria,
Cada gesto fallava de amor!

Rompe a valsa, lampeja mais vivo
O prazer no semblante das bellas;
Eil-as correm, nas faces singelas
Nova chamma se ateia e reluz:
Tudo é vida, impaciencia, loucura,
E redobra, e palpita a ventura,
E desvaira, e fascina, e seduz!

E eu, nos rapidos giros fictava
Os meus olhos com funda tristeza;
Entre as nuvens de amor e belleza
Nem siquer se agitava a razão!...
De repente, a minha alma estremece,
Extasia-se a mente incendida,
Era ella, era a gloria, era a vida,
Era o sonho, a encantada visão!
Era ella!... ella só?...—Eram duas,
Em que attonito os olhos preguei;
Mas qual fosse mais bella, mais bella,...
Ai, dizel-o não posso, não sei!

Uma, branca, singela, rozada,
Loura trança descia annelada
A folgar-lhe no collo gentil;
Alvas roupas, a voz inspirada,
E na fronte uma roza de abril.
Olhos castos, azues, resplendentes
Como o ceu n'uma tarde serena,
Bocca fresca, risonha, pequena;
Dôce, puro, gracioso o perfil;

A outra, como a andaluza,
De olhar fervente e lascivo,
Tinha não sei que attractivo
Na seductora expressão;
A face, morena e bella,
A cintura delicada,
Ligeira como a gazella,
Os pequenos pés de fada
Mal lhe tocavam no chão
Na valsa aeria e veloz:
Em seus olhos não havia
A dôce melancholia
Dos outros olhos, talvez;
Mas que ceu, que amor infindo
Quando passava, e sorrindo,
M'os volvia alguma vez!

II

E a valsa, a valsa, cada vez mais louca,
Girava sempre n'um crescente ardor;
E ellas passavam no tropel immenso,
Murchas as rosas, desmaiada a côr!

E a valsa é tudo que as seduz n'essa hora,
E as tibias luzes vão morrendo já,
E ambas doudejam, sem pensar ao menos
Que o sol, que o dia despontando está.

O lirio, o anjo dos cabellos louros,
Sem voz, sem tino descansou porfim;
Junto ao meu lado se inclinou risonha,
Todo o seu halito espirava em mim.

Mas a andaluza, delirante e fervida,
Dizia ás bellas: «—Quem descança já?
«Eia, dancemos ao clarão d'aurora,
«Que á valsa, á valsa, convidando está!»

E a valsa, a valsa, cada vez mais louca
Girava sempre n'um crescente ardor:
E ellas tornaram ao volteio immenso,
Murchas as rosas, desmaiada a côr!

III

É já dia: nas sallas á pouco
Resonantes de louco prazer,
Nem um ecco se escuta siquer.
É já dia; e á luz meiga d'aurora
Inda são mais formosas agora.
A primeira, com quanta doçura
Ficta anciosa os seus olhos nos meus;
Mas a outra, que amor, que ternura
Ao dizer-me mansinho um adeos!

E fugiram! visões, dissipou-as
A importuna manhã que rompera;
Como é breve a gentil primavera!...
Como aos campos desbota o verdor!...
E eu, que amava essas duas imagens,
Os dois anjos de encanto e poesia,
Vi perder-se na treva sombria
Essa aurora de esplendido alvor!

Fevereiro de 1858.

III

CANTO DO ADAIL

(A PARTIDA)

> Crava as esporas ao corcel fogoso,
> E em turbilhão de pó devora a estrada.
>
> COSTA E SILVA.

Corre, corre, meu nobre ginete,
Que já sôa o clarim do combate;
Corre, corre ao mais vivo do embate,
Galga a senda, vadêa a corrente!

Denso pó, como em nuvens, já cresce
Sob os pés da mourisma infiel,
E confuso, longinquo tropel
Enche os campos, rebôa fremente:

Sobre a gandara agreste que escarvas,
Corre, corre, ligeiro corcel!

Quero ao sopro da vasta planura
Meu guerreiro pendão desfraldar,
E arrojando-me ás hostes de Agar,
Hasteal-o no chão por Jesus;

E a vil raça d'infames descrentes,
Que collêa qual serpe insoffrida,
No medonho recontro da lida,
Hade humilde prostrar-se ante a Cruz!

Corre, corre meu nobre ginete,
Que já perto resoa a alarida.

N'estas brisas, que rapido fendes,
Não se expande teu peito que arqueja;
Sus! ao largo, no ardor da peleja
Desopresso pod'rás resfolgar:

E esmagando as fileiras que ondêam,
Meu veloz corredor, a nitrir,
Calca aos pés a bandeira do emir,
No teu fero, implacavel galgar!

Não suspendas a furia á corrida;
Não te ensanha este enorme rugir?

São mil brados, mil fundos arrancos,
Dos que expiram malditos da sorte;
São mil juras, mil gritos de morte
Retumbando n'um côro infernal;

Eis a grande harmonia da guerra
Quando em rija porfia encruece,
E recebe da voz que perece
O terrivel gemido final!

Corre, corre, corcel orgulhoso,
Se em teu sangue o vigor não fallece!

Quando branco d'escuma voltares
Da batalha, a arquejar triumphante,
Oh, como ella feliz, palpitante
De prazer, te hade vir affagar.

E do seio tirando uma rosa,
De seus prantos talvez orvalhada,
Hade pol-a, co'a dextra nevada,
No teu rubro, ondeante cocar.

Sus! galopa! a galope devora
Esta immensa deserta esplanada!

Eia, ávante! ao combate! á victoria!
Um momento trocar a verdura
Da planicie, por essa espessura
Dos farpões da mourisma infiel;

Peito a peito em furor incendida
Tu vás vêr essa turba guerreira;
Na veloz, impaciente carreira,
Oh, prosegue meu nobre corcel!

Corre, corre, vadêa a corrente,
Galga a senda, transpõe a clareira!

Junho de 1858.

IV

DEUS

Benedicam Dominum in omni tempore.

DAVID.

Eleva-te, ó minha alma, que te abysmas
Na saudade e na dôr;
Murchas as illusões que te sorriam,
Ergue um hymno ao Senhor!
Ergue-o de madrugada, quando o povo
Que afflue ao presbyterio
Se apinhôa no adro, e pela nave
Escôa lento e serio;
E ás horas mortas do silencio fundo,
Quando a geada cai,
E em derredor da campa solitaria
Pouco a pouco se esvae,
Um hymno, quando brame a tempestade
Com horrido fragor;
Quando a aragem cicia mansamente,
Ergue um hymno ao Senhor!

Oh, quem me dera os requebrados modulos
Que sabe o rouxinol,
O sussurro do mar que ao longe espira,
Um raio do arrebol!
Quem me dera as suaves harmonias
Da matutina brisa,
Quando atravez do rosmaninho ondado
A murmurar deslisa;
E com ellas voar á immensidade
Dos azulados ceos,
E no regaço aereo dos archanjos
Contemplar-te, ó meu Deus!
Se então, misero verme, eu me perdesse
Na solidão infinda,
Entre os astros que rollam, zumbiria
Teus louvores ainda.

Mas quem és tu, Senhor que esta alma anceia,
E qual o nome teu?...
Acaso o diz a lua, que em mysterios
Se envolve em negro veu?
Dil-o o bosque, o vergel, o ramo, a folha,
Ou o escarceu cruzado
Quando se atira e bate e se espadana
Contra o cerro aprumado?
Dizem-o esses milhões de estrellas d'ouro
Engastadas no ceu?...
Senhor, Senhor que esta alma em vão procura,
Dize-me o nome teu?

Sons da minha harpa que a bafagem leva,
Qual flôr á tenra palma,
Descei d'esses espaços sem limite,
De novo enchei-me est'alma.
Mas aprendei dos canticos celestes
A melodia crente:
Irei aos pés do Deus por quem me abrazo
Derramar-vos contente!

Como és grande, Senhor! Tu, que a um aceno
Confranges o universo,
Tu, que fallas d'amor ao pobre, ao triste
No padecer immerso.
Como és grande, Senhor! A eternidade
É toda o throno teu;
Quando passas—Espirito divino—
Foge o mar, treme o ceu.
Por isso até a pobre creancinha
Ergue prece infantil,
Quando o sol que desmaia, com seus raios
Banha a cruz do alcantil;
E que entre as ramas, tepida e cheirosa
Cicia a viração,
Que vae juntar-se d'avesinha agreste
Á modula canção!

Ergue-te, minha voz, meu canto humilde,
Sobre a aragem fagueira,
Que já sussurra o canto harmonioso
Da natureza inteira:
E em vaporosas nuvens d'ether puro
Ao subires aos ceus,
Entre o côro dos anjos, brandamente
Espira aos pés de Deus!

Abril de 1858.

V

A SEGADORA

Je l'aperçus, un jour d'automne,
Rentrant par le chemin désert.
J. AUTRAN.

Segadora morenita,
Tão bonita,
D'olhos pretos d'encantar;
Mais alegre, mais formosa
Do que a rosa,
D'onde vens tu de ceifar?

Negras tranças ondeadas,
Desatadas,
Folgam no vento a correr;
Folga o vestido singelo,
Que o mais bello,
Mais bello pé deixa vêr!

Camponeza onde nasceste,
Que podeste
Tantas graças conseguir?
És d'Alhambra? não respondes?...
Porque escondes
A meiga fronte a sorrir?

Onde nasceste?—Em Sevilha;
Maravilha
Como tu não cobre o céu;
Chamas-te Pepa?—Pepita,
Morenita,
Ai, que lindo é o nome teu!

Vem contemplar, segadora,
Mais um'hora,
Do campo o floreo matiz;
Em quanto o sol brilhar vemos,
Cantaremos
As canções do teu paiz.

Camponeza feiticeira,
Tão ligeira
Não fujas do meu amor;
Que me levas a alma presa
Na belleza
D'esse rosto encantador!

Tu sorrís, e vás avante,
Doudejante,
Affastando-te de mim:
Não fosses tu morenita,
Ai, Pepita,
Que não te amaria assim!

Março de 1858.

VI

SAUDADE

> Repousa lá no ceu eternamente,
> E viva eu cá na terra sempre triste.
>
> CAMÕES.

Não vês a lua, que, sorrindo meiga,
Do cimo da montanha inunda a veiga
Com tremulo brilhar?
Ouves a trova languida e singela,
Que no bosque a saudosa philomela
Começa a gorgear?

Olha—aqui, a est'hora, n'este prado,
Vinha assentar-se a virgem ao meu lado
Quando baixava o sol;
Juntar a sua voz serena e pura
Á voz que desprendia na espessura
O terno rouxinol.

E a sua fronte pallida inclinava
No meu peito agitado, que arquejava
Ebrio de santo amor;
E ao escutar meus cantos, tristemente
Sorria para mim,—anjo innocente,
Mais bello inda na dôr!

Depois, erguendo o rosto desmaiado,
Fictava o seu olhar apaixonado
Na solitaria lua;
E soltando em murmurio a voz sentida,
Mil vezes me dizia: «—Ai, minha vida.
«Bem vês como eu sou tua!—»

Não vês a lua, que, sorrindo meiga,
Do cimo da montanha inunda a veiga
Com tremulo brilhar?
Ouves a trova languida e inspirada
Que a timida avesinha, apaixonada,
Começa a gorgear?

Foi alli, entre as balsas verdejantes,
N'essa hora em que as brisas inconstantes
Suspiram com doçura,
Que as faces da donzella se inflammaram,
Que as nossas pobres almas se elevaram
A um mundo de ventura.

Foi alli, que eu senti seus ternos beijos,
Similhantes aos tepidos bafejos
Da viração d'abril;
Foi alli, que anhelante e venturosa
Ella me uniu, sorrindo carinhosa,
Ao seio inda infantil!

Oh, momentos do ceu, que atroz destino
Tão cedo vos desfez? prazer divino
Que sobre mim brilhou,
Luz, perfumes do val, cantos d'aurora,
Raios d'amor, quem vos bemdiz agora?
Já não sou eu, não sou!

Não vês a lua que tristonha passa,
Coberta d'alvacenta nuvem baça
Pela amplidão do ceu?

Olha—aqui, a est'hora, n'este prado,
Saudosa a soluçar, junto ao meu lado
A pobre, emfim, morreu!

E eu via inerte e pallida e caída,
E apertei-a ao meu peito, e a minha vida
Não succumbiu á dor;
E ouvi-lhe a voz, o languido gemido,
E o derradeiro adeos desfallecido
Que me dizia: «amôr!»

O que me resta, pois se abandonado,
Vivo só das lembranças de um passado
Que não póde volver?...
Ir, ao cerrar da noite, á sepultura
Onde dorme aquelle anjo de candura,
Orar, carpir, gemer!

Agosto de 1857.

VII

SO EU!

Me adsum!
VIRGILIO.

Pois que, dize-me, responde,
Tanto amor que esta alma esconde
Deve em silencio ficar?
Pois é crime uma palavra
Quando no peito me lavra
O fogo do teu olhar?
Não basta que o mundo ignore
Este affecto mysterioso?...
É peccado que eu te adore,
Na minha insana illusão?—
Se junto de ti me assento,
Que mal te faz que um momento
Ditoso te aperte a mão?

Ai, amor, amor divino,
Tu não sabes que destino
Seria, ao meu lado, o teu;
Não sabes como a existencia
Sorri grata á providencia,
Quando o amor lhe aponta o ceu.
E ousas repetir-me agora
Que te posso amar—embora,
Mas sem t'o dizer jámais?
Acaso o mar immudece
Quando o seio lhe estremece
Na furia dos vendavaes?

Porque pensas, indiscreta,
Que a tua alma já não póde
Responder á voz inquieta
Da minha ardente paixão?
Se á flor dos olhos te acode
Uma lagrima indecisa,
Porque tremula deslisa
Se eu te aperto ao coração?

Não, não creias na mentira
Do mundo que te rodêa;
Que importa ao peito que anceia,
Mentiras que o mundo diz?
Que importa á rosa da encosta
Se ha quem zúmba em torno d'ella,
Quando vê que é fresca e bella,
Quando sente que é feliz?
Oh, não me digas, querida,
Não me digas mais na vida
Que este amor, e amor tão puro,
Deve em silencio ficar;
Não digas,—quando o futuro
Pende só de uma palavra,
Quando no peito me lavra
O fogo do teu olhar!

Sim! a vida hade encantar-te,
Comigo sempre a adorar-te,
Comigo, sendo feliz;
E o mundo!.., deixal-o, embora,
E que zumbam lá por fóra
Mentiras que o mundo diz!

Fevereiro de 1863.

VIII

RECORDAÇÕES

Voilà pourquoi mon âme est triste,
Comme une mer brisant la nuit sur un écueil!
LAMARTINE.

Como foi?... bem o sei! Como correram
Aquellas horas de encantado amor,
Bem me recordo e sinto; oh, inda aspiro
Esse perfume,
Que, no cabello desatado, o ardor,
O fogo, o lume
De meus beijos desfez n'esse momento;
Inda lhe escuto a voz, inda deliro...
Mas que? se esse feliz contentamento
Nunca mais volverá,
E se a memoria eterna que me opprime
É quanto resta já!

Foi uma noute só! uma? que importa!...
E ella, a pomba do céu, junto ao meu lado:
Arfava-lhe agitado
O seio, o casto seio inda infantil;
Como o sorriso meigo era gentil!
Como era apaixonado
Esse olhar que em mim fervida cravou,
Qnando me disse: «És meu; ai, tua eu sou!»
E com muda eloquencia,
Nos anhelantes labios me espirou
O derradeiro beijo da innocencia!

Depois,—como o cabello negro—ondado
Caía desgrenhado
Sobre o turgido seio! como o olhar
'Stava frouxo e quebrado!
E a voz, aquella voz que tantas vezes
Resoára de amor e de ventura
Nos estos da paixão,
Em morbidos suspiros de ternura
Só murmurava então!

Oh, como o longo adeos da despedida
Entre os labios tão dôce lhe gemeu!
Como o som d'essa voz, que já sumida
Me dizia outra vez: «sou tua, és meu!»
Fallava em meus ouvidos!
Como os olhos, do gôzo amortecidos,
Se espraiavam tão lindos pelo céu!

E eu deixei-a e parti; erma e sósinha
A triste alli ficou;
Nocturna escuridão cobriu a aurora
Que dentro em nós raiou.
Oh, quem me déra os sonhos mentirosos,
Quem m'os trouxera aqui!...
Mal hajas tu, verdade, que esfolhaste
As rosas que eu colhi!

Como foi?... bem o sei! Como correram
Aquellas horas de encantado amor,
Bem me recordo e sinto; inda respiro
Esse perfume,
Que, no cabello desatado, o ardor,
O acceso lume
De meus beijos desfez; n'esse momento
Inda lhe escuto a voz, inda deliro...
Mas que? se esse feliz contentamento
Nunca mais volverá,
E se a memoria eterna que me opprime
É quanto resta já!

Janeiro de 1859.

IX

PERDÃO!

Myfault is past.
SHAKSPEARE.

—«Oh, perdôa, por piedade,
«Perdôa!... se o coração,
«Desvairado, cego um dia,
«Te pagou só com a traição
«Todo o amor que te devia,
«O remorso concentrado
«Minha alma tortura agora;
«Offendi-te e muito, embora,
«Perdôa, por compaixão!»—

«Se soubesses que tristeza,
«Aqui, no seio me peza,
«Desde essa noute fatal
«Em que eu...—monstro de vileza
«Que eu fui!—cravei o punhal
«Do ciume, em ti... perdão!
«Perdão se fui criminosa,
«Perdôa n'este momento,
«Que esta dôr, que este tormento,
«Não cabem no coração!»—

E havia tamanha angustia
N'esse grito prolongado
Que ella soltava ao meu lado
Com febril agitação;...
Ella, oh, Deus! quem era ella?
Mulher ou anjo caído,
Que aos meus pés arrependido
Chorava triste?... não sei!—
—Perdão!—dizia um gemido
De seus labios, condoído,
—«Perdão!—disse, e perdoei!

Julho de 1858.

X

TRANSFIGURAÇÃO

Numi eterni,
Che impetuoso è questo
Torrente di contenti!

METASTASIO.

Resurge est'alma
D'entre a amargura,
Toda ventura,
Rica de amor:
Tronco batido
Pela tormenta,
Depois rebenta
Mais bello em flor!

Resurge est'alma;
De novo á lyra
Fogo que inspira
Subtil desceu.
Resurge est'alma,
Sorri ditosa
Ao prado, e á rosa,
Á terra, e ao céu!

Por quanto tempo
Nuvem immensa
De sombra densa
Me rodeou?...
Em luz absorto
Não sei agora
Que mágua—outrora,
Por mim passou!

Sou como as aves
Que em doudo bando
Voam, cantando,
Por entre as flores;
Ebrio d'espaço
Já me illumina
A luz divina
Dos meus amores!

Resurge est'alma;
Tudo é fragrancia,
De novo a infancia
Floresce em mim;
De novo o mundo
Todo ventura,
Se me affigura
Como um jardim!

N'esses teus olhos
Enxuga o pranto,
Celeste encanto
Raiou, bem vês;
E em tuas faces
Que amor inflamma,
Etherea chamma
Brilhe outra vez!

Oh, que alegria
Minh'alma inunda!
Como vem funda
Do coração!...
Não sei,—mas sinto
Que um vago affecto
Desvaira, inquieto,
Minha razão!

É que este gozo
Que em nós palpita,
Da quadra afflicta
Nos faz lembrar:
É porque a perola
Jámais se colhe
Sem que inda a molhe
Lôdo do mar!

Mas nós, querida,
Se tantos annos
De desenganos
Passámos já,
D'essas tristezas
Sorrimos hoje,
Que o mal que foge
Não tornará!

Oh, vem! co'as rozas
D'aquelle monte,
Quero essa fronte
Gentil ornar;
E o grato aroma
Dos teus amores,
Junto ao das flores
Ledo aspirar!

Quero contente
No val sereno,
Ao sopro ameno
Da viração,
Soltar meus cantos
Quasi esquecidos,
Já tão sumidos
No coração!

Quero inlevar-me
N'esta existencia,
Que a Providencia
Já nos bemdiz;
Quero em delirios
D'amor profundo
Dizer ao mundo
Que sou feliz!

Setembro, 1861.

XI

PORQUE?

> O teu amor e a morte; eis para mim a unica ventura possivel, mas immensa e suprema. A. HERCULANO.

Oh, quando em sonhos eu me enleio agora,
Porque não vens de novo ao lado meu,
Anjo d'amor, sorrindo como outrora
Esse brando sorriso que enamora,
Que vem do céu?

Porque—pallida, arfando, e desgrenhada,
Na minha fronte a delirar por ti
Não vens pousar a dextra delicada,
Murmurando com voz apaixonada:
—«Canta, eis-me aqui!»—

E á minha bôca, ardente e sequiosa,
Unindo a tua, a vecejar em flor,
Porque não sóltas, meiga e saudosa,
Um protesto uma falla harmoniosa,
Um «ai» d'amor?

Depois, sobre o meu peito reclinando
Esse teu seio angelico e infantil,
Porque não vens, ó Julia, suspirando,
Incitar, co'um sorriso alegre e brando,
Jubilos mil?..,

Novembro, 1858.

XII

BEPPA

Mens immota manet, lacrymæ volvuntur inanes.
VIRGILIO.

I

Das duas heroinas que figuram
N'este singelo conto que eu relato,
Uma era Beppa; angelica e formosa
Respirava candor,—tinha vinte annos.
Loura a trança, a tez pallida, o sorriso
Brincava de continuo entre os seus labios:
Seio arquejante, as fórmas delicadas,
A mão breve e pequena, o pé... que digo,—
Quando no vento as roupas lhe ondulavam
Tudo pasmava então do pé mimoso,
Maravilha fatal d'aquella edade!—

Outra, Herminia; gentil, alta, bem feita,
Morena um pouco, olhar lascivo e ardente,
Trança castanha e ondada, os labios frescos;
No dilatado seio já lhe ardiam
Desejos, que sei eu,.., sonhos da infancia.
Eram irmãs; Herminia tinha apenas
Dezoito primaveras: par mais lindo
Ninguem de certo viu;—vamos ao conto!

Beppa encantou-se um dia d'um mancebo
Que por acaso viu, (estes encantos
São por acaso sempre, ao crêr de muitos).
O nosso heroe chamava-se Guilherme,
Como podia ser Sancho ou Martinho!
Se não fosse o ter feito dois retratos
N'estes versos acima, descrevia-o
Para maior recreio das leitoras.
Basta, porém, que saibam que era altivo,
Poeta, independente, enamorado
Como todos o são, ou pelo menos
Como todos o fingem. Quando Beppa
Cedeu magicamente aos attractivos
Do seu languido olhar, cantou-a logo
Em mil versos febris, onde a ternura,
Dôce, amorosa e branda suspirava!

Foram correndo os tempos, as visitas
Tinham tomado um ar de intimidade
Que hia dando no goto á visinhança.
Pois, porque não?—Sem pae, sem mãe, sósinhas
N'este val peccador, quem não tremera
Pela sorte porvir das innocentes?
O nosso heroe, porém, (diga-se em breve
Para elogio seu), nunca infringira,
Nem por sonhos siquer, a lei mais tenue
Do pundonor, do brio ou da lisura.
Amava a sua Beppa, e o fogo todo
D'essa ardente paixão, só resfolgava
Nos abrasados cantos do seu estro,
Ou n'um beijo subtil,—lá quando muito!

Correra o tempo mais, o matrimonio
Foi por fim concertado *inter nubentes;*
Quando isto se tratou, se o caso é certo,
--Vinha a manhã no céu pintando as côres
Da pudibunda rosa e rôxas flôres!—

II

Ora eu devo notar, para mais facil
Correr a narração, que a nossa Herminia
Quando vira o poeta, namorara-o
Occultamente sim, mas com vehemencia.
Via-o passar os dias assentado
Sempre ao lado de Beppa, a cada instante
Meigos protestos, fervidos suspiros
Ouvia murmurar; e ella, escondendo
Zelos de amor que lhe ferviam n'alma,
Prasenteira sorria ao par ditoso.

É verdade que o vate presentira,
N'um dia ao pôr do sol, certa doçura
Banhando ternamente o olhar d'Herminia;
Mas, comquanto o semblante da donzella
Se acendesse em rubor, quando Guilherme
De repente a fitou, ninguem de certo
Se atrevera a pensar que o sobresalto
Fôsse assômo d'amor, mais que fraterno!

O consorcio de Beppa approximava-se
Cada vez mais, e a candida innocente,
Radiante e feliz, sorria ao mundo
Que se lhe affigurava um mar de rozas.
Muitas vezes sentava-se festiva
Ao pé da irmã, cobria-a de mil beijos,
Cingia-a com seus braços, segredava-lhe
Mil ternas confidencias, e no excesso
Do jubiloso ardor dizia altiva:

—«Sou feliz! oh, ser amada
É ter um céu cá na terra,
É vêr as brenhas da serra
Converterem-se em jardim;
É sorrir, é ser ditosa,
É crêr, ousar, ter fé pura,
E tragar quanto é ventura,
N'um beijo ardente, sem fim!

Ai, tu não sabes, querida,
Como é dôce o vago enléio
De sentirmos sobre o seio
Palpitar um coração:
Como o sangue, ardendo em chammas,
Nos corre de veia em veia;
Que delicias n'uma idéa,
Que encantos n'um sonho vão!

Tu não sabes como os dias
Nos correm brandos e ledos;
Que protestos, que segredos
Nos vem tudo murmurar;
Como é celeste o perfume
Que as frescas rosas espiram,
Como as brisas que suspiram
Parecem d'amor fallar!

Sou feliz! Deixo a innocencia
Dos meus tempos descuidados;
Não mais brincarei dos prados
Sobre o florente matiz;
Prazer, sorrisos da infancia,
Folguedos da mocidade,
Deixo tudo sem saudade!...
Sou feliz, oh, sou feliz!

Repára como o meu peito
Palpita cheio d'affecto;
Não vês n'este olhar inquieto
Um raio da luz dos ceus?
Quando as arvores da encosta
Rumorejam brandamente,
Não te aperto a mão contente,
Pondo os meus olhos nos teus?

É que eu amo, e ser amada
É sentir dentro no seio
Um prazer, um vago enleio,
Uma alegria sem fim;
É sorrir a tudo, e a todos,
É ter um ceu cá na terra,
É vêr as brenhas da serra
Converterem-se em jardim!»

Depois, cingindo a irmã, dava-lhe um beijo
Na melindrosa face; ella sorria,
Ai, mas esse sorriso era mais triste,
Inda mal! — do que um mar de ardentes lagrimas!

III

Na vespera fatal do casamento,
(Digo fatal, por causa dos successos
Que vieram depois), Beppa saíra.
Quando veiu Guilherme, a bella Herminia
Sósinha estava então, sentada á sombra
De um laranjal frondoso que adornava
Seu pequeno jardim; o nosso vate
Parou, sem que ella o visse, e poz-se a olhal-a
Com o mystico prazer de quem adora.
Tinha os olhos no chão, firmava a fronte
N'uma das mãos, com a outra comprimia
O dilatado seio convulsivo.

Solto o negro cabello, esvoaçava
Na viração subtil; e o sol, que em cheio
Batia então nas ramas verdejantes,
Figurava cercal-a de uma auréola!

Guilherme estava alli, preso, rendido
Áquella formosura incomparavel.
Quem podera esquivar-se ao brando enleio
Que o peito lhe agitava? quem fugira
D'aquella tentação, d'aquelle encanto?
Por momentos, a imagem peregrina
Da sua Beppa erguia-se ante o crime
D'aquelle affecto impuro, e o desgraçado
Tremendo então de horror baixava os olhos;
Depois, a tentação volvia logo
Mais intima talvez,—e o sangue, ardendo
N'essa chama infernal, angustiado
Em jorro ao coração corria todo!

Herminia ergueu-se emfim, vendo Guilherme
Levemente corou; elle estendeu-lhe
A mão tremula e fria, co'um sorriso.
Sentaram-se outra vez, fallaram muito
Na viração, nas rosas, nas campinas,
No gorgeio dos passaros, em tudo
Que é costume fallar, se falta assumpto!
Machinalmente as mãos entrelaçaram-se
Sem o sentir, as frontes pouco a pouco
Foram-se unindo, os olhos confundiram-se
N'um delirante olhar, os seios timidos
Palpitavam-lhes já n'um mesmo affecto;
Como, quando, porque, não sei,—n'um ésto
De phrenetico ardor soára um beijo
Entre os labios dos dois,...—o sol baixava
Sorrindo alegremente á flor dos montes!

IV

Teçam-se c'rôas
De verdes flôres,
Dia d'amores
Raiou porfim:
N'esta alegria
Do paraiso
Brilha o sorriso
De um cherubim.

Eil-a que chega,...
Como é formosa!
Botão de rosa
Que ha pouco abriu!
Teçam-lhe todos
Alva capella;
Noiva tão bella
Jámais se viu.

Vem pelo braço
Do seu querido,
Traz um vestido
Todo setim;
N'esta alegria
Do paraiso,
Brilha o sorriso
De um cherubim!

Digam, não vêem
Como caminha?
Tenra avesinha
Que o lar deixou!...
Quem nos dissera
Qual o segredo
Que o noivo, a medo,
Lhe segredou!

Bemvinda festa!
Remoça a vida;
Junto da ermida
Cresce o motim!
Teçam-se c'rôas
De verdes flores:
Dia de amores
Raiou por fim!

Ajoelhados
Aos pés do cura,
Que mão tão pura
Que os vae ligar!
E o bom do velho,
Bom como um santo,
Chorava tanto
Que era um pasmar!

Como se abraçam,
Como se beijam,
Como os festejam
Na multidão!
E um bando d'aves,
Sem ter receio,
Doce gorgeio
Soltava então.

Teçam-se c'rôas
De verdes flores;
Dia de amores
Raiou por fim:
N'esta alegria
Do paraiso
Brilha o sorriso
D'um cherubim!

V

Beppa casára emfim, deixo ás leitoras
A inteira liberdade de pensarem
Como andava contente a nossa bella.
Guilherme não,—sesudo e pensativo,
Quando ella vinha alegre e delirante
Apertal-o em seus braços, reprimia
Aquelle excésso de paixão profunda,
Depondo-lhe na face um frio beijo.
E Herminia? o que era feito da imprudente
Que se atrevera a abrir os seios d'alma
Áquelle amor fatal? que succedera
Desde essa tarde, ai, Deus! d'essa loucura
Que tão depressa os maculou na vida?
Não sei, não sei dizer: perdera o viço,
O fogo, a chamma, o esplendido lampejo
Do seductor olhar; triste, abatida
Passava os dias só, sentada á sombra
D'aquelle laranjal que lhe adornava
Seu pequeno jardim: Beppa, por vezes
Tentára levantar com mão incauta
O véu d'esse mysterio, mas debalde
Indagava a infeliz:—t mbem que importa?...
Quando se ama e se crê, quem pensa ao menos
Na nuvemsinha negra, que apparece
Sobre as orlas do céu franjadas de ouro!

VI

Isto era em julho, a calma descaía
Co'o pôr do sol, a aragem suspirava
Embalsamada e fresca, a flor da encosta
Desabrochava o seio inda innocente;
O rouxinol, «da solidão o bardo,»

Como alguem lhe chamou, principiava
A modular seus timidos gorgeios.
Chegára o santo, o divinal momento
Em que desmaia o sol, e a lua aponta;
Em que tudo é poesia, amor, encanto,
Delicias, seducção, extasis puros;
Em que a saudade se alevanta a espaços
Do coracão; em que as donzellas tristes
Vão sósinhas scismar junto aos ribeiros,
Pondo os olhos no chão e a mão na fronte!

N'este momento, pois, estava Herminia
Sentada em seu jardim; em quanto a Beppa,
Não me atrevo a affirmar o que fazia
N'aquelle instante a noiva encantadora;
É provavel, porém, que atarefada
Co'o meneio domestico, tratasse
De cem cousas... de mil... cousas de casa!
Quanto ao vate, attrahido pelas graças
D'aquell'hora poetica, descera
A procurar nas rosas entre-abertas
A acesa inspiração da sua musa.
Deu tres passos, mais tres,—sobresaltado
De repente parou,—cruel destino
Levara-o pela mão junto do sitio
Em que estava sósinha a tentadora!

Que havia de fazer? partir, deixal-a,
Fugir á perdição? Havia mezes
Que essa luta feroz se lhe travára
Da honra co'a paixão, do céu co'o inferno!
Qual venceria emfim?... Deu mais tres passos,
Approximou-se d'ella,... uma palavra,
Um receio, um tremor,...—sentou-se, olharam-se,
Coraram sem saber; o que disseram?...
Que foi?... quantos suspiros trouxe a brisa?...
—*Oh lieto giorno! oh me felice! oh caro!*

VII

—«Um crime, meu Deus, ai triste,
Não sabes que proferiste
N'essa palavra infernal;
Um crime adorar-te, qu'rida?
Pois se esta chamma fatal,
Que eu sinto tragar-me a vida,
Desceu-me inteira do céu,
Como póde ser peccado
Ver-te o rosto desmaiado
Acender-se a um beijo meu?»

«Pois tu não vês que o destino
Nos ligou no mesmo affecto?
Não vês como eu fico inquieto
Quando me apertas a mão?
Não sabes como te admiro
Se a mêdo inclinas a frente?
Quando a elevas de repente
Não te bate o coração?»

«Um crime,... meu Deus, que importa
Um protesto, um juramento,
Solto apenas no momento
De uma loucura infernal?...
Que eu te deixe? ai triste, triste,
Não sabes que proferiste
N'essa palavra fatal!»

«Bem sei, profundo, maldito
Cavei a meus pés o abysmo;
Puz entre nós o infinito,
A honra, o sangue, a mentira
De um preconceito feroz;
Pobre victima innocente,
D'entre as puras a mais pura,
Só te é dado achar ventura
N'estes meus braços de algoz!»

«Ai, não,—que se ella o soubesse,
Ella, a que eu tenho ao meu lado,
A que é teu sangue—gerado
No mesmo paterno amor;
Se ella soubesse o mysterio
D'esta paixão que nos liga,
Que tristes dias, amiga,
Que ruda a cruz d'essa dôr!»

«E o mundo, sem dó, sem pena,
Esse mundo que condemna,
Por mais leve e mais pequena
Que a culpa se mostre em si,
Duro, rispido, severo
Maldiria o que eu mais quero:
Este amor que é só de ti!»

—«Ai, não! dizes bem querida,
Sería um crime do inferno
Retalhar-te o seio e a vida
Co'o remorso pungidor;
Fazer-te cravar o espinho,
Sem me importar com o peccado,
Na que é teu sangue—gerado
No mesmo paterno amor!»

«Dizes bem, que eu parto e sigo,
Que é peccado estar comtigo
Pensando em te amar, meu Deus,
Que é peccado um riso, um beijo,
Cada olhar, mesmo o desejo
De um sonho, de uma illusão;
Mas se acaso inda me vires,
Se me encontrares no mundo,
Não te lembre o amor profundo
Que um dia sentiste,—ai não!»

«Não me recordes que abysmo
Cavou meu braço maldito,
Não me apontes o infinito,
A honra, o sangue, a mentira
De um preconceito feroz;
Porque eu de certo perdera
D'entre as puras a mais pura,
Porque a matàra a ventura
N'estes meus braços d'algoz!»

Isto dizia o vate ajoelhado
Aos pés d'Herminia; eu cá, se não temesse
Dizer algum chapado disparate
Que offendesse as leitoras d'este conto,
Certamente diria... o que eu diria
É que, em vista do canto, o nosso vate
Encontrára nas rosas entre-abertas
A accesa inspiração da sua musa!

VIII

Ora eu vou confessar ingenuamente
Que estou na mais difficil das passagens
Que tenho a descrever; a peripecia,
Aquella inseparavel companheira
Do drama barbadão d'alto cothurno,
Bate-me á porta, a mim, cantor obscuro,
Que apenas alinhavo por milagre,
Tres estrophes, ou quatro, quando muito!
Pois bem, se m'o permittem, se relevam
A falta da paixão, do ardor, do fogo
Que é dado em casos taes, direi a historia,
—Fluente como o usado padre-nosso!—

Quando Guilherme murmurava ainda
A derradeira phrase, de repente
Ouviu-se a voz de Beppa, o passo, o ruido
Das saias a ondular; o sobresalto
Em que tudo ficou,—que atroz silencio
Pairou sobre esse grupo, o desalento,
O torpor, o receio, e tudo, tudo
Que ruge dentro d'alma em taes momentos,
Contal-o como devo, ou como esperam,
—Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro!—

Basta saber que Beppa, a casta noiva,
Aquella encantadora que ha tres mezes
Se crêra tão feliz, impressionada
Pelo quadro fatal, caíra em terra.
Que succedeu depois? toda essa noute
Foi passada entre as lagrimas da triste;
E os dois, mudos, atonitos, pungidos
De remorso infernal, nem se atreviam
A dizer-lhe siquer uma palavra!

Quando o dia apontou, Beppa elevou-se.
Pallida e triste, as tranças desgrenhadas,
O olhar quebrado e frio, o seio tremulo;
Chamou o esposo e a irmã, mandou sental-os,
Ella ficou de pé;—mudo silencio
Por instantes reinou,—depois, cedendo
Ao transporte febril, com voz sumida
Foi soltando, a chorar, estas palavras:

—«Bem sei! foi curta a ventura
D'esta existencia; n'um'hora
Toldou-se o clarão d'aurora
Que tão bella eu vi raiar.
Fugiram minhas delicias,
Meus sonhos d'ouro e de neve
Fugiram, bem sei, foi breve,
Mas bem triste o despertar!»

«Como eu te amava, Guilherme,
Como eu me julgava amada,
Como esta alma socegada
Vivia dentro de mim!...
Como, sorrindo em teus braços,
Eu tinha um céu cá na terra,
E via as brenhas da serra
Converterem-se em jardim!»

«Tu, Herminia, não pensavas
Quando ha pouco me esquecias,
Que o sêr que ao teu sêr unias
Era meu, só meu, só meu!...
Não pensavas, desgraçada,
Que n'aquell'hora do inferno
Nossa mãe pedia ao Eterno
Perdão para ti—no céu!»

«Perdão tendes, perdoados
Ambos sois por mim agora;
A luz, o prazer, a aurora,
Não tornam co'as maldições.
Se vem da sorte funesta,
As amarguras que eu peno,
Porque heide ir lançar veneno
N'esses pobres corações?»

«Sêde felizes, que eu parto;
Não temais! se eu vou sósinha,
Deus vela quando a avesinha
Carpindo foge ao seu lar.
Pobre avesinha, coitada,
Que viu toldar-se n'uma hora
A luz da celeste aurora,
Que apenas vinha a raiar!»

Callou-se, á flôr dos labios expirou-lhe
A voz, n'um triste e languido gemido.
Os dois, mudos, extaticos, contrictos,
Procuravam debalde erguer os olhos.
Ella curvou-se; um beijo, o beijo santo
Do angelico perdão, depôl-o em ambos.
Depois, sem uma lagrima, sem nada,
Paciente como a timida ovelhinha
Que nem ousa balir quando a trucidam,
Partiu...—«Beppa, onde vás? perdão, perdoa
«Aos que assim te esqueceram!»—convulsivo
Era o grito febril dos dois culpados.
Ella parou,—«perdão, perdão!»—bradavam
Prostrados já, e o pranto a fio e fio
Lhes deslisava ardente pelas faces.

—«Perdão tendes, perdoados
Ambos sois por mim agora;
A luz, o prazer, a aurora,
Não tornam co'as maldições.
Se vem da sorte funesta
As amarguras que eu peno,
Porque heide ir lançar veneno
N'esses pobres corações?»

«Sêde felizes, que eu parto;
Não choreis! se eu vou sósinha,
Deus vela sobre a avesinha
Que a tremer foge ao seu lar.
Só me custa o recordar-me
Que fostes vós, quem n'um'hora
Me toldou tão cedo a aurora
Que inda ha pouco eu vi raiar!»

IX

A leitora gentil de certo espera
Que eu lhe conte o desfecho d'este caso.
Se eu fosse, por ventura, de uma escola
De certos romancistas nebulosos
Que abundam por ahi, é mesmo crivel
Que apenas acabasse a estrophe acima,
O *finis laus deo* pozesse logo;
Mas eu não, sigo á risca a praxe antiga:
Gosto d'expor succinta e claramente
O que fiz dos heroes; portanto agora
Vou contal-o, mas breve, e em tres palavras.

Beppa foi recolher-se *in continenti*
A um pobre conventinho, onde inda passa
Em suspiros de dôr seus dias tristes;
Guilherme anda a escrever, valha a verdade,
Certo poema heroico, onde promette
Pôr mil vates de truz ladrando á lua;
E Herminia, a seductora, a douda Helena
D'esta guerra incruenta, espera em breve
Casar co'um deputado, alvar mas rico,
Como ha muitos por cá—mas até muitos!...

Outubro, 1, 1863.

XIII

SURSUM CORDA

La verginella è simile al la rosa.
ARIOSTO.

Pois que? Se um dia o vento regelado,
Porque soprou agudo pelo prado,
Veio a rosa açoutar, e fez pendel-a,
Julgas tu que não mais ella hade erguer-se,
Embalsamar os campos, e rever-se
No céu, quando a alvorada a romper vem?
E que és tu outra cousa mais que a rosa,
Ai, o que és tu, meu bem!

Se te açoutou o vento d'amargura,
Oh, ergue-te de novo! o sol fulgura,
Sobre o limpido azul do firmamento;
Choraste? era o rocio matutino
Que te orvalhava o rosto peregrino,
Que o teu doce perfume augmentar veiu;
Ai rosa, rosa, as perolas d'aurora
Innundaram-te o seio!

Mas agora, que o vento já suspira
Brando, tão brando como o som da lyra
Onde um carme de amor se dedilhou;
Agora, que em dulcisono concerto
Se ajunta o som das ramas, tenue e incerto,
Ao cantico das aves em cardumes,
Que outra vez do teu peito o amor se eleve
Em divinaes perfumes!

Não me falles d'esp'rança já perdida:
Viver é esperar, a esp'rança é a vida;
É a harpa immortal que intoa n'alma
Aquella melodia eterna e pura,
Que nem se calla ao pé da sepultura,
Que invisivel desfere a mão de Deus;
Hymno sem fim, que erguido desde o berço
Vae remontar-se aos céus!

Se, pois, o vento agudo d'amargura
Te fez n'haste pender, bello fulgura
O sol no vasto azul do firmamento;
O choro que o teu rosto peregrino
Innundou, como orvalho matutino,
Já se enxugou, tambem, ante o arrebol:
Ama e brilha, que a rosa brilha sempre
D'aurora ao pôr do sol!

Oh, e se um dia o vento regelado
A fustigou, passando pelo prado,
E desbotada e triste, a fez pender,
Bem sabes que de novo ella hade erguer-se,
Embalsamar os campos, e rever-se
No céu, quando a alvorada a romper vem:
E que és tu outra cousa mais que a rosa,
Ai, o que és tu, meu bem!

Maio de 1859.

XIV

ANJO OU MULHER?

> Não eras tu emanação e reflexo do ceu? Porque não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abysmo do meu amor?
>
> A. HERCULANO.

Sim, bem o sei; foi rapida a passagem,
Como a fragrante aragem
Que sopra de manhã;
Meiga, innocente, esplendida e gentil,
De encantos adornada,
Passaste—ias toucada
Co'as alvas rosas do mimoso abril.
A candida roupagem
Sobre o teu seio fervido tremia,
Não sei que vaga luz resplandecia
No teu semblante em flôr,..,
E tu passaste, ó bella, e não me viste
Alli perdido e triste,
A suspirar d'amor!

Depois, ainda outra vez; era no outono
Quando eu te vi passar;
Celeste e vaporoso,
Teu corpo debil, languido, formoso
Ondulava no ar.
Na dextra o alaude da poesia,
Nos olhos a innocencia,
Na voz um canto, a etherea melodia;...
Oh, como a Providencia
Te enchera d'esplendor n'aquelle instante!
E tu passaste altiva e radiante,
E eu fiquei ermo alli,
Sem luz, sem Deus, sem crença e sem ventura,
Na minha noute escura
A suspirar por ti!

Agosto de 1858.

XV

TRISTEZA SEM MOTIVO

> D'un genio, che m'accende
> Tu vuoi ragion da me?
> Non ha ragione amore,
> O se ragione intende
> Subito amor non è.
>
> METASTASIO.

Tu ficas ás vezes triste
Quando eu me assento ao teu lado,
E no teu seio agitado
Vou minha fronte inclinar;
Corres a mão delicada
Pelos meus soltos cabellos,
Mas á flôr dos olhos bellos
Vejo-te o pranto assomar!

Muda, pallida, anhelante,
Se te lembro a antiga vida
Não me respondes, querida,
E até córas de pudor;
Debalde ás vezes procuras
Encobrir-me essa tristeza,
Mas a voz fica-te presa
Quando vás fallar d'amor!

Hontem, quando era sol posto,
Fui-te encontrar na campina;
Na tua face divina
Batia um raio do céu:
O vento que alli soprava
Era fresco e embalsamado,
E o teu peito enamorado
Palpitava sobre o meu.

Que transportes de ternura,
Oh, que ineffavel meiguice,
Que segredos que eu te disse
Entre mil beijos febris!
Como tornava á minh'alma
A dôce illusão perdida,
A ventura, a paz, a vida
Dos meus tempos infantis!

Sentia ao longe o ruído
Dos homens vãos e sem tino,
E eu bemdizia o destino
Que me punha ao pé de ti;
E perguntava a mim mesmo:
—«Onde ha na terra mais dita,
«Se ella em meus braços palpita,
«Se de ventura sorri?»

Mais tarde, não te recordas?
Vi-te languida e pendida,
Como a florinha batida
Pelos vendavaes do céu:
E o vento que alli soprava
Era fresco e embalsamado...
E o teu seio, inda agitado,
Arfava então sobre o meu!

Porque te vi depois triste
Ao findar tão dôce encanto?
Porque te corria o pranto
Nas faces sem luz, sem côr?
Porque se apagára o brilho
D'esse olhar quebrado e mudo?
Pois não tinhas, tudo, tudo,
No fogo d'aquelle amor?

Oh, quem me dera de novo
Volver comtigo ao passado,
Vêr-te o rosto affogueado
Pelos meus beijos febrís;
Sentir minha alma em tua alma,
Não, como agora, abatida,
Mas tragando o amor e a vida
D'esses tempos infantís;

Vêr-te louca de ventura
Correr no prado florente,
Vêr-te a face inda innocente
Accesa em vivo esplendor;
Ouvir-te a voz maviosa
Como os sons d'etherea lyra,
Essa voz que hoje suspira
Quando quer fallar d'amor!

Novembro de 1862.

XVI

INNOCENCIA E MORTE

Oui, c'est la vie. Après le jour la nuit livide,
Après tout, le reveil, infernal ou divin.
V. HUGO.

I

Elles eram gentis, bellos, rosados;
Nos seus louros cabellos annellados
Folgava a viração,
Os olhos, de alegria lhes sorriam,
E os innocentes labios se entre-abriam
Como a flôr em botão.

Elles eram gentís! Ao pôr do dia,
Quando o sol pelas aguas embebia
Seu orbe affogueado,
Os dois anjos de amor e de candura
Corriam, delirantes de ventura,
Entre as rozas do prado.

E as ternas mães, risonhas assentadas
Ao pé de suas rusticas moradas,
Em voz baixa diziam:
«Como elles são tão puros e formosos!
«Quem sabe se tambem serão ditosos!...»
E então não se sorriam.

E os dois vinham chilrando, e as mães toucavam
Das boninas fragrantes que apanhavam
Da balsa entre os verdores;
E seguiam depois a borboleta,
Que além zumbia em torno da violeta
A segredar amores.

Quando a noute estendia o negro manto,
Quando a sombra findava o dôce encanto
Que a vida lhes prendia,
Vinham sentar-se, e tristes de repente,
Como as aves se aninham tristemente
Mal que esmorece o dia!

II

Depois—quasi dez annos já contavam;
Ao longo, então, do prado não folgavam,
Contentes, e a sorrir;
Nem seguiam tão pouco a borboleta,
Que ora beijava a rosa, ora a violeta,
Volitando a zumbir.

A passo incerto, e triste, e vagaroso
Caminhavam; no fim, no val umbroso,
Entre as ramas em flor,
Perdidos no mais denso do arvoredo,
N'um tom de voz sumido, e quasi a medo,
Conversavam d'amor.

E pouco a pouco os timidos semblantes
Hiam-se unindo, e os labios anhelantes
Confundiam-se então,
E um beijo, e mil;... e os anjos que passavam
Sorriam de praser, e não córavam
D'essa infantil paixão!

III

Hoje, dormem além!—foi breve o sonho,
Mas innocente, e limpido, e risonho,
Que amor lhes concedeu:
Avesinhas gentis, temendo o inverno,
Fugiram do seu lar, e lar paterno
Foram buscar no céu!

Fevereiro de 1856.

XVII

DEVANEIO

> Pour mes désirs immenses,
> La vie est courte, et le monde est étroit.
> L. BOUILHET.

Se os cantos melancholicos
Da minha frouxa lyra,
Voassem, ao crepusculo,
No vento que suspira,

Ir-t'hiam com som tremulo
Fallar do meu amor,
Beijar-te o seio angelico,
E o rosto encantador.

E se em teus olhos, lagrimas
Talvez de dôr secreta,
Bailassem, como perolas
Nas folhas da violeta;

Se ouvindo as aves timidas,
Que adejam pelo prado,
Trinar em dôces modulos
Seu canto apaixonado,

A tua voz sympathica
Não respondesse então,
E se ficasses pallida,
Cravado o olhar no chão:

Meus encantos, com som magico,
Talvez que a acerba dôr
Trocassem logo em jubilos
De indefinito amor;

Se os cantos melancholicos
Da minha frouxa lyra
Voassem, ao crepusculo,
No vento que suspira!

Março de 1859.

XVIII

CURA DE AMOR

> Ah non parlar d'amore,
> Sappi... (che fo?) Dovrei...
> Fuggi dagli occhi miei:
> Ah tu mi fai tremar.
> Fuggi; che s'io t'ascolto,
> Che, s'io ti miro in volto,
> Mi sento in ogni vena
> Il sangue, oh Dio, gelar.
>
> METASTASIO.

Bem sei que a luz dos teus olhos
Não póde encantar-me agora;
Dos sonhos da minha aurora
Bem sei que tudo perdi:
Como a florinha açoutada
Pelo vento desabrido,
Eu passo triste e perdido,
Sem norte, sem luz, sem ti!

Oh, como era bello o tempo
Da minha illusão fagueira;
Ao teu lado a vida inteira
Innundava-se em fulgor.
Nem sombra de uma tristeza
Me inlutava o pensamento;
Nem um gemido do vento
Turbava o céo d'este amor!

Eras minha! O prado, a veiga,
O sol, a rosa, a fragrancia,
Aquelle aspirar da infancia,
O teu olhar sobre o meu,
O sorriso, a voz, o enleio
Que de ti só me provinha,
Atestavam que eras minha,
Como eu juráva ser teu!

Minha, sim; não te envergonhes
D'essa existencia celeste,
Não córes do que fizeste,
Não penses no que eu perdi:
Bem sabes que eu vivo agora
Das saudades do passado,
Como inda ha pouco, ao teu lado,
D'amor, d'encantos vivi.

Amei-te! minh'alma ardente
Rendeu-se aos teus attractivos;
Nos teus olhos pensativos
Mil segredos julguei lêr.
Eras tão bella e tão triste!
E a triste inleva tanto!...
Amei-te! affecto mais santo
Nunca mais o hasde ter!

Era a paixão innocente,
Aureo sonho de creança
Que em tudo colhe uma esp'rança,
E que namora a sorrir;
Doce perfume que espira
Do seio d'alma ditosa,
Como espira d'uma rosa
Que as folhas começa a abrir!

Oh, como eu tenho saudades
D'aquella immensa alegria,
Em que a vida me corria
Como um limpido cristal!
Sentindo a illusão mentida
Trocar-se por mil verdades,
Ai, como eu tenho saudades
Do meu sol-posto no val!

Tu não sabes como é triste
Ter fé no amor, crêl-o eterno,
E lá n'um dia do inferno
Vêl-o desfeito cair;
Perder a luz do futuro,
Correr sem tino e sem norte,
E ao cabo, fitar a morte,
Que nos espera a sorrir!

Não sabes, ai, nem t'o digo,
Que me apavora o receio
De que outra vez no teu seio
Renasça o perdido ardor;
Se porventura o sentisses,
Se m'o jurasses agora,
Se aos meus pés te visse, embora!
Não te quizera esse amor.

Minh'alma, como a avesinha,
Já f'rida por mil espinhos,
Fóge aos perfidos carinhos
Em que illudida viveu;
Por éntre as nuvens ethereas,
Rasgando o vóo seguro,
Demanda alegre o futuro,
A cantar por terra e céu!

Março de 1863.

XIX

ENLEIO

> Pela escuridão da noite, nos logares ermos, e ás horas mortas do alto silencio, a phantasia do homem é mais ardente e robusta.
>
> A. HERCULANO.

Ás vezes, no silencio d'alta noute,
Quando mais vivo e mudo o céu fulgura,
    E os eccos da espessura
D'espaço a espaço brandamente soam
    Como uma exhalação;
    E as aves que revoam
Entre os bosques, na densa escuridão,
Nem desprendem sequer um triste pio;
    E o deslisar do rio
Pelo suave e florido pendor
    Da montanha arrelvada,
    Como um beijo d'amor
Suspira apenas na aura regelada,
    Então, eu penso em ti:

Em cada sombra d'arvore que a lua
Estampa sobre o chão,
Distingo a sombra tua;
Em cada lume esplendido que vejo
No azul do céu brilhar,
Descubro aquella magica aparencia,
Aquella dôce chamma d'innocencia
Que brilha em teu olhar.
Cada nuvem que passa, côr de neve,
Creio ser o teu véu, candido e leve,
Que folga solto alli...
E que saudade, então, se ergue em minh'alma;
Ai, como eu penso em ti!

Depois—a lua, o campo, o espaço immenso,
E os perfumes, e as flores,
E os sombrios verdores
Da relva luzidia,
E a vaga melodia
Que do remanso espira,
Longinqua e tão sumida
Como o brando rumor d'etherea lyra;
Tudo calla em meu peito, como o accento
Da voz d'anjo inspirado,
Que, ao passar entre nuvens, désse ao vento
O teu nome adorado!

Maio de 1859.

XX

PERDIDA!

> Que ferai-je seul, farouche,
> Sans toi des jours et des cieux,
> De mes baisers sans ta bouche,
> Et de mes pleurs sans tes yeux!
>
> V. HUGO.

Perdida?... oh Deus, tão perdida
Que nunca mais n'esta vida
Te heide já tornar a vêr?...
Ai, só de o pensar agora,
Sinto a minh'alma que chora,
Que parece indoudecer.
Não heide, não, que é mentira!...
Perder-te? — não pode ser.

De que me servia a lyra,
Se a poesia me fugira,
Se o meu estro vem de ti?
Por esta senda d'abrolhos,

Não sendo a luz dos teus olhos,
Que outra luz brilha e sorri?

Perdida?... não, foi loucura!
Quem sabe?... tu não pensavas
Nas torrentes d'amargura
Com que o meu ser innundavas,
Quando te accodiu aos labios
Essa palavra gemida,
Affogada em tantos ais,
Essa palavra—perdida,
Perdida, ai amor, perdida...
E adeus para nunca mais!

Pois tu não vês que eu não posso
Ficar na terra sósinho,
Ave sem patria e sem ninho,
Errante na solidão?
Não sabes que esta existencia
Definharia a cad'hora,
Sem ter um raio d'aurora,
O praser d'uma illusão?

Oh, que nunca mais na vida
Torne a accudir aos teus labios
Esse adeus da despedida,
Que affogaste em tantos ais!
Mas de novo, e cedo, e breve
Que eu bemdiga os teus encantos;
E adeus tristeza, adeus prantos,
E adeus, para nunca mais!

Abril de 1856.

XXI

O POR DO SOL

> Now the soft hour
> Of walking comes for him who lonely loves
> To seek the distant hills, and there converse
> With nature; there harmonise his heart.
>
> THOMSON.

Hora do pôr do sol, hora encantada,
Em que o dia esmorece, esvae-se, e expira;
Hora em que a brisa tepida que gira
Se perfuma de aromas voluptuosos;
Em que os hymnos saudosos
Da timida avesinha, principiam
A transpirar dos humidos verdores
Da frondosa alameda; hora d'amores,
D'enleio e de saudade, em que inspirada
Se eleva a phantasia, e, sobre flores,
O coração parece
Que descança feliz, e que espairece...
Hora do pôr do sol, hora encantada!

Oh, quem não hade amar esses instantes,
Em que o canto de amor, de paz immensa.
De humilde e eterna crença,
Aos pés de Deos se envia!
O canto, em cuja unisona harmonia
Mil harmonias vão, mil sons, mil brados:
Da lenta e fresca brisa
Os preludios no val improvisados;
O murmurio do rio que deslisa,
Os suspiros febris de um casto seio.
O limpido gorgeio
Do rouxinol, o susurrar suave
Das arvores da encosta, o rumor fundo
Que manso e manso cresce, e vem do mundo:
E sempre doce e grave,
Aquelle som que diz *melancholia*,
O som da Ave-Maria!...

Hora do pôr do sol, que longos annos,
Que existencia de encanto e de ventura
Se vive em teus momentos!
Hora do pôr do sol,—penas, tormentos,
Lavores d'esta vida, que na terra
Apertam e amofinam
O pobre coração, aqui, na serra,
Aqui se esquece tudo;
Aqui, branda saudade
Os seios d'alma em jubilos enleia:
Mansa tranquillidade
Como que affaga o cerebro agitado:
O peito não anceia,
Não o affronta o sangue angustiado.
Que importa a falsidade
Que lá no mundo vae?
Que importa a dura guerra
Das ambições, se aqui não chega um ai
D'essa gente sem fé, que passa e corre
Apoz uma illusão que a fascinou:

Immensa borboleta que emfim morre,
Na chamma a que voou!

Hora do pôr do sol, hora encantada,
Tu és a mais suave da existencia;
Até no mesmo peito onde a innocencia
Perdeu todo o frescor,
Quando tu vens brilhar d'entre a espessura,
Inda se eleva uma saudade pura
Que nos falla de paz e de ventura,
Que nos falla d'amor!

Quem, se uma vez na selva, erma e sombria,
Viu estes quadros do expirar do dia
Não hade com saudade recordal-os?...
Oh, quem não hade amal-os,
Esses momentos d'intima poesia!
Quem? ai sim! que no mundo ha tantos, tantos,
Que não sabem gozar outros encantos
Senão no vicio rude;
Sim, que os ha; para taes, o grato aroma
Do mais fragrante lyrio,
Não lhes aplaca o fervido delirio
Do insano coração:...
Ó campo. ó solidão,
Bem haja o que comtigo,
Quando esmorece o dia,
Vem conversar, e conversar comsigo;
Ermo no val, perdido,
Ou sobre o pico erguido
Da agreste serrania!

Hora do pôr do sol, hora encantada,
Em que a amante singela e apaixonada,
Entre affagos renova os seus protestos
De constancia e d'amor;
Em que os beijos exhalam mais fragrancia,
Em que accesa em rubor

Folga, e palpita, e desabrocha a infancia,
Como a viçosa flôr;
Oh, como tudo em ti ganha em doçura
O que em clarões esplendidos perdeu:
Na terra ha mais frescura,
E ha sonhos de ventura
Na pallidez do ceu!

Por isso eu deixo o mundo, e solitario
Venho sentar-me á sombra do arvoredo,
E ouvir o rouxinol;
E então minha alma espraia-se contente,
E os anjos vem sorrir-me alegremente...
Hora do pôr do sol!

Março. 1859.

XXII

SONHEI-TE

.... et je sentais l'ivresse
De me brûler le cœur à tes regards si beaux;
Mais tu fuyais toujours, et toute ma tendresse
Fut pareille à ces fleurs que l'on jette aux tombeaux.

L. BOUILHET.

Pois dize, porque te esquivas?
Porque foges do meu lado
Quando eu te fallo de amor?
Porque, porque hade o pudor
Corar-te a face gentil?
Candida rosa de abril,
Quem te deu tantos espinhos?
Onde deixaste os carinhos,
Ai, onde os deixaste, flôr?

Não sabes tu, foi n'um sonho
Que eu te vi,—céus de ventura!
No teu semblante risonho
Não sei que luz scintillava:
Nos olhos, onde a ternura
Languidamente assomava.

Havia tanta eloquencia,
Tanto amor, tanta innocencia,...
Foi n'um sonho, um sonho, embora!
Mas amei-te desde ess'hora,
Adorei-te, anjo de Deus,
Ai, porque foges agora
D'estes tristes olhos meus?

Espera,—então porque veiu
A tua imagem formosa,
Junto ao meu leito, graciosa
Elevar-se, e contemplar-me
Co'um sorriso inda infantil?
Pois dize,—porque o teu seio
Pulsava alli tão febril,
Quando me disseste: «canta!»
E a debil mão que tremia
Firmavas no rosto meu;
E com tanta graça, e tanta,
Repetias: «canta, canta,
«Que o teu genio serei eu?»

Vinhas pedir-me a poesia,
Dei-ta na minha paixão;
Dei-te o som, dei-te a harmonia
Que esse inlevo me inspirou,
Dei-te a luz que te inundou
De vivo, celestial fulgor;
Tu—não sei o que me déste;...,
Mas vivi, vivi,—celeste
Foi essa vida de amor!

Depois, um beijo de fogo
Senti qneimar-me o semblante;
Foi um beijo, um cento... e logo,
Esse sonho delirante
Da minha mente fugia,

Ai, para sempre talvez!...
E tu, tu, anjo inconstante,
Ou mulher, ou sombra, ou fada,
Tu, fria, morta, gelada,
Com o meu futuro a teus pés!

Embora! tu ris e passas
Bemdizendo a providencia,
Tu vás ornando a existencia,
Tu corres sobre um jardim;
Queira Deus que nunca tenhas
Um momento, um só, na vida,
Em que te vejas perdida,...
E em que te lembres de mim!

Novembro, 1858.

XXIII

O BARQUEIRO

> Let winds be shrill, let waves roll high,
> I fear not wave nor wind;
> Yet marvel not, sir childe, that I
> Am sorrowful of mind.
>
> BYRON.

Junto á riba verdejante,
Rio abaixo, só, errante,
Linda barca aventureira
Se desliza devagar;
Olhos fictos na ribeira
Leva o barqueiro.., a pensar.

Onde irá elle ao sol posto?
Onde irá?—no frio rosto
Não sei que pezar amargo
Lhe reflecte o coração;
E lá corre, e faz-se ao largo,
Ao largo na solidão!

Triste na pôpa assentado,
Como n'um sonho enleiado,
A terra que foge, attento
Devora-a com seu olhar;
Ao sabor do fresco vento
Deixa a barca derivar.

Não lhe dissipa a tristeza,
Nem a meiga singeleza
Da luz do astro saudoso,
Que sobre a terra desceu;
O seu olhar pezaroso
Não fita um raio do céu!

Só depois, com voz sumida,
Como voz que fóge á vida,
Ao vento que então soprava
Um canto soltou por fim;
E o canto que suspirava
Passando dizia assim:

—«Soprai brisas do nordeste,
«Vinde-me o rosto açoutar;
«Com rugido fundo e agreste
«Rebentae, ondas do mar.»

«Eu não temo o mar nem o vento
«Com que brinquei mal nasci;
«Porque negro encantamento
«Me entristeço agora aqui?»

«Porque na brisa ligeira
«Se me esvae o coração?
«Porque sempre na ribeira
«Meus olhos pregados vão?»

«Embalde no firmamento
«A minha estrella reluz;
«Já não hei vendo-a contento,
«Nem me guia a sua luz.»

«Vou-me ao longo d'estas aguas
«A lembrar-me d'outro bem,
«A contar as minhas magoas
«Aos sopros vindos d'além;»

«E saudoso a recordar-me
«Da vida que me fugiu,
«Quando á noute ia sentar-me
«Na fraga d'ao pé do rio,»

«A juntar languidas queixas
«Dos meus sonhados amores,
«As dôces, ternas endeixas
«Da aragem que beija as flores.»

«Agora, como estas vagas,
«Meu malfadado viver,
«Quer no rio, quer nas fragas,
«Passa rapido... a gemer.»

«Ai, porque assim te embebeste,
«Ó minh'alma, em seu olhar?...
«Soprae brisas do nordeste,
«Rebentae ondas do mar!»

E o debil canto sentido,
D'écco em écco repetido,
Sôa ao longe, e passa, e passa,
'Té morrer na solidão,
Contando sempre a desgraça
Do seu pobre coração.

E ainda livre, só, errante,
Junto á riba verdejante,
Vae a barca aventureira
Deslisando devagar;
Mas ao longo da ribeira
Não deixa o triste d'olhar!

Outubro, 1858.

XXIV

AI DE TI!

Nata per la virtù.
SILVIO PELLICO.

Pasmas?... porque?... tristezas?!... se soubesses
Porque ellas me annuviam o semblante
No mais risonho instante
D'esta minha existencia!...
Se acaso tu podesses
N'essa alma, pobre anjo de innocencia,
Saber quanto o remorso me tortura,
E, de leve, sentir uma amargura
Das que eu tenho a opprimir-me, aqui, aqui
No pobre coração!...
Ai, não t'o digo, não,
Porque a tua alma ri
No sonho dos amores,
Porque inda folga e brinca pelas flores...
Ai, não to digo a ti!

Porque queres saber a negra historia
Que eu tenho ha tanto escripta na memoria,
Como um sello de dôr?—Pomba innocente,
Oh, não descances n'este seio enfermo,
Onde, como n'um ermo,
Nem um tibio clarão jámais sorri.
Para que do teu val, louca, fugiste?
Pomba, como o teu fado é triste, é triste,
Ai, não to digo a ti?

Que dia, aquelle dia em que vieste
Incauta e desvairada,
Por mim cega d'amor,
Lançar-te apaixonada
Nos meus tremulos braços!...
O angelico pudor
Durou curtos espaços:
Depois, o coração
Ergueu-se todo n'um furor sublime
Como não se hade erguer o de ninguem;
Depois, foi a paixão,
Depois, ai Deus! o crime,
Depois... tu sabes bem!

Oh, e como no fogo do delirio
Meiga, ingenua sorrias!
Tu, bem sei, nem ao menos presentias
Os trances do martyrio,
Que apoz viriam negros e malditos;
Olhavas, mas não vias
Sobre o azul do horizonte,
Pavorosa nuvem da procella;
Olhavas, nem a vias sobre a fronte,
Que inda não tinhas olhos para vêl-a!

Meiga, ingenua sorrias! N'esse instante,
Como se um raio de celeste essencia
Te illuminasse o pallido semblante,
Teus olhos resplendiam d'innocencia.
Involta nos anhelitos suaves
Da mystica alegria,
A tua voz, a etherea melodia,
Balbuciava o cantico singelo
Do jubilo e do amor:
Eras da paciencia o anjo bello,
Tu, cantando na dôr!

Eu, eu não, que te via alli perdida!
N'um sonho delirante, mais que a vida,
Mais,—o grato perfume
Da tua alma innocente,
Se havia evaporado ao fogo, ao lume
Do meu beijar ardente!
Perdida, e para sempre!.., tu sorrias;
—«Porque estás triste?,..» em doce voz dizias,
Cravando o teu olhar sobre o meu rosto:
«Porque estás triste, amor? póde o desgosto
«Pungir-te o coração,
«Quando junto ao meu lado...» e prasenteira,
Na misera cegueira
D'essa fatal paixão:
«O que tens?...»—repetias com meiguice;
Porém eu, inda bem que t'o não disse,
Ai, não t'o disse, não!
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Hoje, que tu já sabes essa historia,
Que eu tinha ha tanto escripta na memoria
Como um sello de dôr, pomba innocente,
Ai, não tornes de novo ao seio enfermo,
Onde, como n'um ermo,

Nem uma flor veceja,
Nem uma aura bafeja,
Nem siquer uma esp'rança te sorri.
Para que do teu val, louca, fugíste?
Pomba, como o teu fado é triste, é triste!...
Como é triste, ai de ti!

Janeiro, 1859.

XXV

Á POLONIA

The heroes rise, like the breaking
of a blue-rolling wave!

OSSIAN.

Ergueu-se o braço intrepido
De um povo d'opprimidos,
Aos ais desfallecidos
Succede a indignação;
Trocou-se em berço um tumulo,
Surgio a heroicidade,
Responde a liberdade
Á voz da escravidão!

Oh, que alvorada esplendida
Scintilla e rompe ao largo!
Quebrou-se o vil lethargo
Que servos mil rendeu.
Debalde a mão dos despotas
O gladio empunha agora;
A estrella redemptora
Reluz por terra e ceu!

Quem doma o fundo pelago
Que os alcantís devasta?
Quem diz altivo:—«basta!»—
Aos negros vendavaes?
E que tyranno asperrimo
Se eleva sobranceiro,
Gritando a um povo inteiro:
«Não te erguerás jámais!»

E o povo todo, impavido,
Quebrando os ferreos jugos,
Bradou ante os verdugos:
«Sou livre!» e emfim se ergueu;
Bem hajas tu, Polonia,
Que despertaste agora;
Da liberdade a aurora
Reluz por terra e ceu!

Bem hajas tu, que a purpura
Do sangue teu banhada,
Já quasi vês rasgada
Por tua egregia mão.
Nós, do teu santo jubilo
Mil jubilos colhemos,
Nós, que tambem sabemos
Vingar-nos da oppressão!

E emquanto a Europa, timida,
Se esconde na impotencia,
Martyr da independencia
Tu vás luctando só:
Audaz e novo Encelado
Que sotopondo montes,
Dos patrios horisontes
Varres o sangue e o pó!

Deos te abençoe os impetos,
Terra de affectos santos,
Que a liberdade, em cantos,
Te venha emfim saudar,
E que, gigante incolume,
Possas sorrir da lida,
Tragando amor e vida
No teu festivo lar!

Setembro, 1863.

XXVI

FLORES E AMORES

Oh! l'amour, c'est la vie!

V. HUGO.

Vem! No prado aos clarões da primavera
Vê-se mais bella a rosa vicejar;
Por entre as moutas da enramada hera
Começa a borboleta a doudejar,
Vem! Ao sol que resvala no horisonte
Que eu te veja brilhar a pura fronte;
Que a fragrancia balsamica da flor
Se confunda em teu halito innocente,
Dôce aroma d'amor!

Deixa esse mundo d'amargura enfermo,
Que nem póde alegrar-se a um sol d'abril;
Deixa-o, e vem na paz do brando ermo
Viver, e sentir n'alma juvenil,
Espairecendo-a livre entre os encantos
Das arvores, do céu, do mar, dos cantos,
Desabrochar mais bello o teu amor,
Como os botões das rosas desabrocham
Da balsa entre o verdor!

Março, 1859.

XXVII

O SUSPIRO

Did ye not hear it?
BYRON.

Oh, que harmonia languida
Foi esta que soou?
Na doce brisa tepida
Quão meiga suspirou!

Como das balsas, humidas
Do rorejar celeste,
Lhe respondeu tão rapida
Terna avesinha agreste!

Como o clarão sympathico
Da lua se avivou!
Como a estrellinha fulgida
De céu em céu voou;

E além do monte, tremula
Se foi, como embebida
N'essa harmonia magica,
Ao longe repetida!

Pois como? a casta cythara,
Sómente a Deus sagrada,
Por mão, acaso, angelica
Na terra foi pulsada?

Pois quem, senão o Empyreo,
Lhe escuta a vibração?
E o brando som, que placido
Gemeu na viração?...

Ouvindo-o, em mago extasi
Minha alma se enleiou;
Mas que harmonia languida
Foi esta que soou?...

Ai, do teu seio turgido,
Já sei, ella rompeu:
Era um suspiro fervido,
De ti, anjo do céu!

Dezembro, 1858.

XXVIII

A CAROLINA

—Arrière les douleurs,
Et les regrets moroses!

V. HUGO.

Sim, bem haja a Providencia,
Que em teu pallido semblante,
Meiga, pura, deslumbrante
Accendeu a antiga côr;
Celeste luz d'innocencia
Que perdêras, meu amor!
Bem haja!—Em tuas pupillas
De novo brilha a paixão,
E, agitado, o coração
Te bate ardente e febril;

De novo tua voz sonora
Se inflamma, quando me diz
Esses protestos, que out'rora,
N'aquelle extasi indisivel
Do prazer, bella, feliz,
Em meus braços repetias,
E toda encanto sorrias!

Bem funda foi a tristeza
Que tua longa enfermidade
Em minh'alma derramou;
Ai, parece que a saudade
De todo não se apagou
Do coração opprimido!
Olha, vê tu, cada dia
Que passava e te não via,
Era um seculo de dôr;
Quando o sol esmorecia,
Hia além, junto do ulmeiro,
Divagar... pensando em ti;
E a tua voz resoava
No vento que suspirava!

Mas agora, que me importa
Todas quantas amarguras
Dentro em meu peito senti,
Se, de novo, ao pé de ti
Já vivo, se o meu olhar
Repousa já sobre o teu?
Que me importa, n'este céu
Dos teus braços, que me apertam
Com phrenetica anciedade,
Esse inferno de saudade,
De dissabor, d'afflicção,
Que em tantos dias, querida,
Me andou a rallar a vida!

Oh, que instantes de ventura
Lá na cerrada espessura
Do ameno val passarêmos;
Como, espairecendo os olhos
Pela risonha verdura
Da campina, sentiremos
Renascer o coração,
Desfeito por tantas horas
De pesado soffrimento!
Ai, n'aquelle encantamento
Ledo, cego, indecifravel,
Da delirante paixão,
Nossas almas voarão,
Entre as ondas da harmonia
Que se eleva ao Creador:
Voarão bellas d'amor!

Sim, bem haja a Providencia,
Que em teu pallido semblante,
Meiga, pura, deslumbrante
Accendeu a antiga côr;
Celeste luz de innocencia
Que perderas, meu amor
Bem haja! As pesadas horas
D'amarguras ralladoras
Vão longe! De novo brilha
Em tua face o praser,
De novo o tempo encantado
Do jubilo hade volver.
Oh, e então, quando ao teu lado
Eu me fôr sentar sósinho
No mais escuzo do val,
Sobre o meu peito arrobado
Une o teu, bello e gentil,
Onde, ancioso, o coração
Te pulsa ardente e febril.

E com tua voz sonora,
Ai, desprende esses protestos
D'amor eterno e profundo,
Que tantas vezes outr'ora
Em meus braços repetias,
E toda praser sorrias!

Abril, 1856.

XXIX

O TEU OLHAR

Her eyes are two decaying flames.
OSSIAN.

Quando os teus olhos limpidos, serenos
Descansam sobre os meus; quando, tranquillas,
As lagrimas suaves da ternura
Orvalham tuas languidas pupillas,
Augmentando inda mais essa doçura
Que um segredo de amor me conta, e diz;
Tu não pensas, ó anjo de candura,
Ai, tu não pensas como eu sou feliz!

Ante esse brando olhar, onde se espelham
Co'um fulgor resplendente,
Todas as affeições meigas, singelas,
Da tua alma innocente,
Minh'alma luz tambem:
A densa nevoa de pesar profundo
Que tantas vezes occultar-lhe vem
Os jubilos do mundo,
Se rarefaz então,
Como a nebrina que reveste as flores,
Quando rompe o clarão
D'aurea manhã de abril;
Oh, e já livre e pura, o teu sorriso
Innunda-a até os seios de alegria,
Como uma emanação do paraiso!

E est'alma, ai Deus, dilata-se contente,
Ao fulgor resplendente,
Do teu olhar, tão bello de ternura,
Que um segredo de amor me conta, e diz;
Então, anjo celeste de candura,
Ai, tu bem sabes como eu sou feliz!

Novembro, 1858.

XXX

ASPIRAÇÕES

Et la mort peut venir, et je t'aime, et je veux
T'avoir là dans mes bras..

ALF. DE MUSSET.

Se o teu olhar, que me enlouquece a vida,
Não scintilla por mim, deixa-me, qu'rida,
Queimar n'esse esplendor;
Se um raio d'esse olhar por mim dardeja,
Desça-me ao coração, que só deseja
O teu amor, amor!

Se os teus braços dão morte ao que os procura,
Já não quero viver, que a vida—escura
No berço me rompeu;
Se tem azas teus braços côr de neve,
Quero vôar comtigo, erguer-me breve,
E descançar no céu!

Oh, mas tu, cujo pallido semblante
Se inflamma em luz divina, e a cada instante
Ao meu olhar sorri;
Não desfarás a mystica alegria
Da minha alma, que anceia noute e dia
Por ti, meu Deus, por ti!

Março, 1863.

XXXI

O LYRIO DO VAL

Mai l'amor mio verace,
Mai non vedrassi infido;
Dove formassi il nido,
Ivi la tomba avrà.
Alla mia prima face
Così fedel son'io,
Che di morir desio
Quando s'estinguerà.
METASTASIO.

I

Um dia fui ao campo;—a cousa é rara!
(Ouço bradar um critico-méstraço,
Co'um riso de desdem na sabia bocca);
Lá se é rara, não sei, mas a verdade
É que um dia de maio fui ao campo.

Maio é festivo, alegre e jubiloso,
Convida ás distracções, lembra os passeios
Pelo vergel florido, pelos bosques,
Ou pela fresca margem dos ribeiros.
Vem c'roado de rosas, traz no seio
Um ramalhete agreste de boninas,
Cantam-lhe em bando as aves, quando o avistam,
Brincando pelo espaço delirantes.

Era um dia loução, sem dôr, sem nuvens,
Sem tristezas de amor,—vaga saudade
Não vinha o coração tocar de leve.
Hia comtigo só, *flor de mi pecho*,
Dize, não te recordas?—encostada
Ao meu tremulo braço, caminhavas
Aspirando contente as doces brisas.

Via-se ao longe o val, em pouco tempo
Lá nos fômos sentar; eu puz-me logo
A improvisar estrophes sobre estrophes
A campina gentil, tu, descansando
Sobre o meu peito a fronte encantadora,
Ternas fallas de amor me segredavas,

II

—«Que eu sou a flôr d'estes campos
Ouço dizer sempre a todos,
É que buscam por mil modos
Meu coração captivar.
Oh, não creio, não me inlevam
Meigas fallas de ternura:
Como a veia d'agua pura
Quero correr e brincar.

«Nasci co'o verde pinheiro
Que á minha porta veceja;
Minha mãe quando me beija
Põe-me na trança uma flôr;
Se eu fico então pensativa,
Se me entristece uma idéa,
Diz-me, a sorrir, que não creia
N'algum suspiro de amor.

«E eu vou cantando, sósinha
Brincar na verde campina;
Tenho o sol que me illumina,
Tenho o vento a murmurar;
Não quero os dôces protestos
Que ao pé de mim dizem todos,
Pois só buscam por mil modos
Meu coração captivar.

«Mas hontem, Jesus! não digo,
Que a voz me treme ao dizel-o...
Vi um mancebo tão bello,
Tão bello,... que mais direi?
Foi quando eu vinha da fonte,
Era já quasi sol posto;
Subiu-me o calor ao rosto
Quando ao seu lado passei.

«É alto, bem feito, esbelto,
Olhar vivo e apaixonado;
Quando passei ao seu lado
Ouvi-lhe fallar de amor!...
Nasci co'o verde pinheiro
Que á minha porta veceja;
Minha mãe quando me beija
Põe-me na trança uma flor!»

III

Quem passava a cantar d'esta maneira
Era uma jovem candida e formosa
Como o lyrio do val; na linda fronte
Dava-lhe sombra airoso chapelinho
Pendido com donaire, alvo justilho
Apertava-lhe o corpo melindroso.
Curta saia de lã,—dava-lhe o vento,

Pé pequeno e gentil, andar de fada.
Quando nos viu callou-se, e um meigo riso
Veiu assomar-lhe timido entre os labios.
Chamaste-a, ella sentou-se ao nosso lado,
Conversámos depois; n'alguns momentos
Não sei dizer que affecto nos ligára.

Chamava-se Maria; inda te lembras?
Tinha treze annos só; morava ha muito
Na casinha d'além, na que alvejava
Entre as ramas frondosas d'alamêda.
Seu pae, honrado ancião, vivia isempto
De minguada escacez,—larga colheita
Lhe pagava cada anno o trato rudo.
A mãe, santa mulher, tinha o seu mundo
No cantinho do lar, ou, quando muito,
Em tardes de verão, sob o pinheiro
Que alegremente a porta lhe ensombrava.
Era constante um riso em cada bocca,
Uma festa em cada alma, um paraiso
N'esse casal,—morada da innocencia.

Disse-nos tudo assim, não te recordas?
Um momento depois ergueu-se lestes,
Deu-te um beijo, saudou-me e partiu logo.
Inda penso que a vejo airosa e leve,
A caminhar ligeira sobre a relva!
Pois bem,—da pura flôr, d'essa avesinha
Que ao pé de nós pousou, da luz, da perola,
Do perfume do val, d'essa Maria
Que um dia viste alegre e prasenteira,
Vou-te contar, amor, a negra historia.

IV

Era em julho, nas eiras d'aldeia
Levantava-se em montes o trigo:
Os camponios deixavam o abrigo
Mal que a aurora rompia gentil.
Tudo vida, trabalho, alegria,
Abundancia, cantigas, risadas;
Sobraçando as espigas douradas
Correm bandos, são vinte, são mil!

E as raparigas
Batendo as palmas,
Dançavam loucas
Em derredor,
Quantos affectos
N'aquellas almas;
N'aquellas boccas
Que sons d'amor!

«Eia vâmos:» gritava um bom velho
Aos mancebos que a dança embebia;
«Eia vamos!» e o pae de Maria
Ao trabalho os convida outra vez;
Tudo o segue, termina o folguedo,
Tudo o ficta com um rir prasenteiro;
Mas os moços, d'olhar sorrateiro,
Vão na filha attentando ao revez.

E as raparigas
Batendo as palmas,
Lêdas cantavam
Em derredor;

Quantos affectos
N'aquellas almas,
Que suspiravam
Talvez d'amor!

Sopra o vento, redobra-se a lida,
Quantos braços contentes se agitam!...
Arde o sol, novos brios palpitam
N'esses peitos que orvalha o suor.
«Rica çafra! descançem agora;
«Voltem cêdo mais fartos d'alento;
«Cada grão deu de espigas um cento,
«Rica çafra! não mente o Senhor!»

E as raparigas
Batendo as palmas,
Junto a Maria
Foram dançar.
Quantos affectos
N'aquellas almas;
Quanta alegria
N'aquelle olhar!

De repente na encosta visinha
Roda um carro, vem lestes correndo,
Logo pára, ligeiro descendo
Fidalguinho inda moço se viu;
Sóbe a encosta, corteja,—que agrado!...
Como é bello!... que encanto o traria?
Ai, desgraça! lá corre... Maria!...
Róda o carro,—lá foram... partiu!

E as raparigas
Não mais dançaram;
Vão-se a caminho
Tudo contar:

E algumas d'ellas
Tristes choraram,...
Do fidalguinho
Não as roubar!

V

A cousa succedeu d'esta maneira:
O mancebo gentil que ella encontrára
N'um dia ao vir da fonte, namorou-se
D'aquella formosura honesta e santa.
Ella cedeu ao encanto dos seus olhos,
Aos suspiros, á voz que murmurava
Tantas e tantas juras maviosas.

Puras idades de ouro, em que as donzellas
Viviam, como as deusas nas florestas,
Comendo agrestes fructos, dormitando
Sobre a relva do val, mirando o rosto
No crystalino espelho de uma fonte.
Oh, que formoso idylio! O Don Quixote,
Se inda me lembro bem, fez um discurso
Ao divino primor d'estas idades.
—*Siglo dichoso! Entonces, ciertamente,*
Los que en ello vivian, ignoraban
De nuestra edad las pompas engañosas!—
Hoje a moda passou; qualquer serrana,
Por mais pura que seja, ou mais simploria,
Prefere a *prosa vil* da casa rica,
Á *poesia* da choça e d'arribana!

Um dia o fidalguinho disse á bella
Que fugisse d'alli, deixasse a aldeia,
Fosse viver com elle, independente,
Rica, feliz, amada, emfim—senhora.
Santo nome de Deus! fogo tão vivo

É capaz de aturdir sabias de polpa,
Quanto mais de offuscar o olhar incauto
Da que entrava no mundo amando e crendo.

Poz-se a fuga em projecto, combinou-se
Todo o plano fatal, e o resultado
Foi ficar solitario o lar paterno.

VI

Lembram-te aquelles versos maviosos
Do teu vate immortal, como lhe chamas,
Que começam assim:
—«E a dôr ignora,
Não sabe o que é padecer,
Quem o filhinho que adora
Não viu ainda morrer...?»
Pois imagina tu que inda é mais triste
Crear a flor, regal-a de mil prantos,
Ser-lhe esteio da vida, amal-a muito,
Para chegar do inverno uma rajada,
E atirar co'a florinha ao solo impuro.

Pobre paterno amor! E os tristes velhos,
Viuvos no seu lar, já não sorriam
De ouvir cantar á noute a toutinegra
No pinheiro d'aopé; que aos seus gorgeios
Não se juntava o canto sonoroso
Da filhinha,... meus Deus!—que ingrata filha!

Tudo embalde a buscou, de sitio em sitio,
De logar em logar, no val, n'aldeia...
Ninguem a viu passar, não se descobre
Um vestigio siquer,—negro mysterio!

VII

O tempo foi correndo, isto ha seis annos;
Não te esqueceste já? No povoado
Morava um moço altivo, honrado e pobre,
Visinho de Maria; quando o lyrio
Fôra crescendo, Antonio namorára-o
Com todo o fogo ardente da sua alma.
Ella não o sabia; mas de tarde,
Quando vinha da fonte ao lar paterno,
Sempre o via sentado á sua porta.
—«Adeus, Antonio,»—e a mão que lhe estendia
Era de amiga só; elle apertava-a
Co'um respeito profundo, e tristemente
Punha os olhos no chão, como quem scisma.

Quando a estrella fugiu, allucinado
Foi-se a casa do velho, e voz em grita
Disse, apertando o peito convulsivo:

—«Não chores! Sei que é profunda
A tristeza da tua alma;
Egual tristeza me innunda,
E me desvaira a rasão:
Olha, escuta—amava-a muito!...
Todo o amor que em mim nascera,
Dei-lho todo, e mais lhe dera
Se o tivesse o coração!

Trez annos—mudo, esquecido,
No meu silencio profundo,
Tres annos a amei, no mundo
Não o soubera ninguem.
Pela tarde hia assentar-me
Á sombra d'este pinheiro;
Se ella então vinha fallar-me
Era ditoso; pois bem,
Tanto amor, tanta amargura,
Tantos sonhos de ventura,
Tantos dias de illusão,
Tantos suspiros sentidos,
Tantos ais, tantos gemidos,
Tudo n'um'hora perdi:
Vê se ha tristeza mais funda:
Mede o pesar que me innunda,
Pelo que sentes em ti!

«Tinha posto a minha vida
N'estes sonhos d'esperança;
Amava-a como creança...
Era o meu anjo, o meu Deus;
Via um futuro celeste
Quando escondido a fitava,
Não sei que encantos sonhava
Ao pôr meus olhos nos seus.

Agora fugiu, deixou-nos...
Na terra nada me prende!
Já n'outro peito recende,
Já palpita n'outro amor.
Eu parto,—de serra em serra,
De monte em monte galgando
Heide seguil-a, buscando

O que de nós a arrancou;
Tirar-lha—pura ou manchada
Vingar esta alma affrontada,
Honrar-te a face infamada...
Eu to juro por quem sou!»

Cerrando o punho co'um furor de louco
Partiu rapido e só; o pobre velho
Ficou triste a chorar,—por muitos mezes
Ninguem mais lhe fallou na ingrata filha.

E Antonio? o que era feito do mancebo?
Ninguem o vira mais; era um mysterio
Que ia enchendo de pasmo a aldeia inteira.
Quando alguem perguntava ao bom do velho
O que era feito d'elle, meneava
A encanecida fronte, e co'um sorriso
Apenas respondia:—«Eu sei!... quem sabe!...
«Talvez grande desgraça succedesse.
«O anno nasceu máu,—trouxe-nos trigo
«Á farta, arrôdo, em medas cento e cento,
«Mas levou-nos a paz, que vale tudo!»
Aqui dava um suspiro, e pelas faces
Começava a correr-lhe um mar de pranto.

VIII

Eu tenho obrigação, se não me engano,
De pôr em bom caminho a narrativa.
É sestro que não perco; apenas digo
Tres ou quatro palavras sobre o assumpto,
Fujo logo d'acção, e principio
A perder-me n'um vasto labyrintho.
Que é feito de Maria? o que fez d'ella
O nosso incomparavel fidalguinho?
Não deixo de o dizer, mesmo o romance
Nõo póde dispensar-me este capitulo.

No dia em que partiu da sua aldeia
O teu lyrio do val, não sei que leguas
Atravessou na fuga delirante.
Quando a noute caiu, parou no atrio
D'um soberbo palacio, saltou lestes
Da caleça veloz, e ao seu amante,
Co'um um sorriso de amor deu logo o braço.
Subiram;—tu decerto me dispensas
Que eu descreva a mobilia, o lar, a casa,
E que depois te diga, por miudo,
Quantos creados tinha, ou quantas rosas
Então cresciam no jardim virente.
Depois, vinte ou mil versos de tal lote
Não faziam melhor este poema.
O que eu digo, porém, é que Maria,
Quando ao romper d'aurora ergueu a fronte
Do seu leito d'amor, estava pallida,
E dos olhos sem luz corria o pranto.
Vasco (o meu nobre heroe), meio inclinado
Sobre o morbido peito da innocente,
Sorria alegre, e o fervido sorriso
Hia perder-se, breve, em loucos beijos.

—«Foi bella a noute! De venturas cheio
Bate-me o seio com febril ardor;
Deste-me um mundo d'eternaes delicias,
Em mil caricias d'anhelante amor!»

«Foi bella a noute! que gentís affagos!
Que sonhos vagos! que sorriso o teu!
Em cada amplexo com que a mim te unia,
Como que via resplender-me o céu.

«Oh, ergue a fronte! porque choras triste?
Que dôr sentiste ao despertar aqui?
Que importa a patria onde folgavas d'antes,
N'esses instantes em que amor sorri?

«Oh, ergue a fronte;—no meu peito amigo
Mais dôce abrigo te quiz dar o céu.
Minha alma é tua, meus affectos puros
Vêem futuros n'um sorriso teu!

«Como as campinas se erguem já formosas,
Que lindas rosas, que subtil frescor;
Como nós ambos passaremos lêdos
Entre arvoredos respirando amor!

«Depois, á tarde, em teu gentil regaço,
Quando o cansaço me prostrar em fim,
Como esta fronte inclinarei ditoso,
Sentindo o goso palpitar em mim!

«Propicia estrella te fulgiu na vida,
Rosa perdida na aridez d'além;
Colhi-te alegre, bemdisseste o fado...
Eis-me ao teu lado,—que prazer meu bem!

«Oh, ergue a fronte! N'este peito amigo
Mais dôce abrigo te quiz dar o céu;
Minha alma é tua, meus affectos puros
Vêem futuros n'um sorriso teu!»

Vasco dizia assim; ella inclinava,
Entre magoa e prazer, a linda fronte,
E suspirava então;—mas quem soubera
Os mysterios fataes d'esse suspiro!...

IX

Passaram-se alguns annos; no entretanto
Hia crescendo o amor do illustre Vasco.
Duas crianças, lindas como estrellas,
Apertavam mais rijo o estreito laço
D'essa louca affeição; tudo era festa,
Prazer, ventura, commoções profundas,
Tudo sorria em paz; ella, comtudo,
Tinha seus dias de tristeza amarga.
Porque? porque chorava, quando em torno
Tantas galas brilhavam, quando a vida
Lhe ia correndo alegre em mar de rosas?
Oh, quantas vezes a materna imagem
Apparecia triste ante os seus olhos;
Quantas vezes, no vortice implacavel
Das saudades da infancia, recordava
O bosque, o val, o campo onde nascêra,
O pinheiro consocio em mil folguedos,
As cantigas da tarde, as borboletas,
E então chorava lamentando a sorte.
Depois, se os ternos filhos—doudejantes
Vinham beijar-lhe a fronte, se escutava

O gorgeio infantil das avesinhas
Que em seu peito aquentára, se um sorriso,
Se uma palavra—«mãe»—vinha acordal-a
D'esse enleio fatal, oh, como a triste
Os apertava sofrega e contente;
Como fitava o céu, e com que accento
Balbuciava então:—«Filhos!... meus filhos!...»
E a voz desfallecia-lhe nos labios!

X

O campo é formoso
Na quadra das flôres,
Tem cheiros, tem côres
Que infundem praser.
As brisas que passam
Suspiram-nos beijos;
Suaves desejos
Sentimos nascer.

O campo é formoso
Nos tempos singelos
Dos louros cabellos,
Dos labios em flor,
Nos dias festivos,
Na quadra d'encantos
Que os anjos, que os santos
Perfumam d'amor.

E os dois innocentes,
Ao sol que era nado,
Corriam no prado,
No prado d'além;
Sem medo, sem tino
Sorriam, brincavam;
Depois descançavam
Nos braços da mãe.

Se o pae de repente,
Acaso apar'cia,
Mais viva alegria,
Mais louca era então;
Que brados, que palmas,
Que terna acolhida,
Que enleio de vida,
Que alegre soidão!

Os ternos amantes
Beijavam-se ledos,
Sorrindo aos brinquedos
Dos filhos gentís;
N'um fervido abraço
Seus peitos se acendem...
E a voz que desprendem
Vem dôce e feliz!

O campo é formoso
Na quadra das flores,
Tem cheiros, tem côres
Que infundem prazer:
As brisas que passam
Recordam-nos beijos;
Suaves desejos
Sentimos nascer!

XI

A historia toma agora de repente
Medonhas proporções; eu, que dou tudo
Para não ler, siquer, pagina e meia
De um conto barbadão, d'esses que estillam,
Por quantos poros tem, sangue e vinganças,
Passo a narrar um caso mais sombrio
Que céu d'inverno, em noute procellosa.
Farei para dar luz, de vez em quando,
Á negra descripção; porque suspeito
Que, se não fôr a espaços pondo dique
Ao tragico furor que em mim referve,
Sou capaz de dar mate ao padre Eschylo,
Que era vate papão, valha a verdade!
O caso foi, que um dia, ao romper d'alva,
Um confuso rumor lavrara subito
No palacio de Vasco; a causa d'isto
É que em todo o solar rompera o incendio.
Se eu fosse camarista, e do pelouro
A que dizem respeito estes assumptos,
Pintara em tôsca phrase beduina
Como isto aconteceu; depois, n'um esto
De acrisolado amor ao municipio,
Lembrando que ha reformas importantes,
Que é preciso fazer, n'este serviço
De tamanho valor, quebrára os sellos
Ao cofre perennal dos bons alvitres.
Agora, que a proposito de incendios
Sem tino divaguei, creio que é tempo
De me remir da culpa, de esquivar-me
Ao sestro peccador, e entrar de novo
No caminho real; deixo as devezas
Por onde a musa andava transviada,
E fallo puro e chão; todo o mysterio
Vae decifrar-se agora em tres palavras.

XII

Chegára o tempo marcado
Para as vinganças d'Antonio;
Negra sorte, negro fado
De terra em terra o seguiu:
Oh, que fatal juramento
D'entre os labios lhe sahiu!

Como o lobo, que divaga
Quando a uivar a rez procura,
Que ora galga na planura,
Ora desce á brenha escura
Buscando pasto ao furor,
Assim divagára o louco,
Perdido, cego d'amor.

Seis annos, sempre implacavel,
Sempre occulto, ao longe, ao perto,
Cogitando errante, incerto,
De terra em terra passou;
Não sei que força o amparava,
Não sei que voz lhe fallava,
Não sei que estrella o guiou!

Nunca mais tornára á aldéia
Onde vivera ditoso;
Nas illusões d'uma idéa
Toda a sua alma embebeu:
Os prados não o incantavam,
As aves não lhe chilravam,
Os rios não murmuravam,
E se as estrellas brilhavam
Não punha os olhos no céu!

Quando alva rosa florece
Entre o musgo das ruinas,
Quando abre as folhas divinas;
Quando a aurora que apparece
Lhe enche o seio d'esplendores,
Vae-se a flôr no céu revendo;
Solta aromas, fica sendo
O mimo das outras flores.
Mas se o dia agreste e bravo
Rompeu de um véu pardacento,
Se as tempestades do vento
Derrubam tudo sem dó,
Quem diz á flôr açoutada
Que erga a fronte immaculada
D'entre essas nuvens de pó?

Fôra negro o seu destino;
Amou fero, amou sem tino,
Viu dissipar-se a illusão...
Céus! quem tem mão na torrente?
Quem diz «pára!» ao fogo ardente
Que devasta o coração?

Uma vez, quasi que morto
Da affadigosa jornada,
Foi triste pedir pousada
A um rico e nobre solar:
Deram-lh'a logo, coitado!
Vinha o pobre tão cansado!...
Dão-lhe cama, regalado
Passa a noute a bom sonhar!
Veiu o dia, alevantou-se,
Quiz partir —«Oh, coitadinho,
«É tão mau todo o caminho,

«E é tão raro encontrar ninho
«N'estes desertos d'aqui!..
«Olha, Vasco, como é pobre,
«Que rota veste que o cobre,
«Não tens dó?...—Vasco sorri
Da ternura compassiva
Da linda amante, e de gosto
Vivo beijo lhe imprimiu;
O pobre torceu o rosto,
Mas ninguem seu gesto viu!

Sentado junto á lareira
Viram-no sempre a scismar;
Se lhe fallavam sorria,
Mas nem síquer respondia,
Nem se ergueu para jantar.

Brincavam de salla em salla
Os tenros filhos do nobre,
Oh, que olhar deitava o pobre
Quando os via ao pé de si!
E a mãe dizia-lhes meiga:
—«Vinde, vinde ao pobresinho,
«Que não tem lar, coitadinho,
«N'estes desertos d'aqui!»

Veiu a noute, recolheu-se,
Dorme tudo a somno solto;
Por altas horas ergueu-se,
Tentêa a sombra,—revolto
Lhe lateja o coração;
Anjo mau lhe guia os passos
N'essa negra escuridão!

Toma um facho da lareira,
Sopra a chamma, a casa inteira
D'essa luz se illuminou:
Mas ninguem sentiu mudança,
Ninguem do somno acordou.
Espalha todo o brazido
Pelo chão, e logo e logo
Começa a lavrar o fogo,
Começa tudo a estrallar;
Antonio corre,—onde iria?...
Foi-se ao quarto onde Maria
Passa a noute a bom sonhar!

—«Fogo! fogo!»—ergue-se tudo,
Que tropel, que horror immenso!
Cresce a lava, o fumo denso
Não deixa nada enxergar;
—«Senhora»—gritava o pobre,
Travando a Maria o braço,
«Lavra o fogo n'este paço:
«Eis-me para vos salvar!
«Trazei comvosco os filhinhos,
«Acordae-os, coitadinhos!...
«Vinde cá, dae-me essa mão...»
—«E Vasco?...»—«Já nos espera;
—«Onde?—além;—oh, mas quizera...
—«Senhora, não temais, não!»

Quando á porta em fim chegaram
Tudo era chammas, olharam,
Que immenso quadro de horror!
—«Mas Vasco?...»—«Além nos espera;
—«Onde?... aonde?... oh, se eu podera...
—«Vinde, não tenhaes temor!»

XIII

Eu creio que narrei mui claramente
Tudo o que succedeu; talvez reputem
Um pouco extraordinaria a minha historia,
Mas a verdade é esta;—o amor d'Antonio
Perdeu-o emfim, que é raro? ha muito tempo
Que já se diz:—«amor, perdeste Troya!»

Maria caminhava incerta e tremula
Pelo braço do pobre, do outro lado
Levava pela mão seus tenros filhos.
Tinham dado cem passos, no horisonte
Reflectia-se a luz do vasto incendio.
Que enorme confusão! que horrendos gritos!
Que sussurro infernal!—o vento agudo
Redobrava o terror d'aquella scena...
Eu deixo á phantasia illuminada
Dos leitores, o modo e as peripecias
D'esta partida subita e imprevista,
E corro sobre o quadro o veu de Zeuxis.
O verso não é meu, porém adopto-o
Porque me serve agora, e já de prompto
Não me occorre melhor; creio, comtudo,
Que o celebrado veu a que se allude,—
De Zeuxis não é tal, mas de Parrhasio,
Travesso maganão, pintor de Athenas,
Ou de Esparta, ou... a terra pouco importa.

Faço reparo n'isto, porque entendo
Que o erro é capital; e eu sigo o rito—
Dos poucos sabichões que inda nos restam,
Que a vida passam toda, esbagulhando—
Como o gallo de Phedro; o rapazio
Mofa, bem sei, de os vêr atarefados

Investigar á finca se Parmenio
Tinha a barba cerrada, ou só bigode;
Mas, ai de nós, se um dia estas reliquias
Da velha guarda se perderem todas,
E se nas debeis mãos da raça nova
Virmos, porfim, cair as letras patrias!

Tornando á descripção, sei que Maria
Foi caminhando, como disse ha pouco,
Pelo braço do pobre; em que fallaram,
O que mais succedeu, porque motivo
Se apartavam d'alli sem procurarem
Saber de Vasco, é ponto que não ouso
Ao menos debater, porque o silencio
Veiu tudo cobrir com suas azas.
Pois, inda mal! que o facto era de certo
Capaz de arrebatar a muza parva
De qualquer Trissotin; isto adubado
Com varias reflexões que o caso pede,
Dava um rasgo de truz, uma obra prima,
Um bilhete de entrada, quando menos,
Na sabia academia; assim, já vêem
Que me sobra razão, para ter pena
De não poder soltar meu canto acceso,
E na fronte, banhada em puros raios,
Cingir talvez mais um laurel virente!
Só dois mezes depois, certa visinha,
Que é doutora em senões da vida alheia,
Veiu contar-me, arteira e mui chumbada,
O notavel desfecho d'este drama,

Eu passo a recontar, ponto por ponto,
Tudo conforme ouvi; deixo o lyrismo
Aos vates immortaes das dôces brisas,
Da lua côr de prata, e, sobretudo,
Do Téjo de cristal,—bando de cysnes
Que deixámos fugir, sem que uma lagrima
Vertessemos siquer... Raça de Getas!

XIV

—«Eil-a emfim! Foi cumprida a palavra
Que ha seis annos prof'ri ao teu lado;
Foi bem rudo esse lenho pesado
Que, sem tino, em meus hombros tomei!
Brenhas, serras, campinas, devezas,
Monte agreste, fragoso caminho,...
Quantas vezes me viram sósinho,
Quantas vezes sem força os trilhei!»

«Eil-a emfim! Nova estrella brilhante
Me serviu de fanal e de norte;
Vi mil vezes o espectro da morte
Acenar-me de um pego d'horrores:
E eu fugindo, correndo, lutando,
Arrobado n'um vago d'esp'rança,...
Nas procellas, sorrindo á bonança,
Entre espinhos, sonhando co'as flores!»

«Que destino, meu Deus! Quantas vezes
Repousando na escarpa de um monte,
Quantas vezes, cá dentro, na fronte,
Debater-se uma idéa senti;
Quantas vezes me erguia convulso
Exorando a piedade do Eterno;
E este amor, este fogo do inferno
Recrescendo, pungindo-me aqui!»

«Quantas vezes...—Descanso da lida,
Torno aos dias da quadra fagueira,
Já me assento ao calor da lareira,
Já me encanta este brilho do céu!
Tu... perdôa! Se os braços cansados
D'este pobre te servem d'esteio,
Não vacilles, repousa em meu seio,...
Sou teu filho, não chores,... sou eu!»

Assim fallava Antonio ao pobre velho
Que absorto olhava a filha; um mar de lagrimas
Innundava-lhe as faces enrugadas.
Ella, sem voz, sem gesto, as mãos no peito,
Cravado o olhar no chão, pasmada e muda;
Ao lado os filhos tremulos, chorando
De receio e de dôr; e dentro, e occulto
Nos seios d'alma, o espinho do remorso
E do pejo inda mais!...
—«Oh, minha filha,
«Eu te perdôo tudo!...»—o bom do velho
Não pôde reprimir dentro em seu peito
Voz de paterno amor;—«oh, minha filha,
«Inda aqui tens refugio n'estes braços!
«Vem, não temas; o peito angustiado
«Esquece tudo, e o sangue, e os meus affectos
«Mandam de novo amar-te!»—«Ella chorava
Lançada aos pés do pae; do sol um raio
Caindo sobre o grupo, illuminava
Aquellas frontes pallidas e anciosas.

—«Percebo tudo; a tentação perdeu-te;
«Estes são filhos teus, serão meus filhos!
«Tornas de novo ao lar, cá tens affectos,
«Cá tens perdão; só te fallece a benção
«Da que tanto te amou, da mãe...»—e o pranto
Affogava-lhe a voz,—«ergue-te filha!»

Ella nem murmurou; beijou a dextra
Do pae, beijou no rosto os tristes filhos,
E foi sentar-se á porta, á sombra amiga
Do pinheiro virente, e inda copado.
Quando a lua rompeu, ergueu-se alegre,
Sorriu, fallou, correu como em pequena,
Poz na trança uma rosa, e a voz suave
Pouco a pouco elevou soltando um canto:

—«Que eu sou a flor d'estes campos
Oiço dizer sempre a todos,
É que buscam por mil modos
Meu coração captivar:
Oh, não creio, não me enlevam
Meigas fallas de ternura;
Como a veia d'agoa pura
Quero correr e brincar!»

«Os olhos que me namoram
São vivos e apaixonados;
Quando os vejo em mim fitados
Começo a tremer de amor!
Nasci co'o verde pinheiro
Que á minha porta veceja;
Minha mãe quando me beija
Põe-me na trança uma flor!

«Sonhei com elle esta noute,
Não sei que brilho o cercava,
Tão doce olhar me deitava,
Tão doce... que mais direi?
Foi quando eu vinha da fonte,
Era já quasi sol posto;
Subiu-me o calor ao rosto
Quando ao seu lado passei.

«Travou-me da mão, sentei-me,
Deitou-me o braço á cintura;
Tinha encanto essa ternura,
Senti-me expirar de amor...
Nasci co'o verde pinheiro
Que á minha porta veceja;
Minha mãe quando me beija
Põe-me na trança uma flor!»

Quando acabou de todo o terno canto
Poz-se a rir sem motivo; a desventura,
A saudade, o remorso, o amor materno,
As ancias do pudor, o seu passado,
Tudo lhe desvairara a mente afflicta!
—Lyrio do val desabrochado á sombra
De olorosas ramagens, ostentára,
Á luz da madrugada, o viço, o mimo,
O magico esplendor das niveas folhas;
Vieram-lhe bulir, no ardor da sesta,
E o lyrio—então gentil—curvou-se n'haste!

Ella inda vive; o pae descança ha pouco
No jazigo d'além; tudo é tristeza
N'esse pobre cazal, onde sómente,
Quando rompe a manhã, se escuta ás vezes
O canto festival das creancinhas!

Novembro, 1862.

XXXII

VOLTASTE!

Com'io divenni allor. . . . . .
Nol dimandar lettor, ch'i'non lo scrivo,
Peró ch'ogni parlar sarebbe poco.
Io non mori, e non rimasi vivo:
Pensa omai tu per te, s,hai fior d'ingegno,
Qual io divenni d'un e d'altro privo.
DANTE.

Ai, volveram de novo os instantes
Porque eu triste e saudoso gemi;
Já meus labios se pousam em ti,
Já te escutó protestos de amor;
Como á luz d'este sol resplendente
Foge a sombra da vasta campina,
Teu olhar a minh'alma illumina,
Dissipando-lhe as sombras da dôr!

Oh, quão lindas parecem-me agora
As singelas florinhas do prado,
Como as horas, aqui, ao teu lado,
Ai, quão rapidas passam, meu bem;
Como o céu anilado fulgura,
Como o monte de relva se veste,
Como é dôce este aroma celeste
Que transpira nas veigas d'além!

O teu seio que bate agitado,
Teu olhar boliçoso e inquieto,
Essa voz que traduz um affecto
Que incessante te enleia a razão,...
Como tudo me alegra e fascina!
Tu não pensas, não pensas, querida,
Que este encanto redobra-me a vida,
Redobrando-me o fogo á paixão.

E que dias de prantos amargos
Os que longe de ti eu passei!...
Era mais que saudade, não sei,...
Não tem nome a tristeza fatal
Que aos meus labios vedou o sorriso,
Que a minh'alma inundou de desgosto,
Que toldou o meu pallido rosto
D'uma nuvem sombria e mortal.

Quando a brisa passava, gemendo
Na folhagem do triste pinheiro,
Quando o sol, resvalando no outeiro
Tibia luz espargia nos céus,
E do bosque florente rompia
O gorgeio d'agreste avesinha,
Ai, de ti que saudades que eu tinha,
Ai, de ti que saudades, meu Deus!

È agora, ao sentir o teu halito
Como fogo o meu rosto escaldar,
Quando vejo a paixão resumbrar
N'essa face, que meiga sorri;
É agora, ao cerrar-te em meus braços,
Enlevado n'um jubilo immenso,
Que percebe quão longo e que intenso
Foi de certo o martyrio, sem ti!

Como o naufrago triste e affligido,
Que nas vagas do horrendo parcel,
Deixou rôto e perdido o batel,
D'onde a custo arquejando fugiu,
Mal na riba descança, seus olhos
Deita ao largo do oceano cavado,
Assim eu affiguro o passado,
Onde tanta procella rugiu!

Oh, então, cada falla innocente
Que em teus labios convulsos murmura,
Cada beijo d'amor e ternura
Que sorrindo me offertas, meu bem;
Cada affago, que incauta e singela
Dás em troca das minhas caricias,
Inda é mais do que um céu de delicias...
Não tem nome na terra, não tem!

Ai, volveram de novo os instantes
Porque eu triste e saudoso gemi;
Já meus labios se pousam em ti,
Já te escuto protestos de amor:
Como á luz d'este sol resplendente
Foge a sombra da vasta campina,
Teu olhar a minh'alma illumina
Dissipando-lhe as sombras da dôr!

Maio de 1859.

XXXIII

A EMMA

> And thou,—come, pride of my song!
> Formed by the Graces, loveliness itself!
>
> THOMSON.

Emma, da-me o teu braço; a primavera
Começa os campos a esmaltar de flores;
Descanta o rouxinol ternos amores
Entre o bosque frondoso e verdejante;
E a brisa, embalsamada e inconstante,
Suspirando na rama do salgueiro,
Junta a sua harmonia á do ribeiro
Que entre seixinhos derivando sôa,

Como as aves doudejam em cardumes!
Como se exalam mysticos perfumes
Da larangeira em flôr,—cuja se c'rôa
Apaixonada virgem, quando vôa
Para os braços do esposo que hade em breve
Arrancar-lhe a grinalda, que um momento,
Um só, na fronte immaculada teve!

Emma, dá-me o teu braço; na floresta
Vamos errar; essa importuna calma
Da queimadora sesta,
Bem vês, inda não cáe;
Oh, vamos, vem comigo; e que a tua alma
Livre de penas, d'ancias, d'amarguras,
Livre sonhe venturas,
Á sombra do arvoredo, onde se esvae
A dôce brisa em languidos suspiros!
Vem! gozemos os magicos affagos
Da gentil primavera que sorri:
Dá-me o teu braço; alli,
Alli, descansaremos,
N'aquelle saudosissimo retiro,
Que a mão da Providencia
Parece que talhou
Para instantes d'amor e d'innocencia!

Oh, quem podera aqui passar a vida,
Entre estas brandas selvas que susurram,
E ouvindo este lamento
Do rio somnolento!
Oh, como então minh'alma adormecida
Para o pesar, como se espraiaria
N'essa vaga saudade que não mata,
Mas que nos é tão grata,
E nos perfuma a vida de poesia!

Vem! não temas o ingreme recosto:
No cimo, na chapada
Da montanha elevada,
Descansarás comigo; oh, anda, vamos,
Este deserto é santo, espaireçamos
A vista, pela florida extensão
Da prasenteira e bella solidão!
Vês, como além, ao longe, se meneiam
As matas do alecrim, como se arqueiam
Os canaviaes virentes, quando passa

A viração do norte mais ligeira;
Vês, como em cachoeira
Rebenta e ferve a fonte;
Como, na vasta orla do horisonte,
O anilado mar
Com as nuvens do ceruleo firmamento
Parece as suas ondas misturar?...

Solemne, magestoso, immenso quadro!
Ao vêl-o o coração contente anceia,
Ao vêl-o a phantasia se recreia!
Comigo vem; desçamos,
Começa a arder a calma:
A toutinegra acoita-se entre os ramos...
E a minh'alma em tua alma!

Abril de 1859.

XXXIV

A CARIDADE

(No dia da tourada por curiosos, em beneficio do asylo de S. João, fundado por José Estevão.)

Eil-a, a santa caridade,
Que estende a mão protectora,
E ao desgraçado que chora
Vae levar conforto e pão:
Em quanto a festa doudeja
Na sua alegre impaciencia,
Ao longe folga a innocencia,
E ergue a voz n'uma oração!

Eram pobres, pequeninos,
Errantes n'este deserto;
A passo timido e incerto
Vagavam a mendigar;
E a mão d'um genio potente
Veiu remil-os da sorte,
E ás avesinhas sem norte
Dar futuro, e patria, e lar!

Bem hajam os que sentindo
Egual affecto no seio,
Tambem dão propicio esteio
Aos que a fortuna esqueceu;
E que, sorrindo festivos,
Derramam paz e fragrancia,
Nos que anceiam, já na infancia,
Por ventura, amor, e ceu!

Sim, bem haja a caridade,
Que vae, com mão protectora,
Ao desgraçado que chora
Levar o conforto, e o pão;
E que entre os hymnos, que a festa
Solta na alegre impaciencia,
Distingue a voz da innocencia
Que a bemdiz n'uma oração!

Novembro, 8, de 1863.

XXXV

FOLGAE!

Le sourire vous sied; le rayonn ant sourire,
Sied à vos belles dents, sied à vos charmants yeux;

J. AUTRAN.

Eia! ride e folgae; gentil e bella
A primavera vos inspira amores:
Correi, bem como a rapida gazella,
Ride, como a avesinha ri chilrando,
Folgae, como zumbindo e doudejando
A abelha folga entre as agrestes flores!

Eia! ride e folgae; ao sol, no prado,
Que eu vos escute a voz meiga, infantil,
E que o cabello d'ouro anediado
Brinque tambem no vento que murmura:
Cantae, quando colherdes na espessura
As frescas rosas do florente abril!

Que importa que depois, lá no horisonte,
Vá manso e manso desmaiando o sol?
Quando o clarão da lua a rosea fronte
Vos inundar, beijando-a, ó bello infante,
Mais um canto soltae, que n'esse instante
Vos convida a cantar o rouxinol!

Flôr, alegrae-vos quando rompe o dia!
Perfume, erguei-vos puro até o céu!
Anjo, que tudo em vós seja harmonia!
Se o prado murcha além, se a morte espera,
O que importam á vossa primavera
Rosas que o negro inverno immurcheceu?

Ide então, junto ao limpido ribeiro,
Á noute, vêr o magico fulgor
Com que a lua brilhando sobre o outeiro,
Inunda o veio d'agoa crystalino:
Dae um canto ao prazer, a Deus um hymno,
E mil sonhos aos jubilos do amor!

Bello infante, bem rapidas na vida
Passam as horas d'intima alegria;
Depois, triste, assim como a despedida
De dois amantes, vem a noute escura
Da saudade, da pena, e da amargura:
Ride, em quanto em vossa alma esplende o dia!

Ride, correi, folgae! gentil e bella
A primavera vos inspira amores;
Correi, bem como a rapida gazella,
Ride, como a avesinha ri chilrando,
Folgae, como zumbindo e doudejando
A abelha folga entre as agrestes flores!

Maio de 1858.

XXXVI

A UMA ROSA

L'aurore s'allume,
. . . . . .
. . . . . .
Paupières et roses
S'ouvrent demi-closes.
V. HUGO.

Rosa purpurea e esplendida,
Ai, como és bella agora,
Ai, como és bella assim!
A perfumada aurora
Tuas folhas odoriferas
D'orvalho borrifou;
E aquelle dôce aroma
Que a viração da noite,
Passando, aspira e toma,
De nôvo te voltou
Ao seio virginal;

De novo d'entre as petalas
Ao transpirar, parece
O halito que mana
De um osculo d'amor:
Rosa purpurea e esplendida,
Ai, como és bella, flôr!

Maio de 1859.

. . . . . .
. . . . . .

XXXVII

A ACTRIZ MANUELA REY

Em a noute do seu beneficio—14 de outubro de 1868

Sê bem vinda! oh, n'este dia,
Ao teu genio emfim rendidos,
Todos nós, todos unidos
Aqui te vimos saudar;
E ás c'rôas, que em mil triumphos
Tens colhido pelo mundo,
Do nosso affecto profundo
Mais uma c'rôa juntar.

Bem vês que largo futuro
Te sorri cheio de encantos;
Por entre as rosas e os cantos
Ignota mão te conduz:
E como a estrella que passa
No seu fulgor scintillante,
Tu caminhas deslumbrante,
Cheia de pompa e de luz.

Que importa se acaso ás vezes
Sentes murmurar no ouvido,
O rumor vago e sumido
Dos que não sabem quem és?
Quando inspirada submettes
Ao teu genio a turba immensa,
Que te importa a nuvem densa
Que se revolve a teus pés?

Caminha! propicia estrella
Te aponta bello o futuro;
A passo firme e seguro
Vae, caminha, e sem temor;
Oh, mas deixa que entre os louros
Que a teus pés vem pôr o mundo,
D'affecto humilde e profundo
Tambem veceje uma flôr!

XXXVIII

UT UNDA PERFIDA!

> Ieri io era uno dé più felici mortali del mondo; oggi non ho più alcune delle dolcezze che confortavano la mia vita.
>
> SILVIO PELLICO.

Foi a primeira vez, não te recordas?...
D'entre essas noutes magicas, divinas,
Em que eu, feliz, ditoso, apaixonado
    Passei junto ao teu lado.
Foi a primeira vez! Teu meigo rosto,
Pallido como o lyrio das campinas,
    Como que reflectia
Uma tristeza intima, um desgosto,
Uma saudade lenta, uma paixão,
    Que inteiro o coração,
Com seu mordente espinho te pungia.

Lembras-te?... era sol posto;
A viração amena que passava
Brandamente nas folhas suspirava
Das olaias do monte;
Ao largo, o horisonte,
Inda retincto pela luz suave
Do sol, que pouco havia se escondera,
Ao coração sorria;
O gorgeio subtil que desprendia
No solitario val o rouxinol,
Tinha nos seus requebros tal magia,
Que alli, de puro gosto,
A mente em doces sonhos se embebia:
Lembras-te?... era sol posto!
A lua pouco a pouco se avivava,
E os seus tremulos raios que caiam
No teu pallido rosto então batiam!

Oh, jámais essa luz mysteriosa
Viu no prado outra rosa
Tão fresca vecejar;
Jámais, jámais no céu veria estrella,
De luz tão dôce e bella
Como a do teu olhar!

Tu, commovida, absorta, suspiravas,
E o braço em derredor de mim passavas:
—«Amo-te, sim, meu bem!... pelo clarão
«Que sobre nós derrama agora a lua,
«Por essa viração
«Que além sussurra pelo monte agreste;
«Pelos sofregos beijos que me deste...
«Sou tua, serei tua!
«Olha, de ti dimana esta paixão
«Que o peito me incendeia;
«A cada affago teu sinto que anceia
«Mais forte o coração!»

E o delirante seio, onde te ardia
Um cardume d'affectos, já batia
Descompassado e rapido no meu;...
Oh, viração d'estio,
Oh, monte, oh, fresco rio,
Mudas estrellas que brilhaes no céu!

Como então nossos olhos desvairados
Se buscavam! do vento desgrenhados
Como se misturavam meus cabellos
Á tua longa transa a negrejar!
Que ardente soluçar!
Que infinito de amor nos embebeu!...
Oh, viração d'estio,
Oh, monte, oh, fresco rio,
Mudas estrellas que brilhaes no céu!...

Ai, mas quando acordei d'essa loucura,
Quando, me vi perdido na espessura,
Sem Deus, sem luz, sem ti;
Tanta vez os meus olhos te buscaram
Que não sei como os tristes não cegaram;
Mas nunca mais te vi!

Agosto, 1858.

XXXIX

CONFIDENCIAS

Ah s'ella sapesse!... Se potessi versare
il mio misero cuore nel suo!...

SILVIO PELLICO.

Tu pensas, quando eu indago
Tristezas da tua vida,
Tu pensas que é tenue e vago
Tanto cuidado por ti;
E julgando-me indiscreto
Esquivas-te á confidencia,
Anjo casto de innocencia
Que entre as lagrimas sorri.

Porque temes revellar-te
Qual és, qual sentes, qual pensas?
Porque não vens abrigar-te
Á sombra do meu amor?
Consolada em tuas máguas
Pelo fraternal carinho,
Verias de cada espinho
Desabrochar uma flôr!

Tu não sabes, quando ás vezes
Folgas livre e descuidada,
Não sabes quantos revezes
D'entre as rosas vaes colher;
Vendo o mundo á luz brilhante
Do sol do amor e da crença,
Não lhe dás co'a sombra densa
Do seu misero viver.

E ficas triste e sósinha
Quando chega o desengano,
Como a triste d'avesinha
Quando a arrancam do seu lar;
E ao fugir-te sonho a sonho
A tua esp'rança ridente,
Pobre victima innocente,
Curvas a fronte a chorar!

Sinto, sim, leio no fundo
Do teu espirito inquieto,
Descubro o pesar profundo
Que te punge o coração;
Olhos d'amor não se enganam...
E tu bem sabes, querida,
Como sempre n'esta vida,
Em ti meus olhos estão!

Bem sabes que se eu indago
As tristezas que te opprimem;
Não é tenue, não é vago
Meu cuidado em teus amores:
Tu contas-me as tuas máguas,
Tens conforto em meus carinhos;
Tu das-me a c'rôa de espinhos,
Eu dou-te a c'rôa de flores!

Março, 1863.

LX

A VIDA

> Typo da vida do homem,
> E do universo a vida;
> Depois do afan repouso,
> Depois da paz a lida.
>
> A. HERCULANO.

Repara como o outono
Tem dessecado as flôres;
Vê bem como as campinas
Despem os seus verdores.

Murcha, das tristes arvores
Do val, cáe a folhagem,
Que a sacudiu, passando,
Do norte a aguda aragem.

Turvo desliza o rio,
Que as rosas já não sente,
Por alva mão deitadas
Na trepida corrente.

Sombrio, affogueado
Dos cerros brilha o sol;
Não o saúdam cantos
Do terno rouxinol

Da encosta o brando aroma
Não sobe puro e lento;
Callou-se o murmurinho
Do rio somnolento

A lanceolada relva
Nas faldas não verdeja,
Nem as papoulas rompem,
Que a messe não loureja.

Nem luz a borboleta,
Nem de verdura agreste
Já o recosto ingreme
Do monte se reveste.

Oh, quando a primavera
Propicia floresceu,
Que aromas pelo prado,
Que inlevos pelo céu!

Como a avesinha alegre
Mil chilros desprendia,
Ao lobrigar do bosque
O arrebol do dia!

Como os amantes vinham
Colher as verdes flores,
E divagar sósinhos
Fallando em seus amores!

Como, pela deveza,
Corria á tarde um bando
Dos louros pequeninos
Que em paz vivem cantando!

Horas d'amor tranquillo,
De enleio e de ventura,
Perderam-se hoje todas
Na sombra fria e escura.

Imagem é da vida
A natureza: o encanto
Traz apoz si a magua;
Succede ao riso o pranto!

Setembro, 1856.

XLI

AO ALVORECER

> Solo sagrado a Deus, podesse o bardo
> Ser um dos teus, e não voltar ao mundo!
>
> A. HERCULANO.

Vem a alvorada despontando agora;
Na folhagem dos bastos arvoredos
Murmura a fresca brisa os seus segredos,
E esparge em torno o halito das flores;
As aves vem cantando os seus amores,
Mansa deriva a crystallina fonte,
E a rosa agreste do viçoso monte
Descerra as folhas com mais vivas côres!

Oh, que supremo encanto e que fragrancia!
Como todo este espaço alegra e inspira!
Como resôa a lyra
Da natureza esplendida e louçã!
'Té o leve insecto, e a folha que se agita,
E a relva que além brota,
Tudo brilha e palpita,
E a Deus ergue uma nota,
Nas auras da manhã!

Que hora suave! como a mente vôa
Por esta solidão bella e saudosa!
Oh, como o coração aqui repousa
D'esses agros revezes,
Que ao longe, alli na terra,
Ai tantas, tantas vezes,
Crua e nefasta guerra
Lhe vem fazer! aqui, ao pé da serra,
Nem chega a susurrar d'esses que passam
Lá no mundo a existencia:
Este ar mana do bosque embalsamado,
E respira innocencia!

Oh, como as horas rapidas se escôam
N'este doce remanso! como vôam
As singelas canções, que o bardo rude,
Ao longo da espessura,
Solitario desfere no alaude!
Como as saudades tristes se espairecem,
Como a angustia se acalma,
Que vago encanto enleia os seios d'alma
Nos sonhos do passado!...
Ó terra, ó campo amado,
Ó deserto do val, soidão querida,
Que não me seja dado
Deixar-te só quando deixar a vida!...

Janeiro, 1859.

XLII

O ANJO IGNOTO

Sub umbra alarum tuarum protege me.
DAVID.

Anjo candido, que ás vezes
Vejo entre nuvens passar,
Quando sósinho medito,
E as noutes passo a scismar.

Anjo de roupas de neve,
Casto amor que me seduz,
Ai, d'onde vens áquell'hora,
Assim c'roado de luz?

O rubor do pejo inflamma
Teu semblante encantador;
Nos olhos vivos scintilla
Não sei que estranho esplendor.

A c'rôa dos alvos lyrios
Orna-te a fronte gentil;
O cabello ondêa solto
Pelo collo juvenil.

Oh, e a voz! que som, que encanto,
Que fragrancia e que doçura,
Quando a mêdo transpirando
D'entre os teus labios, murmura

Como a brisa ao romper d'alva,
Que, suave e harmoniosa,
Cicia por entre as folhas
Que a manso e manso abre a rosa!

Oh, a voz!... como eu a escuto
N'um brando tom suspirar:
—«Poeta, poeta, canta,
«O teu destino é cantar.

«Quando o fremito d'aragem,
«E o triste murmurio humano,
«E o rumor que sáe do bosque,
«E o sussurro do oceano;

«Quando tudo, como um hymno,
«Em tua alma resoar,
«Poeta, poeta, canta,
«O teu destino é cantar!»

E depois, com um meigo riso,
Teus labios juntando aos meus,
Inda me dizes baixinho:
«Vou partir... adeus, adeus!»

E esse adeus, sinto que inunda,
Como o orvalho inunda a flôr,
A minh'alma, de poesia,
O meu coração, d'amor!

Março, 1859.

XLIII

RESIGNAÇÃO

Hojas del'árbol caidas
Juguetes del viento son;
Las ilusiones perdidas
¡Ay! son hojas desprendidas
Del árbol del corazon!

ESPRONCEDA.

Inda te quero! na minh'alma afflicta
Por tantos dias d'amargura immensa,
Desponta a imagem da inefavel crença
Que outr'ora a vida me inflammou por ti;
Inda te quero! despresando altivo
Dos homens loucos o rumor profundo,
Corro aos teus braços, e esquecendo o mundo
Sinto de novo quanto amor perdi!

Oh, tu não sabes, quando a susto, a mêdo,
Teu casto seio contra o meu aperto,
Que então minh'alma, como um céu aberto,
Rompe em murmurios de infinita paz;
E em nuvens d'ether, mil visões fagueiras
Junto ao meu lado vem sorrir ditosas;
Percebo o aroma divinal das rosas
N'esses instantes d'illusão fallaz!

Sou teu, és minha; n'este ardente amplexo
Ambos vivemos respirando encanto;
É grande, é puro, é immortal, é santo,
Intimo fogo que baixou dos céus:
Embora ás vezes se descubra o abysmo
Que a mão da sorte nos cavou ao largo,
Sômos felizes, que o futuro amargo
Inda vem longe, meu amor, meu Deus!

Dize, responde,—que te importa a nuvem
Que paira e avulta no horisonte em chammas,
Se est'alma é tua, se em prazer te inflammas
Quando comigo vens sentar-te a sós?
Que importa o espinho que desponta e cresce
Por entre os lyrios da orvalhada aurora,
Se a vida toda se engrinalda agora,
Cheia do affecto que palpita em nós?

Oh, temos tempo de viver ditosos,
Juntos, unidos no mais longo abraço;
Almas perdidas na soidão do espaço,
É nosso o empyreo que reluz d'amor:
E quando as máguas nos pungirem tristes,
Quando o futuro se encarar já perto,
Doces lembranças nos virão por certo
De acerbos dias consolar a dôr!

Junho, 1863.

XLIV

NÃO MAIS!

> Que é isto, amiga!
> Qus pezar o semblants te anuvia?
> Pender vejo uma lagryma indecisa
> Dos olhos teus, que de escapar não ousa!
>
> COSTA E SILVA.

Porque, porque hade a tristeza
Vir-te o semblante enlutar?
Porque um riso de ventura
Nunca mais hade assomar
Em teus labios desmaiados?
Agora, nem já ternura
Tens na voz, quando me dizes
Que inda é meu todo esse affecto
Que sentes no coração;
Nem me fictas, se, indiscreto,
Sorrindo te aperto a mão!

Perdôa, se fui ousado
Em te adorar,
E se ao teu lado

Vim n'um dia, allucinado,
Ebrio de amor descançar!
Perdôa!... mas que, responde,
Como eu te olhava não viste?
Dize, então porque sorriste,
Porque, porque?
Não me disseste:—«Olha, vê,
«Estava aqui triste e perdida;
«São trevas a minha vida,
«E a minha luz vem de ti!...»
Depois, teus olhos, bem vi,
Frouxos, languidos fitavas
Com tal affecto nos meus!...
Depois, depois... oh, meu Deus!
Era já tão dubio o sol,
E o canto do rouxinol
Tinha em si tanta magia!...
Que foi?... não sei,—foi poesia,
Foram mil sonhos gentis,
Foi tragar n'um só momento
Quanto anceia o pensamento
De mais bello e mais feliz!

E agora, triste, abatida,
Nem já sentes alegria
N'um beijo, n'um meigo olhar;
Se te pergunto em que pensas
Á flôr das pestanas densas
Vem-te as lagrimas bailar!...

Oh, não mais, não chores tanto,
Não chores, porque o teu pranto
Amortece a luz, o encanto
D'esse mavioso olhar teu;
Revive da minha vida,
Ai, não chores mais, querida,
Não chores, anjo do céu

Fevereiro, 1858.

XLV

DULCE TEMPUS!

Desamparou-me! — Triste e sem conforto
Fiquei só, n'este valle de amargura.

GARRETT.

Oh, que instantes de ventura,
Esses instantes de amor
Em que, sob a rama escura
Do val, rebentando em flôr,
Eu, de alegria encantado,
Vivi ditoso ao teu lado!

Lembras-te?—o sol resvalava
Pelas orlas do horisonte;
Manso o vento suspirava
Pelo recosto do monte,
A contar aos arvoredos
Seus feiticeiros segredos.

Por entre os bastos verdores
Da mata, virente e agreste,
O dôce aroma das flores
Manava brando e celeste;
E os cantos do rouxinol
Saudavam o pôr do sol.

Oh, que amor nos olhos teus,
Que amor em teu meigo aspecto!
Oh, que poesia dos céus
N'esse casto e dôce affecto
Que me juravas, querida,
Em voz tremula e sumida!

E se aos labios, n'um momento,
Não te accodia expressão
Que mostrasse o sentimento
Que tinhas no coração,
Lia eu tudo de repente
No teu olhar eloquente.

Como então sentia n'alma
Essa alegria, esse encanto
Que o fogo ás paixões acalma!
Como rompera tão santo
Aquelle affecto profundo! ...
Que céu de amor que era o mundo!

Via-te, e todo o meu sonho
Era vêr-te; se beijava
O teu semblante risonho,
Se em meus braços te apertava,
Jámais tive um só momento
Sombra de mau pensamento!

Ai, como entre os seus bafejos,
A fragrante viração
Levava o som d'esses beijos
Da nossa ardente paixão!...
Tudo em nós era um sorriso,
Tudo em torno um paraiso!

Foi breve, bem sei, foi breve
Tanta alegria da vida;
Desfez-se bem como a neve,
E lá ficou esquecida
N'aquelle mundo d'outrora,
Porque minh'alma inda chora!

Minh'alma, minha alma apenas;
Que a tua nem sequer pensa
N'aquellas horas serenas,
N'aquella ventura immensa
Que ali tragámos, querida,
Ebrios de espaço e de vida!

Não pensa! que entre os fulgores
Do mundo, em que vás reinando,
Despontam graciosas flores;
Nem tu deves ir juntando
Ás festas do coração,
Memorias que já lá vão!

Ai, mas eu que apenas vivo
Das illusões do passado,
Fico ás vezes pensativo
Por te não vêr ao meu lado;
E é tam cega a minha dôr,
Que inda anceio o teu amor!

Tão cega, tão insoffrida,
Que por te vêr um momento
Dera a Deus a minha vida;
E acabaria o tormento
D'esta existencia, talvez,
Morto de amor a teus pés!

Fevereiro, 1859.

XLVI

CHORAVAS

Oh, now you weep, ...
—these are gracious drops!
SHAKSPEARE.

Bem vi, choravas! como o orvalho tremulo
Scintilla em gotas na amplidão dos céus,
Assim o pranto nos teus olhos languidos
Então brilhava, meu amor, meu Deus!

Chorar?... mas dize, quem merece lagrimas,
Lagrimas d'anjo, como tu, meu bem?
Sou eu, acaso, que t'as roubo, misero?...
Oh, falla, falla,—não me dizes quem?

Como eras bella n'aquella hora funebre;
Firmado o rosto sobre a debil mão,
Deixavas solta, pelo collo eburneo,
A negra trança desparzir-se então.

Da lua um raio que descia pallido,
Em tua face vinha então bater,
E as largas roupas de brancura gelida,
Quaes nuvens raras, de clarões encher!

Vi-te, e pasmado, de prazer extatico,
Tive receio de chegar-me a ti;
Não sei que affectos me assaltaram rapidos...
E tu choravas, bem o sei, bem vi!

Tive receio de quebrar-te o extase,
Deixei tua alma n'esse engano vão;
E o doce pranto a deslisar-te em perolas...
Quiz despertar-te, não o pude, ai, não!

Depois, o rosto alevantando subito,
Fitaste a lua a resvalar no ceo,
E um brando riso, dos que vem do intimo,
Á flôr dos labios te apontou,—morreu!

Oh, se ha sorrisos de poder tão magico
Que agitem n'alma commoções sem fim,
Como o que a medo te assomou nos labios
Jámais na terra brilhará assim!

Hia alta a noute; na mantilha candida
O seio puro conchegando então,
Partiste; e eu vi-te caminhando esplendida...
Hia abraçar-te, não o fiz, ai, não!

Bem vi, choravas! como o orvalho tremulo
Scintilla em gotas na amplidão dos céus,
Assim o pranto nos teus olhos languidos
Então brilhava, meu amor, meu Deus!

Junho, 1860.

XLVII

A * * *

¡Ah! para siempre adios: vano es ahora
Acariciar memorias de ventura;
Volóya la ilusion de la esperanza,
Y es vano amar in esperanza alguna.
ESPRONCEDA.

Perdida, sim! Na minha alma
Já teu olhar não impera,
As rosas da primavera
Desfolharam-se por si.
Contente como a avesinha
Que, emfim, torna á liberdade,
Nem me lembra uma saudade,
D'entre tantas que senti!

Perdida! não te recordes,
Não te venha ao pensamento
Que pode haver um momento
Em que me esqueça quem és;
Oh, não penses que eu, de novo,
Acceso no fogo antigo,
Te peça conforto e abrigo,
Humilhado ante os teus pés.

Amei-te; não me envergonho
De o lembrar a todo o mundo,
De dizer o amor profundo
Que tu perdeste sem dó,
De contar dia por dia
O meu viver ao teu lado;
Não me envergonha o passado,
Que a peccadora és tu só!

Quem foi que um dia maldito
Fez romper tamanho affecto?
D'onde veiu o olhar inquieto
Que a vida encheu de esplendor?
Quem foi que, tremulo e ancioso,
No phrenesi da impudencia,
Veiu immolar a innocencia
N'um holocausto de amor?

Oh, talvez não te recordes,
Quando o sol desce no monte,
Quantas vezes minha fronte
No teu regaço inclinei;
E, quantas mais, os teus labios
Sellavam na minha bocca
Um protesto,... ai, louca, louca,
Não sabes como eu te amei!

Saudades de ti... não tenho;
Que fôra immenso delirio
Ter saudades do martyrio
Que o coração nos damnou;
Mas lá por tardes de estio,
Quando escuto o som do vento,
Salteia-me o pensamento
Do que fui,—e do que sou!

Vejo o prado, o campo, a relva,
Os laranjaes do recosto,
A tibia luz do sol posto,
As aves que vem e vão;
Ouço o canto mavioso
Da toutinegra escondida,
E ao longe o sino da ermida
Que ergue a Deus uma oração.

Vejo as rosas entre-abertas
Que eu colhia alegremente,
O veio de uma corrente
Onde o luar se revê;
Meus sonhos, a minha vida,
Meu suspirado futuro,
Tudo vejo; e então murmuro,
Deus sabe, Deus sabe o que!

Depois, na tristeza amarga
Em que a minha alma palpita,
Não sei que affecto me agita,
E me perturba a razão;
E eu fujo do sentimento
Que irresistivel me opprime,
Como se foge de um crime
Que nos leva á perdição.

Adeus! Dissipada agora
Toda a mentira da vida,
Adeus, adeus, e perdida
Sem mim ficarás, bem sei;
Mas cada vez que os teus labios
Se abrirem n'um juramento,
Recorda-te um só momento
Do muito que eu já te amei!

Maio, 1863.

XLVIII

VEM!...

¡Ay! no me dejes nunca!

ESPRONCEDA.

Perdôa! bem sei que amar-te
Fôra loucura e peccado,
Bem sei que o peito agitado
Não deve bater por ti,
Bem sei que os teus olhos meigos
Não podem fitar-me agora,...
Ai, minha alma, chora, chora
O ceu de amor que eu perdi!

Que eu perdi?—pois é possivel
Que eu te veja, que te admire,
Que te aperte a mão, que espire
Ao meu lado a tua voz,
E que não raie essa esp'rança
Que de mim—fera—se esconde,
E que tu sejas, responde,
Tu, meu Deus, o meu algoz?

Pois heide affogar no peito
Esta paixão que me incita,
E a minha crença bemdita
Rosa a rosa desfolhar?
Pois ha poder que maldiga
Este meu culto secreto,
Que me condemne este affecto,
Que me roube o teu olhar?

E eu devo cruzar os braços,
Pender a fronte abatida,
Curtir as maguas da vida
No silencio mais atroz?
E é justo que eu deva agora
Calcar este amor ardente,
Como se esmaga a serpente
Que silvou junto de nós?

Oh, por Deus! o amor que em chammas
Crepita nos seios d'alma,
Não se extingue, não se acalma,
Jámais, siquer, vacillou;
Despreza insanias do mundo
Que blasphema em seu delirio;
Que tem colhêr um martyrio
Se entre rosas despontou!

Que tem que os duros revezes
Venham turbar a existencia,
Quando a mão da Providencia
Nos inflamma em santo ardor;
Quando o espirito arrobado
Sobe inteiro ao paraiso,
Quando um limpido sorriso
Nos falla de paz e amor!

Oh, não temas que o futuro
De trevas nos encha a vida;
Vem a meus braços, querida,
Aqui tens luz e tens ceu.
Sim, tu verás como as horas
Correrão languidamente,
Sentindo meu peito ardente
Arfar de amor sobre o teu!

Maio, 1864.

XLIX

MELANCOLIA

He comes! he comes! in every breeze the power
Of philosophic melancholy comes!

THOMSON.

O campo é bello no inverno
Quando o sol de luz o inunda,
Quando na balsa profunda
Solta, a medo, uma avesinha
Debil gorgeio de amores,
Quando o azul do céu, mais vivo,
Se espelha n'alguma fonte,
Quando entre os gelos do monte
Rebentam mais verdes flôres!

Tudo é paz; vaga tristeza
Entra na alma docemente,
Brando enleio, de repente,
Nos vem turbar a rasão:
E ao lembrar n'esse momento
Delicias da mocidade,
Terna, ai, sim, terna saudade
Desce inteira ao coração!

Bem sei que é bella a campina,
Quando ostenta o viço e a gala
Por madrugadas de estio;
Quando a brisa passa e falla
Co'o lyrio, que ao pé do rio,
De ninguem visto, rompeu;
Quando em bando as toutinegras
Chilram todas jubilosas,
Quando o perfume das rosas
Sobe em nuvens para o ceu.

Bem sei que é bella a campina,
Quando os amantes divagam
No mais denso da espessura,
E um longo beijo murmura
Nos sopros da viração;
Quando o jubilo endoudece
Dois côrações que se estreitam,
Quando as donzellas se enfeitam
De rosas—inda em botão.

Sim, mas eu, que, pensativo
Passo na sombra, e que vivo
Solitario em meu penar,
Sinto, aspiro mais encanto
Pelo inverno, quando o pranto
Sem motivo inunda o olhar.

Gosto de ir, então, sentar-me
No mais alto do recosto,
De scismar, quando é sol posto,
Nos tempos que já lá vão;
Que ao lembrar n'esse momento
Delicias da mocidade,
Terna, ai, sim, terna saudade
Me espira no coração!

Dezembro, 1862.

L

IGNOTO DEO

Dis-moi par quel charme tu as pu m'enchanter?

B. DE SAINT-PIERRE.

Quem és?... não sei; que importa?...
És bella, és meiga, és pura;
Ressumbra-te a candura
No rosto juvenil.
Amo-te, sim; minh'alma,
Por ti, fremente anceia:
Humilde flor, ondeia
Buscando o sol de abril!

Quem viu lyrio tão fresco
Em val, em prado ou monte?
Quem viu mais linda fronte,
Astro de mais fulgor?
Olhas-me, és a poesia;
Andas, és a elegancia;
Fallas, és a fragrancia;
Sorris, és toda amor!

Quando os cabellos negros
Soltas á branda aragem,
E, douda, entre a ramagem
Te vejo então correr;
Não sei como embebidos
Meus olhos vão comtigo,
Não sei que affecto amigo
Me inunda de prazer.

Depois, quando anhelante
Descanças ao meu lado,
E o rosto affogueado
Reclinas sobre a mão;
Protestos mil fazemos
De amor e de ternura,
Sentindo a noute escura
Gemer na solidão.

Oh, como é grato o encanto
Que a vida ali nos prende!
Que aromas que recende
A tua dôce voz!
Que estranha melodia
Mais branda então suspira
N'essa ineffavel lyra
Que sôa dentro em nós!

Hontem, não te recordas?...
A noute era de rosas,
As auras buliçosas
Não vinham sussurrar;
No céu nem uma nuvem,
No val nem um gorgeio,
Em ti nem um receio,
Em mim nem um pesar!

Com os olhos enlevados
N'um extase profundo,
Subiamos do mundo,
Para voar a Deus.
N'essa hora, linda estrella
Corria entre fulgores,
Buscando os seus amores
Na solidão dos céus.

Fitaste-a, e co'um sorriso
Da mais etherea essencia,
D'esses que, na existencia,
Anjos de amor só tem;
Disseste-me, apontando
A estrella mysteriosa:
— «Não vês como é formosa?
«Se ella amará tambem!.. —»

Subito, arrebatada
N'um esto convulsivo,
Teu rosto pensativo
Uniste contra o meu;
E os nossos dois espiritos
Voaram n'esse instante,
Como a estrellinha errante
Que percorrera o céu!

Fevereiro, 1859.

LI

SUNT LACRYMÆ RERUM

Amesure que les années,
Pluspâles et moins couronnées,
Passent sur moi des haut duciel,
Je vois s'envoler mes chimeres
Comme des mouches éphemères
Qui n'ont pas su faire du miel.

V. HUGO.

Como as aves que na selva
Negra, inculta, immaranhada,
Mal que aponta a madrugada
Soltam gorgeios de amor;
E que as azas descerrando
Ao brilho do sol amigo,
Refogem do escuro abrigo
Buscando espaço e calor;

Assim eu d'antes cantava
No tempo do amor e crença;
Que tinha, se nuvem densa
Me toldava o céu e a luz?
O que tinha, se os meus sonhos,
Perfumados pela aragem,
Traziam no seio a imagem
Do prazer, que nos seduz!

E eu cheio d'ancia, buscava-o,
Correndo á tôa e sem norte;
Era a loucura, o transporte
Dos verdes annos de então:
Corria apoz o meu sonho,
Como a creança indiscreta,
Que persegue a borboleta,
Vagando na solidão!

Anjo bom me acompanhava
N'esse meu tempo de encanto;
Oh, se eu chorava, o seu pranto
Dava ao meu pranto frescor;
Era o seu brando sorriso
Que brilhava ante os meus olhos,
Quando por entre os abrolhos
Me rebentava uma flor.

Como era lindo! de branco
Sempre candido trajava,
Negra trança lhe ondulava...
Tão bella jámais se vio;
Tinha a chamma da innocencia
Nos olhos, de côr incerta,
E a bocca fresca, entre-aberta
Como a flor d'aopé do rio.

Á tarde, quando o sol baixa,
E a luz do céu é mais pura,
Quando as rosas da espessura,
Tem mais aroma e mais cor,
Quando o silencio nos cerca
De uma saudade divina,
Errando pela campina
Conversávamos de amor.

Elle, por vezes, cansado,
Corria a mão pela fronte,
Depois, fitando o horisonte,
Dava um suspiro tambem;
Eu sentava-me ao seu lado,
O meu anjo, então, sorria,
E ao dar-me o braço dizia:
—«Por que scismas?... anda, vem!..,»

Oh, por Deus, quem poderia
Ser mais ditoso que eu era?
A quem foi que a primavera
Deu mais lyrios em botão?
Quem sentio jámais na vida,
Como eu sentia n'essa hora,
Brandos orvalhos da aurora
Descerem ao coração?...

Onde estava a aziaga estrella
Que em breve scintillaria,
Se era tudo uma harmonia,
Se eram torrentes de luz?
Onde estava, se os meus sonhos,
Perfumados pela aragem,
Traziam no seio a imagem
Do prazer, que nos seduz?...

Quem me diria: «Não creias
«Na ventura transitoria;
«Bem cedo, negra memoria
«Dos gosos te ha de restar;
«Bem cedo verás caírem
«As illusões d'esta vida,
«Como a folha resequida
«Que o vento bate ao passar!...»

Ai, meu Deus, como a existencia
Tão doce, então, me corria;
Como eu, fervido, seguia
A minha infantil visão:
Cego de mim, não pensava
Que era a creança indiscreta,
Quando segue a borboleta
Que vaga na solidão!

Maio, 1862.

LII

O ANJO CAIDO

> Oh! quand, jetant tonãme aux voluptés impures
> Tu ternis ce lis blanc que je t'avais gardé,
> Penses tu quelque fois que tu souilles d'ordure
> Ce cœur ou Dieu s'est regardé?
>
> LAMARTINE.

Ai, mulher; ver-te um dia no mundo,
Toda graça, attractivo e candura;
Vêr-te alegre, arrobada em ventura,
Doudejando na dança febril;
Ver-te os louros cabellos ondados
Affrontarem teu rosto innocente;
Escutar do teu seio fremente
Os latejos de um goso infantil.

Vêr-te bella, radiante, ditosa,
Ressumbrando esplendor e fragrancia;
Contemplar a suave elegancia
Do teu corpo mimoso e loução;
Embeber-me no olhar ineffavel
Com que tu me encaravas sorrindo;
Despertar d'aquelle extase infindo
Se depois me apertavas a mão.

Vêr-te assim, crêr-te um anjo, adorar-te,
Dar-te amor, existencia e poesia,
Como aos campos dá o vento harmonia,
Como o sol dá seus raios aos céus;
Estreitar-te no amplexo divino
Que perturba, que exhaure os sentidos;
Ver depois, frouxamente abatidos,
Os teus olhos buscarem os meus.

E perder-te, perder os meus sonhos
De alegria, de paz e de enleio;
Não sentir palpitar o teu seio,
Não te ouvir um suspiro de amor;
E perder-te, e buscar-te debalde,
E curtir no silencio o tormento,
Quando a sombra de atroz pensamento
A minha alma innundava de horror.

Para emfim, apoz maguas tamanhas,
Dar comtigo, perdida e mesquinha,
Como enferma, tristonha avesinha
Cuja voz n'um lamento expirou;
E sondar os abysmos d'essa alma,
E no fundo entrever-lhe o veneno,
Qual no fundo de um rio sereno
Dorme o lodo que o mar lhe arrojou!...

Dize, pois, que te resta na vida?...
O que resta á florinha mais pura,
Se impio beijo, na ardente loucura,
Vem queimar-lhe do seio o frescor?...
Como a gôta de orvalho caída
Já perdeste os inlevos d'outr'ora:
Nem te brilha um lampejo d'aurora,
Nem te affaga um sorriso de amor,

Ai, mulher, que saudades que eu tenho
D'esses tempos de encanto celeste;
Que saudades do amor que perdeste,
Pobre amor, que saudades de ti!...
Densas nuvens de horrivel procella
Inlutaram-me o céu que eu buscava,
E as delicias que a mente sonhava,
Todas, todas desfeitas perdi.

Tu não sabes; tu sentes apenas
O rumor que circumda a belleza:
Dos espinhos da inculta deveza,
Quando passas, borbulham rosaes;
Um sorriso de amor que desprendas
Logo o fogo em mil peitos excita;
Adormeces julgando bemdita
Esta vida de enganos fataes.

E o que és tu?—pensa bem—que te resta?...
O que resta ao mais candido lyrio
Se n'um esto de effrene delirio
Impio beijo lhe queima o frescor?...
Como a gotta de orvalho caída
Já perdeste os enlevos d'outr'ora:
Nem te brilha um lampejo d'aurora,
Nem te affaga um sorriso de amor!

Setembro, 1860

LIII

SUPPLICA

Viens donc, ô ma belle maîtresse,
Perdre tes soupçons dans mes bras.

PARNY.

Oh, não tardes; em meus braços
Vem reclinar-te, querida;
Nada ha bello n'esta vida
    Sem amor.
Bem vês que o trepido rio
Beija a relva da collina,
E que a brisa matutina
    Beija a flor.

Que receias? por que tremes?
Diz-te acaso a consciencia
Que a tua mystica essencia
Perderás?
Se o teu espirito anceia,
Se tudo o sangue te agita,
Se um vago furor te incita,
Que farás?...

Has de deixar que a belleza
Desbote no teu semblante;
Que esse fulgor deslumbrante
Morra em fim?
Não vês que os annos que passam
As rosas nos vão murchando?...
Por que scismas, vacillando,
Junto a mim?

Por que não dizes que és minha?
Por que n'um soffrego beijo
Não me dás quanto eu desejo
Possuir?
Por que me apontas o mundo?
Por que te esquivas tremendo?...
E o mundo passa correndo,
Sem te ouvir!...

E o céu de enlevos bemditos
Que hoje brilha em nossa mente,
Has de ver que de repente
Fugirá;
E o coração que podera
Pulsar doudo de alegria,
De tristeza, noute e dia,
Pulsará.

A vida é fugaz corrente,
Que ora entre espinhos murmura,
Ora segue amena e pura
Sobre flores:
São bastas as rudes brenhas
Que nos laceram a vida:
Só brotam rosas, querida,
D'entre amores!

Junho, 1864.

LIV

O TEU AMOR

> Je n'aime que toi, source de tout amour,
> et qui es à la fois pour moi la rose,
> lis, la colombe et le soleil.
>
> HENRI HEINE.

Eu quero o teu amor! quanto desejo
Vem tudo aqui findar;
A vida, a gloria, o céu está n'um beijo...
Que tu me pódes dar.

Um beijo e a morte!—Oh, vem, que o seio anhela,
Não córes de pudor.
Um beijo e a morte! a morte hade ser bella
Entre arrulhos de amor.

Um beijo e a morte, sim; que eu, satisfeito,
Não quero viver mais.
Oh, deixa-me espirar sobre o teu peito
Meus derradeiros ais!

Que serei eu sem ti?—alma perdida
Por este mundo a errar;
De que me serve o mundo?—eu quero a vida
Porque te quero amar.

Porque quero encantar minha existencia
Com teus risos gentis,
E bemdizer depois a providencia,
Sentindo-me feliz.

Porque quero esquecer toda a amargura
Que devorei sem ti;
Dizer-te em meus delirios de ventura:
—«O ceo existe aqui!»—

Porque o meu sonho és tu; quanto eu desejo
Em ti vae só findar:
A minha vida toda está n'um beijo...
Que tu me podes dar!

Junho, 1864.

LV

CASTIGO

E tu raddopia, o donna,
Raddopia i colpi; entro al suo cor nascondi
Il pugnal tutto! —

ALFIERI.

És livre, bem sei; se ha crime,
É todo em mim que elle existe;
Se a minha alma anceia triste
E minha a culpa; sou eu
Que em desvairada loucura
Fui pedir-te amor eterno,
Que me lancei n'este inferno
Pensando elevar-me ao ceo.

És livre; podes sem medo
Dar vida, sangue e pureza;
Thesouros d'essa belleza
A qualquer os podes dar.
És livre; não te condemno
Porque de mim te esqueceste:
Se os meus sonhos desfizeste,
Porque fui louco em sonhar?—

Porque julguei que podia
Queimar-te na mesma chamma
Que o sangue todo me inflamma,
Que brilha dêsque eu te vi?
Porque não tive remorsos
De esquecer o meu passado,
Quando sentia ao teu lado
Que só vivia por ti?—

Porque buscava os teus olhos
Como se exora uma estrella?
Porque pensei que eras bella?
Porque em delicias sonhei?
Porque, se a mão te apertava,
Tremia cego de enleio?
Porque uma vez, sem receio,
Do meu amor te fallei?—

Porque deixei que a serpente
D'esta paixão peccadora
Me damnasse, a cada hora,
Com seus venenos fataes?
Porque não quiz arrancal-a
Dos seios d'alma incendida?...
A culpa é minha, querida;
Oh, castiga-me inda mais!

Junho, 1864.

LVI

ENTHUSIASMO

Mordez et croassez, corbeaux, battez de l'aile.
Le poéte est au ciel!

ALF. DE MUSSET

Não, não morre a luz sagrada
Que em minha alma poz o Eterno;
Não são regelos do inverno
Que apagam rayos dos ceos;
E eu creio na estrella amiga
Que me illumina o futuro,
E vôo altivo e seguro
Cheio de amor e de Deos!

Que tem, que importa se ás vezes
Minha alma triste vacilla?
Não treme a luz que scintilla
Mal que um sôpro a vem tocar?
Que tem, se acaso immudeço,
Se a fronte inclino e medito,
Quando o tripudio maldito
Vejo ao meu lado passar?—

Quem diz que o sol perde o brilho
Porque desce no horisonte,
Ou que morre a luz na fronte
Onde Deos pôz um laurel?
Quem sorri da casta muza
Porque a vê banhada em prantos?
Quem se atreve a pedir cantos
Aos captivos d'Israel?—

Não! se as aves immudecem
Quando se despe a floresta,
Se os cantos de amor e festa
Não resoam pelo ar,
Se á luz pallida do inverno
Não veceja uma bonina,
Quem diz que a quadra divina
Nunca mais hade voltar?—

Quem diz que as rosas e os lyrios
Não hão-de vir em cardumes
Encher de gratos perfumes
As brisas da solidão?
Que a montanha, o prado, o bosque,
Não terão fulgor um dia,
E que não hade a poesia
Romper-nos do coração?

Quem diz que o manto sombrio,
Que o ceo nos tolda de neve,
Não hade, desfeito em breve,
Todo em perolas cair;
E que então, n'esse momento,
Não deve a aurora inflammar-se,
E a campina engrinaldar-se,
E a primavera sorrir?—

Não digam! Em quanto a sombra
Desce negra e carregada,
E os seios da alma inspirada
Se estorcem no frio horror;
Em quanto, fartos de gloria,
Os histriões adormecem,
Ao puro cysne fallecem
Brandos murmurios d'amor.

Mas quando o pó, que hoje em nuvens
Sobe, ondula e cobre tudo,
Se abater,tristonho e mudo
Não hade o cysne ficar:
Batendo as azas contente,
Soltando vaga harmonia,
Fará romper a poesia
Por terra, por ceos e mar!

Fevereiro, 1864.

LVII

DESENGANO

> Eu, por minha má ventura,
> Não há já mal que não visse:
> Mas nunca tanta tristura
> Me lembra qu'inda sentisse.
>
> B. RIBEIRO.

Não temas! Se pensaste acaso
Que est'alma, no fervor que a opprime,
Por vezes meditava o crime
De inteira se inflammar por ti;
Não temas! que a illusão desfeita
Não póde renascer-me agora,
Nem volvem, quando rompe a aurora,
Delicias que a chorar perdi!

Amei-te! Sabes bem que fogo
Ao ver-te me accendia os olhos;
Por ti, n'este pragal de abrolhos,
Só via despontarem flores;
Sorria-me um futuro immenso
Nos sonhos d'este encanto amigo;
Sentia-me arrobar comtigo
A um mundo de eternaes amores!

O peito latejava ancioso,
O sangue refluia ardente,
E alegre, na abrazada mente,
Crescia-me a illusão fallaz;
Radiante, sem pensar no abysmo
Onde hia a despenhar-me certo,
Corria para um ceo aberto,
De bençãos, d'esplendor, de paz!

Que vezes, contemplando á tarde
Teu rosto pensativo e triste,
Que vezes repetir me ouviste
Protestos de infinito amor;
E tu, como a creança incauta,
De pejo e de prazer vermelha,
Deixavas que zumbisse a abelha
Em tôrno da graciosa flôr.

Depois, se eu te apertava ao peito,
Se a face te osculava a mêdo,
Brincava-te um sorriso ledo
Nos labios, anhelando então;
Tentava-me a doçura amena,
E louco, e sem razão, sem tino,
Cedia ao teu poder divino,
N'um esto de infernal paixão!

Agora, que ao meu lado tremes,
Oppressa de infantil receio,
Apaga, sem temer, o enleio
D'esta alma onde accendeste o amor;
É justo que não mais te veja
A face de prazer vermelha,
Nem tornes a escutar a abelha
Que zumbe, namorando a flor.

Não temas, que, siquer um dia,
No fogo que a minha alma opprime,
Eu ouse meditar no crime
Da vida te agitar, meu bem.
Tu vês como a illusão fagueira
Não póde renascer-me agora;
E a luz que me encantava out'ora
Tambem se dissipou, tambem!

Março, 1863.

LVIII

ADEUS!

Je m'en vais pourtant, ma petite,
Bien loin, bien vite,
Tout en pleurant.

ALF. DE MUSSET.

Adeos, Julia, vou deixar-te;
É bem triste a despedida,...
Será mais, lembrar a vida
Passada aqui;
Quando os clarões do solposto
Dourarem frouxos o monte,
Onde inclinarei a fronte,
Longe de ti?...

Quem hade entender os cantos
Da minha paixão ardente?
Quem hade sorrir contente
Quando eu sorrir?
Quem poderá na minh'alma
Derramar luz e harmonia,
Quando a chamma da poesia
Se me extinguir?—

Quem hade ser minha estrella
N'estes horridos caminhos?
Quem fará dos meus espinhos
Brotarem flores?
Quando em meu peito abatido
Pairar, crescer a saudade,
Quem terá, Julia, piedade
Das minhas dores?

Quem hade, quando eu vacillo,
Nos seus braços amparar-me?
Quem hade unir-me, estreitar-me
Ao coração?
E nesse fervido amplexo,
Entre beijos infinitos,
Banhar-me em rayos bemditos
De inspiração?—

Oh, bem sei que a terra é bella,
Que o firmamento resplende,
Que o mar canta, o val recende,
E o prado ri;
Que as aves chilram em bandos,
Que é de crystal o ribeiro,...
Que me importa o mundo inteiro
Longe de ti!—

Fevereiro, 1864.

LIX

A GARRETT

Recitada no theatro normal, pelo actor João Anastacio Roza, em a noute de 2 de Abril, de 1864

I

Ó genio, és immortal: só morre o vulgo
Que em torno a ti vagueia,
O que não sente a dardejar na fronte
O rayo de uma idéa!

Tu brilhas sempre, como a chamma antiga
Da candida vestal;
Tu diffundes clarões por todo o mundo...
Ó genio, és immortal!

Que importa a nuvem gelida, que ás vezes
Nos tolda a luz do sol,
Se na balsa virente sôa alegre
A voz do rouxinol?

Que tem que a flor expire, quando o vento
A fustiga sem dó?
Que tem que as folhas solte, e que descance
No seu leito de pó?

Não deixa o grato aroma que embalsama
O prado, o monte, os céus?
Em perfumadas ondas vaporosas
Não sóbe aos pés de Deus?...

Assim tu és! tu brilhas como a chamma
Da candida vestal;
Não se apagam teu rayos n'este mundo:
O genio, és immortal!

II

E tu vives, cantor inspirado,
E os teus louros se enfolham cad'hora,
E entre os cantos mais bellos de agora
O teu canto murmura e seduz;
Resplandece-te o vulto gigante,
O teu nome resôa na historia,
Que tu vives cercado de gloria,
Como os astros cercados de luz!

Quem não ouve, não sente no ouvido
Os murmurios de affecto profundo,
Que inda ha pouco soltavas no mundo
Abrasado nos estos do amor?
Quem não sente callarem no peito
As saudades do tempo passado,
Quando a voz, no teu canto sagrado,
Desprendias, sublime cantor?

Oh, quem sabe se agora tu vagas
Ao meu lado, se escutas attento
O meu canto, saudoso lamento
Que vem d'alma e que espira na voz;
Se'inda a musa te affaga e te inspira
Se o teu genio se agita e se inquieta...
Oh, quem sabe, quem sabe, poeta,
Se tu vagas risonho entre nós!

Sim, quem sabe se acaso desceste
Ao teu lar, ao teu ninho de amores,
E se aspiras as vividas flores
Que inda bellas te brotam aqui;
Se te lembras das noutes festivas
Em que o fogo sentindo nas almas,
Te saudavam com louros e palmas
No theatro criado por ti!

Gloria a Deus, que dá brilho ás espheras,
Que nos cerca de aromas celestes,
Que entre as brenhas dos montes agrestes
Deixa os lyrios singelos romper!
Gloria a Deus, que inflammou no teu peito
Tantas chammas de engenho divino;
Oh, mil vezes bemdito o destino,
Que entre nós soprou vida ao teu ser!

Fomos grandes! por mar e por terra
Nossa espada abrio fundo o caminho;
Aguia audaz não se acouta em seu ninho,
Só respira na immensa amplidão!
Fomos grandes! Que o diga esse mundo
Tantas vezes prostrado no solo,
Esse mundo que altivo ergue o colo,
E que a fronte espesinha ao leão!

Que restou da passada grandeza?
Que ficou d'essa gloria passada?
Uma lyra, uma voz inspirada,
Um cantor mendigando a chorar;
Mas que ao ver que esta patria de ingratos
Succumbia, enxugando o seu pranto,
Foi no bronze gravar-lhe esse canto
Que hade ao mundo o passado attestar!

E pagaram-lhe bem! tanto genio,
Tantos dias sem pão, sem auxilio,
Tantos prantos chorados no exilio,
Tantas maguas no peito a ferver!...
E pagaram-lhe bem! Tu que o digas,
Tu, cantor, que bradavas um dia:
—«Não se paga homenagem tardia
«A Camões, no sepulchro siquer!

III

Mas pagaste-lha tu; foi grande o canto
Que a tua voz lhe deu:
O coração do mestre, no seu leito
D'orgulho estremeceu!

Mas pagaste-lh'a tu; deste-lhe o premio,
E com prodiga mão;
Lavaste-nos da fronte a negra mancha
Da vil ingratidão!

Hoje o mesmo laurel vos engrinalda,
E ostenta as mesmas flores:
Sois dois astros que fulgem sobre a patria,
Banhando-a de esplendores!

Oh, genio, és immortal! só morre o vulgo
Que em torno a ti vagueia,
O que não sente a dardejar na fronte
O rayo de uma ideia!

Tu brilhas sempre como a chamma antiga
Da candida vestal;
Não se apagam teus raios n'este mundo:
O genio, és immortal!

Fevereiro, 1864.

LX

A MINHA MUSA

> From thee begin
> Dew all on thee with thee conclude my song.
>
> THOMSON.

Perguntas quem me inspira
Os canticos de amor?
Quem cerca de perfumes
Minha alma, agreste flor?

Quem vem junto ao meu lado
Sentar-se ao por do sol,
E murmurar baixinho:
—«Ouves o rouxinol?

«Junta ao seu debil canto
«Teu canto apaixonado;
«Enche de melodias
«O céu, e o mar e o prado?»

Ai, qu'rida, os ternos cantos
Que na minha harpa soam,
De ti, por ti se abrasam,
A ti nas auras voam.

Não cuides que os inspira
Musa gentil, divina,
Que junto a mim se assente
Na relva da campina:

N'essa hora melancolica
Em que esmorece o dia,
E as ondas encrespadas
Se cobrem de ardentia.

Eu sou a harpa esquecida
Do monte no pendor;
Ai, mas tu és a brisa
Que fere os sons de amor!

Maio, 1859.

LXI

O CANTO DO ADAIL

(A VOLTA)

Un bouclier de cuivre á son bras soune et luít,
Rouge comme la lune au milieu d'une brune;
Son cheval hennissant miache un frein blanc d'écume
Un long sillon de poudre en sa course le suit.

V. HUGO.

Meu brioso corcel, corre, corre;
Já o sol esmorece, já morre
Entre as altas montanhas d'além;
São da patria... galopa ginete!
Estas brisas da patrta já vem!

Foi travada e renhida a peleja;
—«Christo e avante»— bradaram, e avante,
Ao recontro feroz, delirante,
Só comtigo impaciente corri;
Tu soltaste o teu brado de guerra,
Teu relincho orgulhoso que aterra
Revibrar pelos campos senti!

—«Christo e avante!» —Que horrenda estrupida,
Que mil brados fundidos n'um só!
Treme o valle, redobra a corrida,
E as planuras levantam-se em pó!
Eil-os chegam! Nos olhos ardentes
Crua sanha fuzila-lhes já:
—«Christo e avante! «no brado dos crentes
Vem perder-se um rugido de «Allah!»

Foi travada a peleja,—que importa?
É nas brigas que a vida se sente;
É no vortice ardido e fervente
Das batalhas, que o peito se agita.
No som fero e maldito da grita
Sôa um canto de gloria! —morrer?...
Não! que o bravo, caindo, não morre:
No sepulchro começa a viver!

Mas a terra da patria? a verdura
Das campinas que o viram medrar?
E os segredos que á densa espessura
Hia só tantas vezes contar?
E a fragrancia d'aragem dos prados,
E esse encanto divino dos céus,
E o sorriso de uns labios rosados
Que tremeram dizendo-lhe «adeus!»
Tudo perde?—bem haja,—que o perca,
Se o estendarte de Christo tendido
Volve á patria, trazendo a victoria,
E se os echos de um canto de gloria
Vão saudar o guerreiro caido!

Sus! á patria.—que o dia já morre:
Meu brioso corcel, corre, corre
Que é da patria este amigo frescor;
Largo a espada que o sangue inda orvalha:
Vou por fim descançar da batalha,
Vou contente sorrir-me de amor!

Maio, 1859.

LXII

LEMBRAS-TE?

> Povero mio cuore! tu ami sì cilmente e sì caldamente, edoh t quante separazioni sei già stato condanato! Queta non fu certo la men dolorosa!
>
> SILVIO PELLICO.

Bem dito! instante bemdito,
Em que o bater do teu seio
Veio minha alma acordar;
Como foi supremo o enleio
D'aquelle extase sem par!
Bemdito! tanta ventura
Se uma vez pousa na vida,
Inda deixa apoz a ida
Grata lembrança de amores;
É como o vento do estio,
Que passa doce e ligeiro,
Mas que apoz derrama o cheiro
Que bebeu por entre as flores!

Ai, amada, como a vida
Nos correu n'aquelle encanto,
Como tudo alli foi santo
N'essas horas de prazer;
Como tu eras ditosa,
Como eu sorria contente,
Sentindo n'alma e na mente
Todo o fogo recrescer!

Espera, vou recordar-me
De tudo quanto gosei.
Será loucura o lembrar-me?
Quem sabe se eu sentirei
Saudades do que passei!

Ouve: a hora era o sol posto,
O sitio, junto do mar,
E tu, reclinado o rosto
Sobre a mão graciosa e bella,
Estavas triste á janella,
Triste, sosinha a pensar.
Passei, olhaste-me: os anjos
Tambem olham para o mundo;
Sorriso que vem do fundo
D'entre os labios te rompeo.
Coraste! os raios divinos
D'esse sorriso, douravam
A tua pallida fronte,
Como doura a flor do monte
O sol que rompe do céu!

Como eu voei aos teus braços,
Como tu voaste a mim,
Que delirantes abraços,
Que fallas de amor sem fim
Oh, como a rasão n'essa hora
Se esvaía entre gemidos,
Quantos beijos confundidos

Felizes demos então!
Como era grata a existencia,
Como era risonha a vida,
Alli pendendo embebida
Da tua pura innocencia,
Da minha louca paixão!

Ai, amada, como a vida
Nos correu n'aquelle encanto,
Como tudo alli foi santo
N'essas horas de prazer!
Como tu eras ditosa,
Como eu sorria contente,
Sentindo n'alma e na mente
Todo o fogo recrescer!

Mas depois, quando te dei
O beijo da despedida,
Quando na boca incendida
Mil fallas te segredei,
Mil e mil de tanto amor,
Não sei que senti, não sei
Se foi jubilo se dôr.

Vida que em tua alma eu tinha,
Alma que tinhas em mim,
Razão que de ti me vinha,
Affagos de amor sem fim;
Tudo se desfez, querida,
Ai tudo;—por minha vida!

Agora, porém, resurjo
Nas lembranças d'aquella hora,
De novo o prazer d'outr'ora
Sinto mais puro talvez;
Beijo a flor, és tu que eu beijo;
E em cada vago solposto,
Vejo brilhar-me esse rosto
Que me sorrio tanta vez.

É que tamanha ventura
Se uma vez pousa na vida,
Inda deixa apoz a ida
Grato perfume de amores:
Bem como o vento do estio,
Que passa doce e ligeiro,
Mas que apoz derrama o cheiro
Que bebeu por entre as flores!

Fevereiro, 1860

LXIII

SOMBRA E LUZ

Je puis maintenant dire aux rapides années:
—Passez! passez toujours! je n'ai plus à vieillir!
Allez vous-en avec vos fleurs toutes fanées;
J'ai dans l'ame une fleur que nul ne peut cueillir.

V. HUGO.

Por que penso, ai amor, não to digo,
Oh, nem queiras, nem busques saber,
Que as saudades que eu trago comigo
Turbariam teus dias de amor.
Tu és bella, sorris innocente
Aos dourados futuros da vida;
E a minha alma, de enlevos despida,
Solitaria palpita na dôr.

Não t'o digo! Pergunta á campina,
Quando ruge a tormenta do inverno,
Por que perde a fragrancia divina,
Por que esfolha as grinaldas que tem.
Assim eu, que senti já da vida
Folha a folha murcharem-me as flores,
Pela grata estação dos amores
Como a triste suspiro tambem.

Vive tu! Quero ver-te arrobada
Em delirios de immensa ventura,
Quero ver ressumbrar a frescura
Do teu rosto mimoso e gentil;
Quero ao largo deitar os meus olhos,
Contemplar-te risonha folgando,
Como as aves doudejam cantando
Quando aponta uma aurora de abril.

Quero ver-te soltar os cabellos
Aos bafejos da tepida aragem,
E correr n'estes campos tão bellos
Onde o orvalho nas folhas reluz.
Quero á tarde sentar-me comtigo,
Em teu hombro inclinar minha fronte,
Quando o sol, resvalando no monte,
Vem banhar-nos de amor e de luz.

Oh, então, sentirei na minha alma
Todo o fogo da antiga existencia;
Heide tel-os, mais puros na essencia,
Os meus sonhos de amena illusão;
E direi ás tristezas que voam
Do meu seio, ao teu seio, querida:
—Ide em paz! não turbeis n'esta vida
«Os meus dias d'inlevo e paixão!»

«Ide em paz. D'estes labios que tremem
«Arredae os amargos pesares;
«Oh, deixae-me correr aos folgares,
«Ás loucuras da idade infantil.
«Quero alegre inflammar o meu peito
«Em mil cantos de fervido enleio,
«Como as aves em doudo gorgeio,
«Quando rompe uma aurora de abril!»

«Ide em paz! por que eu marcho ao futuro
«Sem pizar os espinhos que ferem,
«Como as aguias cortando seguro
«Outros mundos mais perto do céu;
«E depois reclinando-me altivo
«Do meu anjo no seio fremente
«Quero ouvil-o dizer-me contente:
—«Vem comigo! não tardes! sou eu!»

«Ide em paz! porque o dedo do Eterno
«Em meu peito acendeu a poesia;
«Por que eu vou procurando a harmonia
«D'este espaço radiante e sem fim.
«Oh, deixae-me passar! que a minha alma
«Já se eleva da terra despida;
«Não turbeis os meus sonhos da vida:
«Ide em paz! não pareis junto a mim!

Ai, sorri, meu amor, que os teus risos
Illuminam-me a pallida fronte,
Como um rayo de sol no horisonte
Illumina as planuras do mar.
Dá-me um dia dos dias da infancia,
Volve ao rosto suas vividas côres,
E fujamos da sorte aos rigores
Nas delicias de um vago sonhar!

Ai, sorri! Quero ver-te arrobada
Em delicias de immensa ventura,
Escùtar essa voz que murmura,
Segredando um protesto de amor:
E em minha alma, crescendo no jubilo,
Sentirei todo o goso da vida,
Em minha alma, que ha tanto, abatida,
Solitaria palpita na dôr!

Novembro, 1863.

LXIV

A AURORA DO POETA

Que lorsque vous venez, jeune astre qu'on admire,
Eclairer notre nuit d'un rayonnant sourire
Qui nous fait palpiter,
Comme l'oiseau des bois devant l'aube vermeille,
Une tendre pensée au fond des cœurs s'eveille,
Et se met à chanter!

V. HUGO.

Acaso nunca viste
Como, ao sorrir d'aurora,
Cad'arvore se inflora
De variegadas cores?

Como lhe ondula a rama
Com morbida elegancia?
E que subtil fragrancia
Espiram tantas flores?

Pois vê: quando um sorriso
De amor, de paz divina,
Por vezes te illumina
O rosto juvenil;

Ai céus, então minha alma
Inflora-se virente,
Agita-se contente
Como um vergel de abril.

Maio, 1860.

LXV

LUÍZ XVI

Fils de Saint-Louis, montez au ciel !

P. EDGEWORTH.

I

Silencio! mais um rei descança agora.
Vi-o descer do throno; — a sua aurora
Sombria foi, bem sei!
Quem lhe escarnece o tumulo? quem ousa?...
Silencio! respeitae o que repousa:
Deixae dormir o rei!

Oh, quem o visse em épocas de gloria,
Não pensara que negra, horrenda historia
Seu nome lembraria;
Nem que o sceptro, perdendo o brilho falso,
Ao cair-lhe das mãos, n'um cadafalso
Quebrado rollaria!

Não pensara que o povo, insano um dia,
A quem elle, Rei-pae, brando sorria
Nas procellas da sorte,
Lhe havia de gritar enfurecido,
Como um romano ao gladiador vencido
Gritava: Á morte! á morte!»

E morreu! como o alamo frondoso
Quando sibilla o vento impetuoso,
Co'a fronte em terra deu:
Justo — teve na morte um paraiso,
Martyr — soltou a vida n'um sorriso,
Santo — subio ao céu!

Silencio! Mais um rei descança agora.
Vi-o descer do throno! a sua aurora
Sombria foi, bem sei!
Mas quem ri no seu tumulo? quem ousa?
Silencio! respeitae o que repousa:
Deixae dormir o rei!

II

Que tropel, que alarida soturna,
Que bramido que estruge infernal!
É o mar que se quebra na furna?
É o vento que ruge no val?

É o povo, é o povo que passa,
É o povo a correr de roldão,
É o povo que jorra na praça,
É o povo?... saudae-o!... mas não!

Quem no peito aquell'ira lhe inflamma?
Quem lhe acerra esses punhos febris?
Que diz elle? que ruge? que brama?
Que tyranno lhe invade o paiz?

É o povo que jorra na praça,
É o povo?... saudae-o!... mas não!
Esse povo quer morte, desgraça,
Quebra um sceptro, sorri, maldição!

Nos mosquetes, nas lanças lhe ondêa
Em pedaços um manto fatal:
Esse manto que o sangue roxêa
Foi talhado em mortalha real!

Livre ondêa, no vento esvoaça,
Lá se agita, lá vae de roldão:
Eil-o! é o povo, é o povo que passa,
É o povo?... saudae-o!... mas não!

III

O martyr, o desherdado,
Vendo a morte, socegado
Deixava a crôa á nação.
Que era a c'rôa n'essa fronte?
Era um martirio, era o monte
Que verga o dorso ao Titão!

Oh, mas quem, quem poderia
Medir-lhe a immensa agonia,
Sentir-lhe o peso da dôr,
N'aquelle instante suprêmo
Em que disse o adeus extremo
Aos filhos do seu amor?...

Apertal-os contra o peito,
Mas saber que ao pé do leito
Um patibulo já tem;
Ouvir da esposa os lamentos,
Pensar que em breves momentos
Ninguem lhe chamará mãe!...

Vêl-a triste, abandonada,
Vêr-lhe a fronte ensanguentada
Sob os pés da multidão!...
Oh, o povo não sabia
Que além de um rei que perdia
Esmagava um coração!

Cego, ardente, allucinado,
Leva o rei, o desherdado,
Eil-o, que a morte o conduz:
Céus! o crime não é novo;
Foi o povo, o povo, o povo
Que pregou um Deus na cruz!

IV

Silencio! mais um rei descança agora.
Vi-o descer do throno; a sua aurora
Sombria foi, bem sei!
Quem lhe ri sobre o tumulo? quem ousa?
Silencio! respeitae o que repousa:
Deixae dormir o rei!

Julho 1862.

LXVI

SAUDADE E AMOR

Hope, like the glimmering taper's light,
Adorns and cheers way;
And still, as darker grows de night,
Emits a brighter ray.

GOLDSMITH.

Nunca viste nas horas suaves
Em que o dia sorri no horisonte,
Nunca viste adejarem as aves,
Suspirando, correndo no ar?
Divagarem no val e no monte,
Por instantes pousarem na terra,
E depois, remontando-se á serra,
Lá ficaram — par'cendo scismar?

Ai, não viste, não sabes, não pensas
Como as tristes se finam n'essa hora,
Sem curarem dos rayos d'aurora,
Sem curarem das vividas flores:
É que buscam, voando no espaço,
Quem lhes hade entender os gorgeios;
E em ternuras de doces enleios
Quem lhes hade entender os amores.

Tambem eu de saudades me fino
Divagando no mnndo sosinho,
Sem te ouvir, sem te ver no caminho
Que percorro gemendo na dor.
E nas horas mais puras, mais bellas,
Quando tudo sorri na existencia,
Tambem eu, na tristesa d'ausencia,
Como as aves suspiro de amor.

Mas se um dia, correndo aos meus braços,
Eu te vir inflamada em dezejos,
Se poder afogar nos teus beijos
Tantas horas de angustia, meu Deus!
Heide alegre, comtigo abraçado,
Engolphar-me em delicias sonhadas,
Como as aves, cantando inspiradas,
Tambem livres se engolpham nos céus!

Fevereiro, 1864.

LXVII

O PASSEIO DE INVERNO

—Wellcome! kindred gleoms!
Congenial horrors, hail!
THOMSON.

Chegou, eil-o! triste, sombrio, na terra
Nem já uma rosa floresce e seduz,
Nem já o arroio murmura na serra,
Nem já uma aurora nos banha de luz.

Chegou entre nuvens; tres vezes bem vindo!
Ao vel-o, minha alma tristezas desfez;
Nos sonhos da infancia, de jubilo infindo,
Contente resurge: bem vindo outra vez!

Que immensa harmonia no mar e na selva,
Que agreste poesia que o campo involveu,
Que vaga saudade no triste da relva,
No canto das aves, nas sombras do céu!

Suspiras? pois dize, não sentes a vida
No peito mais dentro, mais funda pulsar?
Que importam as rosas, que importam, querida,
Se livres podemos no campo vagar!

Contempla a brancura do céu e do monte,
Aspira estas brisas que sopram d'alem,
Escuta o sussurro das aguas da fonte,
E dize que enleio não sentes tambem.

Ai, flor de candura, tu julgas que a vida,
De aromas cercada só póde viçar;
Não sabes que a planta do vento batida
Mais bellas florinhas costuma brotar.

Nem saibas! Agora, sosinha a meu lado,
Sentindo a alegria no teu coração,
Não temas as neves que orvalham o prado,
Divaga risonha na vasta soidão.

Vê tu, n'essas tardes do limpido estio,
Que juntos passámos á sombra das flores,
Ouvindo os murmurios do val e do rio,
E o canto das aves fallando de amores;

Jamais d'entre o peito senti levantar-se
Saudade tão branda, tão doce alegria;
Jámais na minha alma senti agitar-se
Um mundo de affectos, de vaga harmonia!

Suspiras, e apontas os troncos despidos
Da selva, inda ha pouco frondosa e louçan?
E os candidos lyrios murchando pendidos?
E os rayos obliquos do sol da manhã?

Bem sei, tudo é morto: perdeu-se a fragrancia,
Sumiram-se as brisas, fugiu-nos a luz!
Porém a memoria dos tempos da infancia,
Minha alma namora, minha alma seduz.

Aqui, entre os gelos, vagando contente,
Soltava meus cantos, do vento ao rumor;
Aqui descuidado folguei innocente,
Aqui vi teus olhos sorrirem de amor!

Chegou entre nuvens; tres vezes bem vindo!
Ao vel-o, minha alma tristezas desfez;
Meus sonhos, meus cantos, meu jubilo infindo
De novo m'os trouxe: bem vindo outra vez!

Dezembro, 1860.

LXVIII

A HELENA

> Ah! delle passate sciagure e della contentezza presente, come di tutto il bene ed il male che mi sará serbato, sia benedetta la Providenza!
>
> SILVIO PELLICO.

Sim, já vivo, já sinto, já creio,
Já respiro outra vez liberbade;
Deixo as horas de amarga saudade,
Que tão longas me foram sem ti.
Eis-me alegre! De amor e ventura
Minha vida recresce no seio:
Já respiro, já sinto, já creio,
Já minha alma contente sorri!

Por que foi? d'onde veio este encanto?
Quem me trouxe estes dias suaves?
Não parece que o canto das aves
Sôa agora mais puro e do céo?
Não se enleiam meus olhos de novo
N'esta luz que nos vem do horisonte?
Não scintilla a verdura do monte?
Não descança meu peito no teu?

Por que foi? dil-o tu, minha vida,
Di-lo tu que sorris de innocencia,
Tu que vens affagar-me a existencia,
Vacillante por vezes na dor;
Tu que a mêdo travando-me a dextra
Só comigo divagas e pensas,
Procurando as folhagens mais densas
Para livres fallarmos de amor.

Ai, responde, meu bem, minha vida,
Se és ditosa tambem ao meu lado,
Se não sentes agora no prado
Outro aroma, se o sentes como eu.
Dize, amor, dá-me o braço: não ouves
Longe e longe mil notas suaves?
Não parece que o canto das aves
Sôa agora mais puro e do céo?

Sim, vivemos, bem sei, bem o sinto,
Diz-mo tudo que em torno respira,
Diz-mo a voz que em teus labios espira,
Diz-mo o olhar que tão meigo reluz.
Ergo a fronte, sou outro! do peito
Sinto agora esvair-se a tristesa,
Como a sombra se esvae na deveza
Quando a aurora se inflamma de luz!

Sim vivemos! Viver é só isto,
É sorrir aos lampejos d'aurora;
Ai, não vive, não vive o que chora,
O que passa na terra a scismar!
Sim! viver é correr pelo prado
Apertando uma dextra innocente,
É sentil-a tremer de repente
Quando a lua desponta do mar!

Tu reclinas a fronte em meu hombro,
E baixando teus olhos tão bellos,
Deixas livre, em teus finos cabellos,
Por instantes correr minha mão?
Pois a vida é tambem esse fogo
Que no seio e no rosto scintilla;
É o rayo que abraza a pupilla
Quando em sonhos se annula a rasão!

Mas se um dia, sem norte e sem tino,
Là vagar pelo mundo entre as gentes,
Se não vir estes campos virentes
Onde alegre a teu lado vivi:
Pensa, então, como as horas da vida
Hão de tristes doer-me no seio, —
D'essa vida de amor e de enleio,
Affagada por Deus e por ti!

Junho, 1861.

LXIX

BRISA E FLOR

Je voudrais embaumer ton vol de mon haleine
Dans le ciel.

V. HUGO.

Pois eu amo-te! Se a brisa
Ama a flor onde suspira,
Se em vão lhe falla, se aspira
O cheiro que d'ella vem;

Por que não hade a minha alma,
De ti não vista ou sabida,
Buscar-te, buscar a vida
Que de ti só lhe provem?

Tu és a flor innocente,
És a inveja da campina,
Na luz com que te illumina
Dá-te o céo novo esplendor:

Deixa, pois, que eu seja a brisa,
Abre o seio côr da neve;
Deixa que ao menos me enleve
Nos teus suspiros de amor!

Março, 1860.

LXX

MAGDALENA

A BULHÃO PATO

(PRELUDIO)

Morreste, ó Grecia! O culto da bellesa
Com teu ultimo alento se extinguio;
É ruda, é fria, é morta a natureza,
O bello, como Astrêa, ao ceu subio.

Morreste, ó Grecia! O mundo já não sente
Aquelle intimo ardor que tu sentias;
O sangue corre agora mansamente,
Não ha viva expansão nas alegrias.

Morreste, ó Grecia! Os seculos sombrios
Só pouparam teu nome; um canto, um som.
Phryne já se não banha nos teus rios,
O musgo cobre um Deus, o Parthenon.

Morreste, ó Grecia! O genio da harmonia
Dorme sobre o teu leito sepulchral;
D'este vozêo atroz que dura um dia
Não se levanta um cantico immortal.

A cythara gentil de Anacreonte,
Por quem risonho a vibre embalde espera;
Nem já se vê Diana pelo monte,
Nem ha festões de rosas em Cythera.

Páris não vem sentar-se entre as deidades,
Se Helena foge a guerra não se atêa,
Dissiparam-se n'alma as tempestades,
Oh, não ha mãe capaz de ser Medêa!

Tudo é pequeno e vil, tudo se agita
Nas vascas da ambição e do poder;
Nenhum peito entre nós, siquer, palpita
Ao som d'um canto, á voz de uma mulher.

Ninguem desprende o vôo, e solta um hymno,
Ninguem enche de assombro as multidões,
Ninguem conhece o espirito divino
Que inflamma em santo ardor os corações.

Que importa a gloria?... A gloria é fumo leve
Que no mais brando zephyro se esvae;
O amor é um beijo; a vida, um sonho breve;
O prazer, um suspiro; a morte, um ai!

E o mundo segue ávante, e o mundo passa,
E crê-se grande, e reina, e diz: «eu quero!» —
E tu morreste, ó Grecia, ó deosa, ó raça
Dos titans immortaes de Eschylo e Homero!

CANTO I

Cette fange, d'ailleurs, contient l'eau pure encor
V. HUGO.

I

Julio era moço e rico; poderia,
Sem faltar á verdade, (o que eu mais preso),
Passar-lhe tambem carta de elegante;
Mas, que o fosse ou não fosse, pouco importa
Para o singelo conto que eu pretendo
Narrar em tres palavras, e que, espero,
Hade agradar tambem como outros muitos
Que tenho feito ja,... creio que sabem.

Ora quando os vinte annos desabrocham
Segue-os de perto amor; a mocidade
É primavera esplendida e festiva,
O amor é sol, è raio, é luz, é fogo
D'essa quadra louçã; quando elle aponta
Abre-se a flor, desdobram-se os tapetes

De verdura luzente, as aguas brilham,
O aroma sobe, e as aves vão cantando.
Julio, portanto, amava: era impossivel
Não succeder assim, quando mais puro,
Mais nobre coração não póde o mundo
De certo ouvir bater...—e amava muito!

Pobre de quem não ama! Se no inferno
Podesse entrar o amor, quem sentiria
Lá mesmo, n'esse baratho de angustias,
Senão prazer e extasi? A ventura
Reside só no jubilo supremo
Em que dois corações se estreitam, livres,
Exhaurindo-se em mysticos affectos.

Oh, mas quem fôra amar o desgraçado!...
Uma gôta de orvalho que fulgira
No ramo onde era perola, e descera
A converter-se em lôdo,—como disse
N'um simile profundo um grande genio.
Amára a flor sem viço, a que pendia,
Murcha e sem côr, na beira d'esse abysmo
Da torpeza e do mal; amara-a cego,
Doudo, perdido, em extasi, em delirio,
Como se adora um anjo, como o filho
Póde adorar a mãe: co'as mãos erguidas.
Amara-a, deu-lhe a luz, volveu-lhe o alento,
Chamou-lhe sua, ergueu-a entre os seus braços,
E unida ao coração roubou-a ao mundo.
Que lhe importava o mundo?... O mundo ria-se.
Elle era o Christo, ungia a Magdalena,
Baptisava-a no fogo d'essas lagrimas
Que a desgraçada a frouxo derramava.
Que tinha o mundo, pois?—A vida inteira,
O goso, o ceu aberto, a gloria, e tudo,
Tudo encontrava ali, remido e santo.
Que tinha o mundo, pois?... ai Deos, quem sabe!

II

Julio inda tinha pae, velho sesudo,
D'estes da antiga escola, escola séria,
Pausada, honesta e grave, que era avêssa
Ás corrupções de agora, que trajava
De briche nacional, chapeu de Braga,
Calções de bombazina, e, quando muito,
Um trambolho fatal com cem breloques.
O amor, qualquer que fosse, tinha sempre
Aos seus olhos o cunho da doudice,
Com que nósoutros, nós, sellamos tudo.
Amar com furia, e lagrimas ardentes?!
Quem lhe fallára em tal?—Isso eram contos,
Romances immoraes de certos homens
Que tinham vindo ao mundo, e derribado
Aquelle santo amor, a castidade,
A sabença, o milagre, o chiste agudo,
E muitas cousas mais que se encontravam
Nas obras... de cordel, nas grandes obras
De que ousou fallar mal o Tolentino.

Ora com pae assim, aquilatado
Pelos velhos padrões, era impossivel
Que o desgraçado Julio não sentisse
A mais cruenta dôr morder-lhe n'alma.
Que podia fazer? que lhe restava?
Que partido seguir? deixar a triste,
Deixar a sua vida, o sangue, a martyr
Que elle arrancára ao mundo, que guardava
Dentro do coração, como hostia santa?...
Oh, não, mil vezes não, fôra impossivel!

Que o desprezasse o pae, que os homens todos
Rugissem como tigres, condemnando
A que elle amava; embora!... A voz eterna,
Que era de Deos, gritava inda mais alto.

Oh, sê bemdito amor, candido orvalho
Que choves dentro em nós, e que mitigas
A ralladora febre das angustias.
Eu, que tambem já tenho em tuas aras
Votado o coração, eu, que na vida
Hei caminhado já, cortando a treva
De noutes infernaes, bem sei que, ao longe,
Quando tu vens brilhar se esquece tudo.
A solitaria estrella, mal que aponta,
Esparge em volta a dôce claridade
Dos seus raios; assim, dentro em noss'alma,
Os teus clarões, amor, se espargem vivos!

III

Eu devo, antes de entrar em mais discursos,
Explicar ao leitor certas passagens
De que não tem noticia, expor-lhe em breve
Alguns casos, que prendem fortemente,
Com tudo o mais que tenho a apresentar-lhe,
E tornar d'este modo mais corrente
A narração do poema.
Eu disse ha pouco
Que o pae do nosso Julio era da escola
D'essa antiga moral, casta e severa,
Respeitavel matrona que não punha
Nem pó de arroz, siquer, na pura face,

Que nunca andou no doudo torvelino
De uma valsa de Strauss, e que sómente
Achava grave e serio o minuete.
Apezar d'isso, um dia... (quem se atreve
A rir d'este Catão por cousas poucas)?...
Certo amigo abastado, que lhe dera
Arrimo e protecção, sentindo a morte
Mandou chamal-o, abriu-lhe os braços tremulos,
E no arranco final pediu-lhe apenas
Que lhe guardasse a filha, a creancinha
Que elle deixáva só, a rolla implume
Que alli ficava, exanime e perdida,
A gemer no seu ninho solitario.
E elle jurou; corria-lhe nas faces
Um mar de triste pranto, á flor dos labios
Espirava-lhe a voz entre soluços.
O moribundo, então, sorriu tranquillo,
Beijou a filha, ai Deus, beijou-a doudo,
E na benção, depois, benção paterna
Sagrada mais e mais n'áquelle instante
Pelo sôpro da morte, como o Christo
Balbuciou em paz: «Filha, meu anjo,
«Esse é teu pae; amigo, eis tua filha!»

Ella tinha dez annos, era linda
Quanto se pode ser; botão de um lyrio
Desabrochava á luz da primavera.
Foi crescendo; na face melindrosa
Brandos clarões de angelica belleza
Lhe scintillavam já; tinha a doçura,
A graça, a fresquidão dos poucos annos,
E ao mesmo tempo o encanto mysterioso
Que endoida os corações, fatal encanto,
Que ao derramar em torno a luz mais pura,
Quasi sempre recebe em premio injusto
A sombra, a perdição, e o pranto amargo.

IV

Ó mocidade, ó perola,
Ó fresca primavera,
Ó sonho,... quem podera
De novo a ti volver;
Seccar no rosto as lagrimas
Que a fio o vão sulcando,
E em teu regaço brando
Sorrir, amar, e crer!

Ó mocidade, o espirito
De novo a ti me eleva,
Transponho a immensa treva
Que enubla os dias meus.
Volvo outravez aos canticos,
Á luz do teu sorriso,...
Ó vida, ó paraiso,
Ó mocidade, ó Deus!

Sim, n'este val inhospito,
De acerba experiencia,
Recorda-me a innocencia
Dos tempos que lá vão;
O teu olhar benefico
Inda minh'alma accende,
Tu és fanal que esplende
Na densa escuridão.

Como eu te quero!. . adoro-te,
Só tu meu ser inflammas;
Tu és a flor, tu amas
A borboleta e o sol,
Tu tens o aroma ethereo
Que inleva e que enebria,
És tu que dás poesia
Ao mundo e ao rouxinol!

Ó mocidade, arrasta-me
Aos teus folguedos santos,
Quero ir juntar meus cantos
Aos que te inspira o ceu.
Por entre os risos fervidos
Do teu folgar ardente,
Minha alma hade ir contente,
Presa n'um olhar teu.

Mal haja o cego, o barbaro,
Que te desfolha e perde,
E que em teu calix verde,
Entorna a corrupção;
Mal haja a infanda vibora,
Que em sua torpe ardencia,
Corrompe a casta essencia
De um lyrio inda em botão!

E, quantas vezes, subito
Se esvae teu brando aroma!...
E a primavera assoma,
E não te vê brilhar;
E tu descanças, misera,
No lodaçal perdido,
Anjo do ceu cahido,
Que expira a soluçar!

Oh, se ha nos seios intimos
Raio que inunde a mente,
Quem vem d'uma innocente
Turbar o azul dos ceus?
Quem, seus clarões esplendidos
Lhe apaga no horisonte?...
Quem te macula a fronte,
Ó mocidade, ó Deus?!...

Pobre de ti, que em jubilos
De uma alegria infinda,
Não sabes vêr ainda
A tentação fallaz.
Tudo aos teus olhos credulos
De puro amor se inflora,
E á luz da tua aurora
Tudo radia em paz.

Depois, sem tino, arrojas-te,
Cheia de affecto e crença;
Abres á turba immensa
Tua alma, inda em botão...
Mal haja o cego, o barbaro,
Que te desfolha e perde,
E que em teu calix verde
Entorna a corrupção!

V

Tinham passado já talvez tres annos
Dês que o nosso Catão jurára á beira
Do leito funeral do velho amigo,
Guardar-lhe a filha, e ser-lhe pae, e amal-a
Como filha tambem; Julio, entretanto,

Cursava a academia. Estes ápartes
São de summo valor, nem eu costumo
Divagar sem razão; sou dos que aceitam
A logica fatal que impõe a todos
O dever da unidade, e d'outras partes
Em que Horacio fallou, como já tinham
Fallado á sua vez Laercio, Ammonio,
Hermias, Casaubono, e varios sabios
Que este mundo de Deus tem dado á estampa

Como já disse, pois, talvez tres annos
Tinham corrido, emfim, desde os successos
Que narrei ao leitor; o pae de Julio
Hia logrando á farta as rendas pingues
Da pupila gentil,—nunca pensára
Que o mester de tutor rendesse tanto!
Um dia o anjo mau veio empolgar-lhe
O recto coração; subiu-lhe á mente
O pensamento vil de que podia,
Com mão rapante e sordida, n'um credo
Filhar todo o thesouro da orphãsinha.
Coitado! relutou por largas noutes
Contra o anjo do mal; a creadagem
Ouvia-lhe gritar: «*Domine, domine,*
«*Exaudi vocem meam!...*»—sem mentira
Muitas vezes no dia; mas quem pode
Furtar-se ao demo, á garra, ao cão tinhoso?
Não lhe valem jejuns, nem tres cilicios
Que arroche bem nas nadegas contrictas;
Hade cair, porfim, cair de chofre,
Como innocente pomba quando alteia
O vôo incerto e vago, e de repente
Aguda setta lhe atravessa o peito.
E assim foi!—Ai, de nós, limo da terra,
Que o mais pequeno sôpro aballa e quebra,
E nos reverte em pó?... Que és tu, virtude?...
E tu, musa palreira, quem te disse
Que podias tambem molhar a sôpa

N'estas graves questões?—Calla-te où dorme.
Gloria a Deus nas alturas!
Para em tudo
Ser breve, e não gastar a paciencia
De alguem que, por milagre, esteja lendo
Estes versos banaes, direi que, um dia,
O sesudo tutor, sem mais rodeios,
Deixou ficar o anjo ao desamparo.
Ao principio no bairro houve um murmurio
De certas linguas más, que empeçonhava
O bom nome do velho, mas depressa
O rumor se esvaío, serenou tudo.
O que era enorme e atroz, o que era horrivel
N'esta farça immoral, o que esse mundo
Não podia acalmar, era o rugido
De uma victima inulta, que atiravam
Á voragem do crime,—pobre santa
Arremeçada ás feras, de que a turba
Inda bruta se ria entre apupadas!

VI

Oh, deixae que por momentos
Suspenda meu pobre canto,
Deixae-me correr o pranto
Que reflue do coração,
Deixae-me escrever «infamia»
Na fronte dos reprovados,
Que os anjos immaculados
Derrubam na perdição.

Tu és cem vezes maldito,
O' mundo pequeno e rude,
Que lanças sobre a virtude
As tuas vagas fataes;
És, sim, bem vejo, não busques
Occultar teu rosto fero:
Tu és o mundo de Nero,
O mundo das saturnaes!

Tu és o mesmo que um dia
Beijaste a mão a Sejano,
Que depois, estulto e insano,
Condemnaste a Galileo;
Tu és o mesmo que o genio
Inda laceras sedento,
Tiberio sanguinolento,
Abutre de Prometheo!

Que importa que altivo ascendas,
Em nuvens de impuro gozo?
Teu vozeio rumoroso
Não ensurdece ninguem.
Sobre os cantos, sobre os risos
D'esse folgar impudente,
Sôa o pranto do innocente,
Geme o soluço da mãe!

Não, jámais, ó minha musa,
Mancharei teu casto seio,
Não te heide ir sentar em meio
D'esses convivas fataes;
O teu mundo, o que eu só quero,
O que eu te dou, minha vida,
É lá na encosta perdida,
E á sombra dos laranjaes.

É lá, sentindo o murmurio
Da azenha que avulta ao perto,
E ao longe o sussurro incerto
Do vento ameno e subtil;
É na alameda frondosa,
Onde o perfume é tão brando,
Onde as aves vem cantando
Por madrugadas de abril.

É lá, na paz do deserto,
No seio da natureza,
Nas solidões da deveza,
Pelas campinas em flôr;
É lá que eu sinto a minh'alma
Prender-se n'um vago enleio,
É lá que me bate o seio,
Não de angustia, mas de amor.

Oh, se eu podesse algum dia
Deixar a terra onde habito,
E no meu campo bemdito
Ir comtigo só viver,
Que dôce luz de ventura
Meu coração todo enchêra,
Que manhãs de primavera,
Que sorrisos de praser!

E não posso, e heide finar-me
N'este mundo acerbo e rude,
Que açouta genio e virtude
Com suas vagas fataes;
E nem mesmo, ai Deus, nem mesmo
Sentirei fugir-me a vida,
Na minha encosta perdida,
Á sombra dos laranjaes!

VII

Baixava o sol; nos alamos copados
A viração da tarde vinha a espaços
Folgar travêssa; em bando, as toutinegras
Hiam de moita em moita, desprendendo
A dulcisona voz, o aroma agreste
Subia a Deus c'os ultimos lampejos
D'esse dia de maio; a natureza
Adormecia em paz, como adormece
A carinhosa mãe, ao ver que o filho,
Ao peito conchegado, ri, sonhando
Com os anjos, seus irmãos. Tudo era bello
N'esse cair da tarde, tudo vinha
Enebriar o espirito contente.

Ó sol posto de maio, como eu amo
Teus languidos encantos, como eu sinto
Bater-me o coração n'essa hora extrema
Em que o rumor dos homens foge, e ondeia
No espaço inteiro o genio da saudade!
Quantas vezes me viste como preso
N'um suspiro de amor, n'um ai, n'um beijo
De labios infantis, labios divinos
Que me tem dado o gôzo, e tantas vezes,
E tantas, e inda mais, a dôce esp'rança
Que me vacilla íncerta dentro d'alma.
Ditoso, ai sim, ditoso o que palpita
Quando dardeja a aurora, e as aves cantam
Nos rosaes em botão; esse não sabe

O que amanhã será,—caminha ao brilho
Do matutino alvor; não vê, não pensa
Que apoz lhe corre a sombra, e cresce em torno.

Ó peitos juvenis, cabeças louras
Onde a illusão referve e estúa a mente,
Sorri, gozae, colhei no prado as rozas,
Dae culto ao ledo engano que scintilla
Em cada astro de amor que vos deslumbra;
Amae, correi, segui, dizei a todos
Brandas canções de amor; vivei!—não tarda
Que o dia baixe e o viço murche ás rosas.
Então vireis sentar-vos no recosto
Do solitario monte, e a fronte curva
Repousareis na mão; triste saudade
Sentireis, como fumo, erguer-se d'alma.
Então ditoso aquelle, ai sim, ditoso
O que inda póde vêr a amante estreme
Unida ao coração, e que n'um beijo
Inda póde esquecer que ha mundo, e lagrimas!

VIII

Baixava o sol; co'a fronte reclinada
Sobre o peito da amante, o nosso Julio
Fictava ao largo o céu; de vez em quando
Erguia terno o olhar, e contemplava,
Ebrio de encanto, o rosto do seu anjo.
Mudo era o quadro, mudo, mas dizia
Na mudez eloquente quanto podem
Dizer dois corações que se comprehendem,

Que se estreitam, que anceiam, que palpitam
No mesmo affecto, e ardentes se derramam
Em suspiros, que amor envia aos labios.

—«És tão bella!»— dizia em seu transporte
O mancebo gentil,—«olha, meu anjo,
«Não sei, não sei dizer-te o vacuo immenso
«Que inda sinto no peito;... és minha, a vida
«Corre-me agora em paz, tranquilla e branda,
«Porque é passada aqui, porque te beijo,
«Porque te aperto ao coração, e aspiro
«Teus effluvios subtis, ó minha rosa.
«Mas eu quizera mais,... guardar-te sempre
«Aqui, dentro em minh'alma, occulta e livre
«Do mundo que te vê, radiante e bella,
«E que te póde amar,... amar-te, amar-te!...»

Ella curvou a fronte; a tempestade
Tinha passado, e o lyrio das campinas
Pendia para o chão.—Lembrar-lhe o mundo?...
Pobre amante cruel! A desgraçada
Depoz-lhe um beijo tremulo nos labios,
Sorriu triste, e depois, deixando em bagas
Correr-lhe o pranto afflicto, soluçando
Balbuciou mansinho estas palavras:

—«O mundo?... bem vês, querido,
Que o mundo não póde amar-me;
É bem triste recordar-me
Do que eu sou,... do que tu és!...
Ó Christo que me salvaste,
Que me remiste n'uma hora,
Deixa, emfim, que a peccadora
Choré contricta a teus pés!

E amar-te, meu Julio, e amar-te
Co'a paixão mais santa e ardente,
E não vir d'alma innocente
Esta centelha de amor,
E sentir na face o pejo
Quando ao meu seio te aperto...
Pobre luz de um céu aberto
Que se perde em negro horror!

Oh, não me acuses; bem sabes
Quanto eu soffri, quantos dias
Todo o fel das agonias
No coração recalquei;
Quantas lagrimas de fogo
Estes olhos me queimaram;
Que procellas me açoutaram,
Que frio e fome!... luttei!

Luttei por dias sem conto,
Por largas noutes do inferno,
Exorei, pedi ao Eterno
Que se lembrasse de mim;
Corri ao mundo,—zombaram
Da minha incauta innocencia:
Eu mendigava a clemencia,
Tive esmola, oh, tive-a, sim!

Depois, que importa?—bem sabes,
Vi-te moço, bello e altivo;
Não sei que olhar pensativo
Sobre mim te vi baixar;
De repente o sol dourou-me
Com seus mais vivos lampejos:
Tu cobrias-me de beijos,
Eu sabia o que era amar!

Levantei-me, então; sentia
Correr-me o sangue anhelante,
Ergui affouta o semblante,
Fitei o céu uma vez;...
Ó Christo que me salvaste,
Que me remiste n'uma hora,
Deixa, emfim, que a peccadora
Chorando morra a teus pés!»

Hia a prostrar-se; as lagrimas em jorro
Innundavam-lhe a face desbotada
Como a açucena pallida da encosta;
Elle tomou-a em peso nos seus braços,
Uniu-a ao coração, como se estreita
O filhinho mimoso, reclinou-a
Junto de si, bebeu-lhe o pranto em beijos,
E co'a mais dôce voz, no tom mais dôce
Que amor póde ensinar, foi pouco a pouco
Chamando-a á vida, ao jubilo, ás delicias
D'aquelle affecto ardente e immaculado.
Ella entre-abriu os olhos; um sorriso
Despontou-lhe nos labios, meigo e triste;
O seio inda fremente lhe batia
Nas convulsões da angustia que a rallara.
Subito, a côr rompeu-lhe manso e manso
Na desmaiada face, desoppressa
Emfim se ergueu, e o languido perfume
Que em torno alli vagava, co'um suspiro
Lhe entrou no coração...
Como já disse,
Baixava o sol, ao perto um bando d'aves
Chilrava entre a folhagem dos ulmeiros;
Isto era em maio; a sombra tentadora
Crescia mais e mais, silencio fundo
Callava tudo em roda:... um beijo, um beijo,
Mas longo, interminavel, soluçado

Em estos de prazer, gemeu nas brisas.
A lua ergueu-se então serena e pura,
Derramando fulgor; e a minha musa
Levantou-se tambem, e foi-se, em extasi,
Errar na solidão dos campos vastos!

CANTO II

Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.

JESU-CHRISTO.

I

O divino Espronceda poz um dia
A nota, que eu transcrevo, ao melhor trecho
Do seu canto immortal:—«Leitor amigo,
«Os versos que ides ler em nada prendem
«Co'a verdadeira acção d'este poema.
«São da minh'alma um grito, um desafogo
«Do coração pungido; os que quizerem
«Podem pol-os de parte, e andar ávante.»
Eu digo o mesmo; embora os grandes mestres
Tenham seus privilegios reservados,
Ninguem me impede agora que eu divague,
E que respire uns sôpros de franqueza.
Oh, 'star sempre amarrado ao cêpo ignobil

Do entrecho capital, é caso horrendo,
Que nem me atrevo a pôr no pensamento.
Ar livre, terra livre, assumpto livre,
E livre o coração! Deixae a musa
Errar como lhe apraz; agora altiva
Erguendo-se até Deus, depois baixando
Ás solidões do val, cantando e rindo
Se amor lhe ínflora o peito, ou soluçando
Mal que o negro pezar lhe ensombra a vida.

Ó sabios do paiz, ó bando illustre
De eternos farfalhões que andaes na voga,
O que hade ser de mim, cantor humilde,
Se, por castigo atroz, n'um bello dia
Vos fôr cair nas garras eruditas?
Lá se me vae de chofre a gloria e o nome,
Lá me heis de pôr no enxurro caudaloso.
Das nullidades vãs, dos parvos rasos.
Então, chora por mim, candida musa,
Que tanta e tanta vez me déste alento
Com teu brando cantar; chora, innocente,
E ás solidões do céu demanda abrigo.
Demais, que és tu, meu anjo, transviado
Por estes barrocaes de prosa insulsa?
Que podes tu fazer, perdida e inerme,
Entre a gasnada rouca e barulheira
D'esta chusma de gansos saltitantes
Que andam por cá salvando o Capitolio?...
Oh, vae-te!—Se os taes sabios que diffundem
Enviezados raios de sabença
Me escorcharem de vez, se me perderem
Aos olhos do paiz, vae-te, que eu morro.
E que me importa a vida, quando a gloria
Se esvae sobre a rajada fera e ingente
Dos criticos de truz?... que importa Homero,
Quando Zoilo sagaz lhe assopra os raios
Da fronte divinal?...
Prosegue, ó mundo,

Ninho gentil dos gordos estadistas,
De infestos barbadões, de santidades
Que dormem só de bulla á cabeceira,
Mas que jogam depois, como os centurios,
A tunica de Deus; prosegue, ó mundo,
E quando as musas, pallidas, fugirem
D'esta fria aridez, quando os seus hymnos
Não cortarem, por vezes, brandamente
Este rumor feroz dos que chatinam,
Quando só te restarem, para enfeite,
Os sabios e os barões,—reclina a fronte
Sobre o espaldar da cathedra esculpida,
Põe a grã-cruz ao peito, enverga a toga
De Fabricio ou Catão, ficta os prodigios
Que hão de em roda avultar,—e dorme á solta!

II

Oh, bom tempo o de Orpheu, tempo em que a lyra
Domava o proprio inferno, e as brancas penhas
Attrahia apoz si; ó tempos aureos,
Que não torneis de novo, ou que eu não possa
Ir em visões 'té vós, e libertar-me
D'esta prosa villã que arrocha tudo!...
Grecia, meu sonho, ó magica deidade,
Como o teu vulto homerico, por vezes
Se me desenha no vapôr que ondeia
Entre as cristas dos montes elevados!
És tu, és sim, distingo-te, conheço-te
Pelo fulgor do olhar, pela harmonia

Da voz suprema e bella, e pelos louros
Que te engrinaldam com verdura eterna.
Tu és Aspasia, és Leda, és Sapho, és Merope,
Phidias molda-te o busto, e a voz de Pindaro
Celebra-te depois na estrophe alada.
Oh, bons tempos os teus,—quando os Messenios
A Homero erguiam templo, e ao canto bellico
Do famoso Tyrteo, em Stenyclara
Se inflammavam de Esparta os brios rudes.
Hoje refez-se tudo em novos moldes.
Veiu a charada, a nenia, a gazetilha,
O discurso da corôa, o relatorio,
O voto do paiz, Bismark e Wrangel,
O congresso europeu,... e dominando
Toda esta situação de heroes e numes,
O retimtim dos gravidos thesouros
Que os phariseus remechem de continuo.

III

Desculpe-me o leitor a impertinencia
D'estas divagações, sem tom nem graça,
Com que o tenho opprimido, e certamente
Deslustrado o meu canto; isto é mui grave,
Grave de mais, ninguem lhe sente o alcance
Melhor do que eu; mas digam-me o caminho
Que me cumpre seguir, que fazer posso
Se esta musa palreira e doutorona,
Mal lhe bolem na tecla, solta logo
A redea larga aos doudos devaneios?...
Heide prendel-a, reprimir-lhe os impetos,
Decepal-a sem dó, cortar-lhe as azas,
E jungil-a depois ao carro enorme
Dos preceitos, das leis, das regras parvas?

Não, sê livre, meu anjo que desces
A dourar-me a sombria tristeza;
Os teus raios de encanto e belleza
São na terra os meus astros de amor.
Vaga, ondeia, percorre sem medo
Este espaço em que a aurora lampeja:
Como a abelha entre as murtas doudeja,
Tu divaga nos prados em flor.

Oh, sê livre! Não poises de leve
Sobre as vagas do mundo fremente,
Póde, ai musa, levar-te a corrente,
E sumir-te nos brejos fataes.
Não te illudas, não ouças, não pares
Ao vozio que em torno se eleva;
Que te importa este abysmo de treva,
Se te inundam clarões immortaes!

Vôa e canta! Na fronte inspirada
Maga estrella te esplende e te guia;
Vôa e canta! derrama a poesia
Sobre as turbas que anceiam por luz;
Cobra alentos, tressua na lida,
Une ao peito o que afflicto suspira,
Dá conforto, nos cantos da lyra,
Ao que arrasta o madeiro da cruz.

Não macules teu genio sagrado
Ao louvor de infernaes antisterias;
Pènsa e vê que de occultas miserias
Se amesquinham no pranto e na dôr,
Quantos gritos de angustia profunda
Vão perder-se nos hymnos festivos
Dos que passam risonhos e altivos,
Dos que aspiram mil rosas de amor!

Pensa, ai Deus, quantas aves definham
Sem ter ninho, nem mãe que as aquente,
Sem que ao menos n'um ramo virente
Haja abrigo que as queira acoitar;
E o sol rompe, e as campinas lourejam,
E a verdura rebenta no monte,
E ellas, tristes, escondem a fronte,
Quando as outras chilream no ar!

Pobre musa, que ás vezes te sentas
Sobre a relva do amigo recosto,
E contemplas á luz do sol-posto
As saudosas montanhas d'além;
Quantas vezes, se a mente arrobada
Espaireces por mundos de encanto,
Quantas vezes, n'ess'hora, de pranto
Os teus olhos se arrasam tambem!

Não, meu anjo, tu amas, tu soffres,
Tu não manchas teus hymnos singelos,
Não destranças dos louros cabellos
A grinalda dos lyrios gentis;
Tu bem sabes, bem ouves, bem sentes
Os soluços que ondulam no espaço,
Quando eu livre te ameigo e te abraço,
Quando em esto palpitas feliz!

Oh, sê livre!—Do esteril rochedo
Aguia altiva se arroja e levanta,
Corta as nuvens, excede-as, espanta
Os que a vêem na altura reinar;
Sóbe e paira,...—No abysmo revolto
Densa nuvem collêa e se agita;
Sóbe e paira,... revôa,... lá grita:
—«Eis-me, ó sol, vim teus raios saudar!»

Sê tu livre, meu anjo que desces
A dourar-me a sombria existencia;
Na tua alma, onde habita a innocencia,
Oh, não turbes o candido alvor.
Vaga, ondêa, percorre no espaço,
Ficta os raios da aurora que esplende,
Vôa e canta, sê livre, desprende
Teus sorrisos que inlevam de amor!

IV

O pae do nosso heroe, como já disse,
Em pontos de honradez e de bom nome
Era dragão da gêma; desgostoso
Em vêr que o doudo filho se perdera
Com tal amor, sentia a cada instante
Aggravar-se-lhe o mal, que já de ha muito
No coração lhe andava solapado.
Cuidados paternaes!... Feliz quem póde
Viver comsigo só, guardar-se inteiro
Dentro em sua alma, extranho ao duro embate
De alheias affeições; ai, mas coitado,
Pobre do que tem presa a cada fibra
Uma esp'rança, uma vida, um ser que adora!

Bemdito sejas tu, cenobio antigo,
Ermo refugio, solitario ninho
Entre os homens e Deus!...—Que me relevem
Este saudoso olhar que eu volvo triste
Aos desvios selvaticos, lá onde
Não chegava o rumor do mundo em festa;
Mas quando vejo alguem, rallado e morto
Em premio de affeições, lembro-me sempre

D'aquelles santos monges que viviam
Longes da terra, isentos, arrobados
Nas continuas visões da pura ascese.

Crescia o mal do velho; Julio, em tanto,
Libava amor nos osculos ardentes
Da amante encantadora. Longo tempo
Supportára tranquillo as rudes vaias
Do pae severo e honesto; finalmente
Resolveu-se a pôr termo ás desavenças,
E retirou-se em paz. Talvez entendam
Que este alvitre de Julio merecia
A mais crua lição da minha musa;
Pois, formosa leitora, se *vossencia*
Não se enfada comigo, dir-lhe-hei sempre
Que a despeito das regras sãs e puras
Da mais pura moral, não imagino
Que o mancebo devesse, ás caturrices
De um velho, embora pae, immolar tudo
Que ha de mais santo e bello na existencia.
Partiu,—fez muito bem; eu n'este caso,
A não mudar de logica, seguia
Estrada egual; deixava o lar paterno,
Ia encostar a fronte macerada
No regaço da amante, e adormecia,
Rindo a bom rir das criticas do mundo.

V

Um dia o velho enfermo receando
Que lhe augmentasse o mal subitamente,
E que a morte... pois não!—venha o primeiro
D'entre os muitos estoicos que ha no mundo,

E que me diga, a mim, que nunca teve
Convulsivo terror do somno eterno.
A morte!... Ó minhas veigas esmaltadas,
Meu ceu azul, meu campo, meus sussurros
Da viração d'abril, meus longos beijos
Por entre os verdes ramos das giestas,
O que será de vós, quando eu tranquillo
Dormir sob uma pedra solitaria!
Não mais não mais, virei sentar-me á tarde
No viso da montanha, e pensativo
Correr meu triste olhar ao longe e ao largo,
Pela extensão dos vastos horisontes;
Não mais heide prestar o ouvido attento
Aos murmurios do rio, á voz das aves
Que em torno vem brincar, ao canto immenso
Que nas azas do vento a Deus se eleva.
Descançarei, então, no horror, no escuro,
Sem que um raio de sol me aqueça o peito,
Sem que aperte em meus braços, sem que os veja,
Os meus anjos de amor e de innocencia!

Ora assim como eu penso muitas vezes
Nos regelos da campa, (sobretudo
Quando um nordeste rijo me fustiga),
Pela mesma razão tremia o velho,
Ou com melhor razão, volvendo a miude
Esta idéa cruel no pensamento.
Junto á beira do tumulo sentado
Lançou em torno o olhar;—que tinha sido?
Que fizera no mundo? o que deixava?
A maldição?... as lagrimas?...—Na mente
Levantou-se-lhe, então, sombrio e horrendo,
Esse phantasma enorme do passado.

Isto, tratado agora seriamente,
Com certas condições de fórma inchada,
Podia dar-me um drama furibundo,
Capaz de espedaçar as fibras d'alma.

Imagine o leitor que eu não despreso
Este lugubre ensejo, e principio
A contar-lhe, n'um tom soturno e cavo,
A historia mais cruel, mais estupenda,
A que humanos remorsos deram causa.
Era assumpto fallado; com certeza
Não tinha só banquete, ou cêa, ou brinde
Em preito á minha muza; os litteratos,
E o jornalismo inteiro, (que percebe
D'estas questões de gosto em verso e prosa),
Encommendavam logo ao Constantino
Uma c'rôa de louro... á sua custa.

Pois, perca o que perder, não me abalanço
A negras descripções; basta que saibam
Que ao cabo de tres dias, lacerado
Pela memoria atroz do que fizera,
O velho quiz, emfim, revelar tudo
Que lhe estava roendo a consciencia.
Inda pôde escrever; nas poucas linhas
Que ao filho dirigiu, só lhe dizia
Que não tardasse em vir, que a força ha muito
Lhe hia fugindo, que mil cousas graves
Lhe tinha a relatar; n'um *post-scriptum*
Accrescentava mais: — «Podes trazel-a,...
«Quero antes de expirar mostrar-te, filho,
«Que te amo e te perdôo!... Vem, não tardes,
«Que te quero abraçar, Julio, meu Julio!»

VI

Bemdita sejas, bemdita,
Ó divina providencia,
Que o teu olhar de clemencia
Estendes sobre o infeliz;

Quando as miserias da vida
Nos pungem mais dolorosas,
Então nos cercas de rosas,
Então mais bella sorris.

Tu dás ninho ás aves timidas
Que giram pelo deserto,
Ao nauta que vaga incerto
Das-lhe o fanal protector,
Ao caminhante perdido
Dás a estrella que resplende,
E ao longe o fogo que acende
Um solitario pastor.

Ao pobre lyrio que assoma
Por entre as junças do brejo,
Não falta nunca o bafejo
De um raio que manda o céu...
Que tem, se um dia nos deixas
Luctar na angustia insoffrida?
Ai, do que jámais na vida
Uma lagrima verteu!

Creio em ti, ó providencia,
Tenho fé no teu auxilio,
Nas trevas do meu exilio
Tambem te hei visto brilhar;
Então repouso tranquillo
No teu seio de esperança,
Como o naufrago descança
Nas ribas d'ao pé do mar!

VII

Poucas horas depois Julio relia
A carta de seu pae; tropel de idéas
Lhe salteava a mente, o peito ancioso
Batia-lhe febril.— «Podes trazel-a?!...»
Mas para que?... leval-a?... o que servia?...
Perdão!... Que outro perdão podia o mundo
Dar áquella mulher, que se remira
Ante os olhos de Deus, e aos proprios olhos
Da consciencia?... Ai, não, não carecia
Que a mão de um velho, tremula descesse
A pousar-lhe na fronte angustiada,
Quando a c'rôa de espinhos lacerantes
Lh'a baptisára já com sangue e lagrimas.

Oh, mas partir sósinho, ter em pouco
A viva commoção do amor paterno
Que podera abater a austera fronte
D'aquelle homem!... jámais; era preciso
Levar a pomba inerme ao sacrificio,
Curval-a aos pés do pae, dizer ao anjo
Que se humilhasse alli, que devorasse
A derradeira gôta ao fel da angustia.
Partiram. Deixo agora ao pensamento
Do meu leitor sagaz o vasto esboço
D'esta scena, onde os intimos affectos
Se haviam de agitar, onde a procella
D'estes tres corações sería horrenda.

VIII

O sol batia em cheio nas vidraças
Das janellas amplissimas do quarto,
E desparzia alegre os raios vivos.
Havia um não sei quê de augusto e grande
N'essa enchente de luz, que vinha pura
Affugentar as nuvens de tristeza,
Que os pallidos semblantes carregavam.

Mal que Julio chegou do leito á beira,
E que a amante, curvada e silenciosa
Se avizinhou tambem, subito, um grito
Do velho, um grito enorme e concentrado,
Como que a vida inteira resumindo,
Quebrou toda a mudez;—ella fictou-o,
A mêdo um pouco, de repente ousada,
Firme no olhar, extatica, embebida,
O seio oppresso, o halito suspenso,
A convulsão nos labios,...—céus, que abysmo,
Que phantasmas de horror surgindo inteiros
N'esse doudo tropel de idéas vagas!

O velho ergueu-se então; meio inclinado
Sobre o peito do filho, livremente
Deixava o pranto deslizar-lhe em bagas.
Os soluços gemiam-lhe lá dentro,
O coração quebrado debatia-se
Em contracções febrís, o inferno aberto
Sentia-o já nos seios d'alma afflicta.
Essa debil mulher, pallida e triste,
Vinha, em nome de Deus, surgir-lhe á beira
Do derradeiro leito, e condemnal-o,

E alli, junto do filho, recordar-lhe
Toda a torpeza vil do seu passado.
E era ella, a mesma, o anjo, a pobre martyr,
A amante do seu Julio!...—O pensamento
Volitava-lhe então, perdido e incerto,
Como a penna de um cysne rodopia
No vortice infernal da tempestade.

Julio n'um volver d'olhos, poude logo
Decifrar o mysterio; combinando
A historia da infeliz com varios casos
Da vida de seu pae, sentia o abysmo
Rasgar-se-lhe ante os pés,—e a vida, e os sonhos,
E o seu amor, e as rosas de ventura,
Tudo, tudo n'um ai se lhe affundava.
Quiz partir e não poude; o sangue ardido
Correu-lhe ao peito em ondas tempestuosas.
Sentiu no rosto a mão tremula e fria
Do seu anjo,... fictou-a,...—deslumbrava
O sorriso de paz, o claro brilho
D'aquelle dôce e angelico semblante.
Depois, como o rumor da aragem tepida
Que ao pôr do sol cicía entre a folhagem,
Ouviu-lhe desprender, junto do velho,
A sonorosa voz n'estas palavras:

—«Perdôo, sim, não chores; do passado
A memoria cruel de mim se esvae;
Amor de redempção, amor sagrado
Nos ergue e nos sorri,...—tu és meu pae!

Oh, sim, bem sei que um dia, ao pé de um leito,
Curvado, e triste, e pallido te vi;
Que um pobre velho te apertava ao peito,
Que tu choravas, tu,... depois soffri.

Era pequena—á mingua, á desventura
Por este mundo errante caminhei;
Caíu-me em derredor a noute escura,
E nas çarças do monte os pés rasguei.

Prostrada de cansaço e desalento
Deixei-me succumbir á immensa dôr;
Fustigou-me a rajada, e fui no vento,
De brenha em brenha, exanime e sem côr.

Ninguem me viu; eu só, co'a minha pena,
Em lagrimas banhava o coração;
Veiu um raio do céu,—a Magdalena
Sentiu-se erguer á voz da redempção!

A carregada nuvem que descera
Affogou-se nas ondas d'essa luz;
Vi despontar risonha a primavera:
Amor fez puro altar da minha cruz.

Hoje apago da mente a triste imagem
D'essas crueis angustias que soffri;
Arrebatada aos seios da voragem
Venho sentar-me alegre ao pé de ti.

Hoje, remida, elevo-me contente,
Minh'alma abre-se em paz, qual tenra flor,
Dissiparam-se as trevas de repente
Aos clarões immortaes do meu amor!

Que importa o que eu penei?...—Quando a alegria
Nos faz do mundo inteiro um puro céu,
Ninguem pensa nas lagrimas que um dia
Em delirios e em supplicas verteu.

Perdôo, sim, não chores, do passado
Tudo que é sombra e macula se esvae;
Amor de redempção, amor sagrado
Nos ergue e nos sorri,... tu és meu pae!

Aperta-me em teus braços; novo brilho
Me inflamma agora o peito, e me reluz;
Eil-a, a benção de Deus desce a teu filho,
Que fez altar de amor, da minha cruz!»

A luz do sol, que em jorro o innundava,
Era sublime o quadro: confundidos
No mesmo estreito amplexo, unidos todos
N'um osculo de amor, presos, absortos
Na commoção do jubilo, deviam
Sentir como que os lyrios da innocencia
Viçarem-lhes, então, nos seios d'alma.
E ella, formosa e candida, alongava
Tranquillamente o olhar pelos desvios
Do firmamento azul,—e parecia
Ver-se adejar em torno d'aquelle anjo
O sorriso de Deus na luz de um rayo!

Janeiro, 1865.

INDICE

I Fernando..... 1
II Visões..... 26
III Canto do Adail *(A Partida)*..... 30
IV Deus..... 36
V A Segadora..... 35
VI Saudade..... 38
VII Só eu..... 41
VIII Recordações..... 44
IX Perdão..... 47
X Transfiguração..... 49
XI Porque?..... 53
XII Beppa..... 55
XIII Sursum Corda..... 73
XIV Anjo ou mulher..... 75
XV Tristesa sem motivo..... 77
XVI Innocencia e morte..... 80
XVII Devaneio..... 83
VVIII Cura de amor..... 85
XIX Enleio..... 89
XX Perdida..... 91
XXI O pôr do sol..... 93
XXII Sonhei-te..... 97
XXIII O barqueiro..... 100
XXIV Ai de ti!..... 104
XXV A Polonia..... 108
XXVI Flores e amores..... 111
XXVII O suspiro..... 113
XXIII A Carolina..... 115
XXIX O teu olhar..... 119
XXX Aspirações..... 121
XXXI O lyrio do val..... 123
XXXII Voltaste..... 150
XXXIII A Emma..... 153
XXXIV A caridade..... 156
XXXV Folgae..... 158
XXXIV A uma rosa..... 161

XXXVII A Manuela Rey..... 163
XXXVIII Ut unda perfida..... 165
XXXIX Confidencias..... 168
XL A vida..... 171
XLI Ao alvorecer..... 174
XLII O anjo ignoto..... 176
XLIII Resignação..... 179
XLIV Não mais..... 182
XLV Dulce tempus..... 184
XLVI Choravas..... 188
XLVII A..... 190
XLVIII Vem!..... 193
XLIX Melancolia..... 166
L Ignoto Deo..... 199
LI Sunt lacrymæ rerum..... 202
LII O anjo caído..... 206
LIII Supplica..... 209
LIV O teu amor..... 212
LV Castigo..... 214
LVI Enthusiasmo..... 216
LVII Desengano..... 219
LVIII Adeus..... 222
LIX A Garrett..... 224
LX A minha muza..... 229
LXI Canto do Adail (A volta)..... 231
LXII Lembras-te?..... 234
LXIII Sombra e luz..... 238
LXIV A aurora do poeta..... 242
LXV Luiz XVI..... 244
LXVI Saudade e amor..... 248
LXVII O passeio de inverno..... 250
LXVIII A Helena..... 253
LXIX Brisa e flor..... 256
LXX Magdalena..... 258

ERRATAS IMPORTANTES

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
2	1	poeta e pobre.	pobre e poeta
16	6	gostar-lhe	gastar-lhe
22	21	avultavam	avultam
84	5	encantos	cantos
86	30	triste	tristeza
281	17	brancas	broncas.

OCT 1 1933

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 330 853 7